REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLV

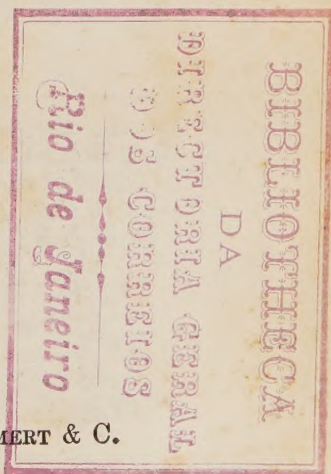
PARTE I

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71.

1882

JORNAES DAS VIAGENS

PELA CAPITANIA DE SAO-PAULO

DE

Martim Francisco Ribeiro de Andrada

estipendiado como inspector
das minas e matas, e naturalista da mesma capitania, em 1803 e 1804

COPIADOS DOS ORIGINAES QUE POSSUE O SOCIO

FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN

E POR ESTE OFERECIDOS AO INSTITUTO (*)

Jornal de viagem por diferentes villas até Sorocaba, principiada a 26 de Janeiro de 1803

Parti pelas 6 horas da manhan da cidade (**) para a villa de Paranahiba: logo na sahida algum tanto adiante da ponte do Angabaú aparece um terreno denegrido arenozo com todos os vizos de turfaceo; depois predomina a formação observada em todos os arredores da cidade, isto é, um terreno argilozo, siliciozo em partes, com alguns seixos de quartzo; esta parte argilozo-silicioza

---

(*) O ofertante acompanhou as copias da seguinte nota:

« Estas duas cópias são tiradas dos originaes com a assignatura autografa do autor, os quaes encontrei entre os papeis de meu defunto pai, companheiro de viagem de Martim Francisco em 1810, que naturalmente então lh'os offereceria. Infelizmente são as notas demasiado excassas; quanto á profundidade das observações, os botanicos e os geologos dirão o que crêam de justiça. »

Na *Revista Trimensal* tomo IX pag. 527, vide: *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de São-Paulo em 1805*, pelo conselheiro Martim Francisco.

(**) Cidade de São-Paulo.

parece ser devida á decompozição do schisto argilozo primitivo; a cor d'este terreno passa pelas gradações seguintes: amarelo vivo, vermelho carregado, amarelo esbranquiçado, amarelo passante ao cinzento denegrido; nas tres primeiras predomina a argila corada pelo ferro, supozição confirmada por alguns schistos, que erão muito ferruginozos; no amarelo esbranquiçado predomina a silice; e o amarelo passante ao cinzento denegrido é devido á mistura da argila, e de humus fornecido pelos vegetaes em podridão.

Em todo este caminho até á passagem do Tieté observei, de quando em quando, veios de quartzo branco; passando alem da ponte, o terreno, que até então se extendia sem quazi alteamento algum, deixando aos viageiros a liberdade de apascentarem suas avidas vistas por vastas e rizonhas campinas, começou a elevar-se e a formar colinas retalhadas por amenos vales; n'elles e nos cumes dos pequenos cabeços se vião, de quando em quando, bosques plantados pela mão da natureza, como exemplo que devia ser imitado pelo homem indolente. Subindo uma d'estas colinas vi ao lado direito massas ou blocos de granito quazi perpendiculares, sobre cujo cimo estavão dous urubus (*vultur aura*, Lin. Gm.) que afugentei em razão dos meus exames, não obstante o estarem senhores d'ellas por direito de posse.

Obrigado pelo calor do dia dirigi-me á fazenda do vigario da aldeia de Baruiri, o qual me recebeo com toda a bondade. Este padre, longe de tirar lucros da sua vigararia, despende pelo contratrio com os seus freguezes grande parte dos produtos de sua lavoura. Elle planta para seu uzo o fumo (*nicotiana tabaccum*), milho (*zea maiz*), feijão (especies do genero *phaseolus*), bananeiras (*musa paradisiaca*, e *sapientum*), e mandioca (*jatropha maniat*); e toda esta plantação é entregue ao cuidado de seis escravos, os quaes tambem estão encarregados da criação e costeio de seis centas cabeças de gado, entre vacum e cavalar.

Si toda esta capitania situada debaixo do melhor ceo do mundo, e tão cheia de riquezas naturaes, fosse habitada por homens industriozos, e amigos do trabalho, em

breve chegaria ao maximo da prosperidade ; o povo seria feliz e abastado, e d'ella seria bannida a mendicidade, que hoje tanto grassa á similhança da Europa. Admirei-me de ouvir dizer a este padre, que os dizimeiros cobravão dizimos de galinhas e ovos, e que os escravos pagavão 160 reis por cabeça nos domingos, e dias santos, em que trabalhavão *et alia ejusdem furfuris* : similhantes dias forão instituidos para serem santificados, e para descanso dos póvos; mas os dizimeiros aproveitão-se do abuzo d'esta instituição, para porem em pratica outro abuzo.

Parti d'esta fazenda pelas cinco horas e meia da tarde ; com bem pouco desvio, e sempre chegado ás margens do Tieté, fui ter á villa de Paranahiba; a natureza do terreno sempre a mesma até anoitecer. Em todo o caminho os bosques erão de angico, de cuja casca se servem os naturaes do paiz para cortir couros, arueiras, guaiabeiras (*psidium pyriferum*), araçazeiros (*psidium foliis lanceatis, obtusius culeis*), embaúbeira (*cecropia pettata*), e de algumas arvores, cuja madeiras são bôas para construção, como são a taguva, caburiuva (*myroxylon perúifera*), peroba, cedro (*cedrella odorata*), canela (*an laurus* ?) jacarandá (*bignonia cerulea*) , guatabu, uvamerim. As aves, que vi, forão urubús, bem-tevis (*tanius pitanguá*), e caracará (*falco brasiliensis*).

Esta villa está situada nas margens do Tieté, sua povoação anda por dois mil e cincoenta habitantes, e quazi nunca passa d'isto pela dezerção continua dos homens, e pelo pequeno numero de cazamentos, que annualmente nunca chegão a mais de dezasete ; verdade é, que para esta dezerção têm concorrido os vexames, que o povo sofre pelas continuas recrutas ; e da falta de homens provinda, ou d'esta cauza, ou de se terem dado muitos á vida ecleziastica, nasceo um celibato necessario, sistema tão contrario ao crescimento dos paizes novos.

A cultura de todo o termo d'esta villa consiste em feijão, milho, algodão (*gossipium herbaceum*), cana de assucar (*saccharum officinale*), e já algum café (*cofea arabica*) ; admirei-me sómente de não ver introduzida a cultura do anil (*indigofera tinctoria*), sendo este arbusta silvestre, e em tanta quantidade. Paranahiba abundo

tambem de vegetaes medicinaes, como são abutua (*cisampelos pareira*), de ipecacuanha (*viola ipecacuanha*), e de uma arvore, cuja casca pelo seo amargo se emprega em algumas molestias em lugar da quina ; não a pude analizar por não ser tempo da sua floressencia.

27 DE JANEIRO

Occupei toda a manhan em tirar varias informações sobre algumas raridades, que se achão nas circumvizinhanças da villa; de tarde sahi a ver a igreja matriz, edificio sem gosto, mesquinho, que mais se parece com claustro do que com templo; d'ahi sahi com o Rdo. vigario a examinar os bancos calcareos, d'onde se tira a pedra para o forno da cal.

O terreno de todo este caminho é argilozo de diferentes côres, e as vezes muito siliciozo por efeito da decompozição dos veios de quartzo, e do grés grosseiro, de que falarei para diante. A direção do primeiro é variavel. Quanto ao grés, é formado de cristaeszinhos de quartzo reunidos de maneira que tem o aspecto de grés assaz grosseiro, bem que a união dos ditos cristaes seja tão pequena, que com o menor xoque se separão logo; esta pedra é coberta de uma crusta ferruginoza, o que faz a primeira vista tomal-a por mineral de ferro. Sua direção é em diferentes sentidos. O terreno continuou vermelho, e vermelho muito escuro, até um quarto de legoa, onde está a caiera, que fica a oeste da villa.

Ahi observei o forno, em que se faz a cal, para o qual se servirão do morro, cavando-o circularmente sem atenção á figura, comprimento, e largura; o que tudo deve influir muito. O forno está proximo da pedreira, d'onde se extrae a pedra. Os bancos são de pedra calcarea secundaria, densa, grizea escura com seos pontos espaticos; a direção d'estes bancos é léste oéste; queda ao sul.

Acabado este exame, tornamos para caza, onde fui vizitado por algumas pessoas, que me agradarão por sua franqueza, e com quem conversei a respeito de algumas minas de ouro, de que abundão as circumvizinhanças, e que amanhan pertendo vizitar.

28 DE JANEIRO

Sahi a examinar as minas de ouro de Joquiri-guassú e Joquiri-merim, que desaguão no Tieté. Tornei a passar o ultimo rio e caminhei por entre diferentes plantações; o terreno sempre da mesma natureza que o do dia antecedente; vêem-se, de quando em quando, veios de quartzo branco com diferentes direções, porém a mais geral é léste oéste; e entre o terreno argilozo amarelo vivo fragmentos de ocre amarela, que os naturaes chamão taguá, algumas vezes muito impuro, e por isso de menor bondade. Depois em outra colina aparecerão no mesmo terreno bancos de schisto argilozo primitivo mais ou menos ferruginozo; este schisto faz ás vezes passagem ao schisto novacular, e me asseverarão, que havia sofriveis pedras de afiar da outra banda da colina.

Ultimamente cheguei á formação aurifera: este terreno tambem é argilozo; cavando-se a superficie, descobre-se logo a brecha aurifera, denominada pelos mineralogistas *pouding*, a qual entra nas pedras empastadas não cristalizadas; ella é de cimento siliciozo, e contém fragmentos arredondados de quartzo, de grés, de schisto argilozo, as chamadas pedras de capote, que julgo ser grau-stein, e outras pedras. Esta brecha chamão os mineiros cascalho, advertindo que na superficie, onde está mais decomposta, dão-lhe o nome de desmonte: ella assenta ou pouza sobre um barro mais ou menos siliciozo, que denominão pissarra, ou branca, ou amarela, ou vermelha, ou rôxa, ou azul, conforme a cor predominante d'ella.

Mandei dar algumas bateadas, e extrahi uma pequena porção de ouro fino. É pena, que esta mina, e outra, que amanhan pertendo vizitar, si o tempo der lugar, estejão por trabalhar; creio, que a mizeria geral e falta de braços é que tem feito largar tão bellos estabelecimentos: só a importação de negros, ou novos cazaes de povoadores, a quem se dessem socorros, remediarião estes inconvenientes, e até contribuirião a despertar os povos da sua costumada indolencia.

Em todo este terreno decorrido não achei senão terras incultas, e apenas duas fazendas com plantações de

algodão e de outros generos, que cá se costumão plantar, e tambem seu pomar de arvores de espinho. Entre as arvores, que a natureza dispensou por todo este caminho, fizerão-me notar a canafistula, de cuja casca se servem tambem os do paiz para cortir seus couros ; d'ella uzão mais que da do angico, por isso que o couro cortido com ella é mais macio, branco, e mais duravel.

Uma observação, que tenho feito, é que toda a gente do campo, apezar de ser mais sincera, afavel, e franca que a da cidade, ao primeiro encontro se enche de desconfianças, e foge, si é possivel, aos viandantes, mórmente sendo militares, ou homens de justiça; creio, que uma tal desconfiança nasce das injustiças, que se commetem por efeito de ordens mal entendidas, ou executadas por malvados, amigos da dezolação dos campos, e da ruina dos camponezes.

O máo tempo me obrigou a finalizar com os exames d'este dia, e ahi pouzei n'um sitio proximo de um honrado velho, que nem por isso vive izento das insolencias de um vizinho; este continúa sempre em apossar-se das terras do bom velho, não obstante ter tido a este respeito sentença contra da Relação do Rio; parece, que aqui as leis não têem vigor, ou que a força é o unico direito.

29 DE JANEIRO

Sahi a examinar as lavras do Taboão, e de Santa-fé. Quanto ao terreno é da mesma natureza, que o do dia antecedente; em partes vê-se á superficie o *pouding* já decomposto, desmonte na fraze dos mineiros; na parte, que me pareceo mais apropriada, mandei tirar cascalho, e laval-o; do que rezultarão alguns grãos de ouro ; todavia não desconfio da riqueza d'estas minas, porque o ouro d'ellas é grosso, e ouro d'esta qualidade vem quazi sempre em manchas; alem de que a natureza geognostica do terreno o indica, e fica comprovada com a asserção de homens, que têem trabalhado n'estas minas.

Não esqueça, que entre o *pouding* d'estas lavras, e no que aparecia á superficie do caminho, achei muitos cristaes de rocha lindos, cristalização prismada de seis faces,

terminado por piramides hexagonaes. Quantas riquezas não darião estas lavras a seus possuidores, si ellas fossem trabalhadas segundo as regras da arte por homens industriozos, amigos do trabalho, homens livres, e não vexados pelo pezo da escravidão !

O grande erro, que tenho achado em todos os emprehendedores de extração de minas de ouro, é que os trabalhadores cuidão tambem na lavoura ; d'aqui nasce, que nem ouro, nem produtos de cultura. Depois é precizo ter bons mestres de minas, e não os que por cá ha, que são quazi todos ignorantes.

Findos estes exames, sahi das lavras de Santa-fé para a villa ; passado o primeiro monte, mudou o terreno, e começarão a aparecer bancos de schisto argilozo primitivo, mais ou menos ferruginozo, cortados por veios de quartzo branco. Não havia regularidade na direção dos veios, e dos bancos ; estes entranhavão-se quazi perpendicularmente. O terreno é um barro vermelho, e outras vezes vermelho passante a rôxo, e muito ocraceo. Uma legoa antes de chegar á villa tornou-se amarelo desmaiado e muito siliciozo, e então observei bancos de um grés grosseiro e muito esboroadiço : ultimamente predominou o primeiro terreno, o qual continuou até á villa.

N'esta jornada desde as lavras para a Paranahiba vi muito arbusto silvestre de anil, com grande dó de não ver aproveitadas tantas riquezas, que a natureza nos oferece sem escasseza, porém devo confessar, que o apinhoamento de fazendas, e abundancia de terras cultivadas diminuirão em parte o desprazer, que me cauzou esta marca sem replica da indolencia paulista, e até disfarçarão por algum momento os incomodos, por que passo viajando por entre o mato : as estradas d'este paiz são peiores que os atalhos em Portugal. É para admirar o desleixo das camaras no que respeita a concerto de caminhos.

30 DE JANEIRO

Demorei-me na villa a descansar do trabalho dos dias antecedentes.

31 DE JANEIRO

Exame das lavras de Buturuna, e do Morro-branco

Parti de Paranahiba, e proseguí minha excursão por um terreno barrento muito avermelhado, cortado em partes de veios de quartzo branco, em partes vermelho carregado, coberto de uma arêia ferruginoza, que no paiz chamão esmeril, indicio certo de ouro por acompanhar as minas d'este metal; ás vezes via-se a brecha poudinguica patente n'aquelles lugares, em que a estrada cortava mais profundamente o caminho; o que durou até o regato do Itahimerim, onde dei algumas bateadas, e obtive ouro grosso: este achado confirmou o que prometia a natureza geognostica do terreno.

Dirigi-me d'aqui para o Itahiguassú; o terreno conservou-se sempre o mesmo, sómente na proximidade do Buturuna é, que passou a amarelo, e amarelo esbranquiçado, com muita arêia, talvez devida á decompozição de um grés de diferentes cores. Estes dous regatos dezagoão no Tieté, junto a cujas margens fiz a mór parte d'esta excursão.

Chegado a Buturuna, observei então claramente os bancos de grés, de cor cinzenta esbranquiçada e textura tão unida, que já faz fogo com o fuzil. Do trabalho feito n'estas lavras não obtive ouro, o que era impossivel, visto serem ellas de vieiros, e estarem estes perdidos; achei sómente entre o *pouding* cristaes de rocha. Os bancos de grés continuarão até o Morro-branco, e juntamente os veios de quartzo.

Buturuna, Morro-branco, e outros jugos desvairados, ramos da serra do Japi, cortados por amenos vales, regados por cristalinas agoas; alguns d'elles cobertos de arvoredo; uma vegetação sempre activa; a natureza emfim ilimitada em suas grandezas, encherão-me de prazer, e me fizerão dar por bem empregada a digressão d'este dia, não obstante o calor, que era intenso.

As arvores observadas são as mesmas, que as nos dias antecedentes, e só vi de mais anil silvestre, e butua.

Chegado ao dito Morro-branco, achei, nas faldas d'elle e junto a um corrego, o mineral de ferro magnetico em pedras soltas, grandes, e muito pezadas, mas não em tanta quantidade que mereção extração em grande; sua fractura é

granoza, cor grizea de ferro, é muito sensivel á bussola, e pezada. Cuidei distinguir uma direção norte sul n'este mesmo dezarrumamento do mineral.

Si elle se entranhar por terra dentro em abundancia, com bella pedra para ouragem, pedra calcarea para castins, bastantes matas para carvão, e immensas agoas necessarias ás maquinas hidraulicas, que hão de pôr em movimento de foles e malhos, com tudo isto não pode achar-se melhor local para se estabelecer uma fabrica. Por isso que melhorada a estrada do Baruiri, que fica d'aqui a tres legoas, é facil embarcar o ferro em canoas, ou barcas chatas, e fazer a navegação pelo Tieté, rio dos Pinheiros, Rio-grande, e Rio-pequeno, transportal-o ao Cubatão e d'ahi a Santos: igualmente se póde transportar com facilidade para Porto-feliz, e d'ahi embarcal-o para Mato-grosso.

Achei tambem n'esta excursão bancos de pedra calcarea de cor grizea esbranquiçada, da qual falarei adiante; e subindo ao cimo do Morro-branco, bancos de uma rocha esbranquiçada, granoza, tecido unido, de aspecto e natureza quartzoza, fazendo fogo com o fuzil, muito similhante a uma rocha quartzo-granoza alternante com o schisto argilozo primitivo de celada chan em Figueiró dos Vinhos, que póde servir para a ouragem; a direção d'estes bancos é norte sul, e se inclinão para oéste; elles são cortados indistintamente por veios muito possantes de quartzo. Findo este exame, dirigi-me aPirapora, pequeno lugar nas margens do Tieté, onde se acha uma capela do Senhor Bom Jezus; deixei aqui a minha gente e voltei a Paranahiba.

1.º DE FEVEREIRO

Desci ao Tieté, em cujas margens fica esta villa, como já disse, e ahi vi a pequena ilha de Itapeva, que divide o rio em dois braços; desde este lugar principião caxoeiras intranzitaveis, rochas immensas, que se extendem até perto do Baruiri, e dificultão a navegação; si estes obstaculos forem amiudados de Itú para cá, como me assegurão, não haverá outro remedio senão transportar o ferro de Sorocaba por terra até a mencionada aldeia, e d'ahi embarcal-o no Tieté, rio dos Pinheiros, Rio-grande, Rio-pequeno etc.

2 DE FEVEREIRO

Voltei a Pirapora, e então examinei os dois saltos, que aumentão a dificuldade da navegação d'este rio ; as barcas chatas, que chegarem até aqui, seguramente não podem passar para diante, senão havendo o cuidado de as varar por terra.

Visto isto, tornei segunda vez ao Morro-branco, e fui ao lugar, em que se fez o forno de cal ; este tem vinte e seis palmos de comprimento, e dezoito na maior largura, isto é, na baze da parte superior; o lugar não foi mal escolhido quanto á proximidade das linhas, porém está cercado de colinas, que dificultão o transporte, e a meu ver as dimensões não são proporcionaes ; e por isso deixarão a obra sem completal-a. Figura d'este forno é uma piramide conica truncada inversa ; servirão-se do mesmo monte para o fazer.

Os bancos de pedra calcarea estão muito vizinhos, e são de boa qualidade, uma esbranquiçada, e outra acinzada, com direção léste oéste pouco mais ou menos.

Em geral tenho-me admirado da incuria d'este povo, que inda não soube tirar proveito de tanta pedra, edificando as suas cazas com parede de pedra e cal, e não taipas, e deixando pela cal o maldito uzo da argila branca, ou tabatinga.

Examinei de novo o terreno argilozo vermelho e escuro, em que se acha o mineral de ferro magnetico, e hoje tenho visto espalhado por muito mais partes, talvez para ahi transportado por circunstancias locaes ; em consequencia do que será bom fazer excavações em diferentes pontos d'este terreno afim de ver, si acazo se descobre maior quantidade do mesmo mineral assim dezarrumado ; igualmente achei no dito morro pedaços de argila de porcelana, os quaes por efeito das chuvas se despegarão do banco principal, e cahirão ao longo do monte.

Devo advertir, que no Itaqueri, meia legua distante de Pirapora, em um terreno argilozo, amarelo esbranquiçado muito siliciozo, achei verdadeiro silex, e que igualmente tornei a achar na outra banda do Tieté á borda do rio, talvez acarretado para ali com as chuvas. Tambem não devo passar em silencio de que fui examinar as lavras de

um corrego, sitas em distancia de meia legoa de Pirapora para a parte oposta, onde dizem se achara estanho nativo; em todo este caminho só vi bancos de grés cortados por veios de quartzo; n'a uella parte do corrego, em que aparecia a brecha aurifera, mandei dar algumas bateadas, e obtive ouro fino.

Tornei d'aqui, passei o rio para a banda de Santa-Quiteria, e dobrei a esquerda para o rasgão, que os mineiros tinhão principiado, com o fim de fazer correr por elle o Tieté, e extrahir o ouro das duas legoas de volta, que ficassem em seco, visto ser todo este espaço muito aurifero por alguns exames, que fizerão. Si este rio fora todo navegavel, seguramente este trabalho não só utilizava aos emprehendedores, mas até encurtava a navegação. Findo este exame, parti para Santa-Quiteria, aonde pouzei.

3, 4, 5, 6, 7 DE FEVEREIRO

Sahi de Santa-Quiteria para o Monserrate, e Penunduva: n'esta excursão, q e me levou tres dias, andei sempre proximo á serra do Japi, e cinco vezes passei o Jundiovira, rio, que nasce do morro de São-Jeronimo, um dos que formão esta grande serra. Todo o terreno é amarelo esbranquiçado e acinzado, algumas vezes muito siliciozo, efeito da decompozição de um grés esbranquiçado, e de outro grizeo.

Subindo um dos cabeços d'esta serra, observei veios de uma pedra silicioza de fractura escamoza, aspecto e semitransparencia de cera, mormente nas bordas, côr branca acinzada, que julguei ser petro-silex: estes veios cortavão os bancos de uma rocha de natureza silicioza com fragmentos de quartzo. Este monte está todo coberto de arvores, que pela sua altura e grossura atestão não só a sua duração mas até a vegetação e fertilidade do terreno: aqui observei embaúbeiras (*cecropia pettata*), arvore de cupaúva (*cupaiffera officinalis*), o tapixinqui, que não pude classificar por não ser tempo da sua florecencia, cuja casca dá mui boa tinta roxa, e o cauxim, cujo leite é um caustico muito activo, e outras.

Que bella colheita para um naturalista, que fizesse uma viagem botanica em tempo apropriado n'um paiz tão

pouco conhecido e examinado! De certo enriqueceria a sciencia de vegetaes novos, uteis á medicina, tinturarias, e artes.

Em Monserrate examinei as diferentes lavras de ouro; a mesma brecha aurifera com muita ocre de ferro amarela de permeio, foi todo o meu achado: tanto das duas lavras, como de um ribeirão junto a uma caxoeira, cuja rocha os mineiros pertenderão quebrar, obtive ouro fino.

Agradou-me em demazia a fazenda de um capitão de milicias; este homem industriozo soube transformar um terreno inculto em um lugar de recreio; elle fez uma caza de campo muito asseada para sua morada, ao lado um jardim sofrivel para o Brazil, alem de um lindo pomar, no qual se achão muitos frutos da Europa: tem demais uma bonita capela, de que é padroeira a Senhora do Pilar, imagem muito milagroza, segundo dizem; verdade é, que grande parte d'estes milagres me fizerão rir, porque se reduzião a ter curado enfermos, não obstante poder-se atribuir o restabelecimento d'elles ao uzo dos remedios, em que estiverão.

Bem que n'esta jornada passasse por muitas fazendas, admirei-me com tudo de ouvir, aos que me acompanhavão, mencionar lugares hoje incultos, que forão antigamente cultivados por familias ja não existentes: esta estinção das familias ou de seus descendentes é devida, segundo elles me afirmarão, á dezerção d'ellas produzida pelos vexames dos governos, ou ao maldito sistema do celibato tão contrario á povoação, que se exige nos paizes novos.

As observações feitas na jornada do Monserrate para Penunduva são as mesmas, que as do dia antecedente; e obtive ouro d'aquellas partes, em que a natureza geognostica do terreno o permitia. A cultura geral de toda esta parte da capitania consiste em plantações de milho, feijão, algodão, e fumo, e á proporção que me avizinho de Itú, aumenta a cultura da cana do assucar.

Tenho-me admirado de ouvir contar os castigos, e máo trato, que sofre da parte dos senhores, particularmente em Itú, esta desgraçada raça africana; não basta a injustiça de um trafico tão vergonhozo para a humanidade, inda augmentamos nossos crimes, pagando tão mal os seus serviços: mas a natureza, que nada deixa sem recompensa, em

premio de nossos furores nós priva por uma reação justa dos seus serviços antes do tempo, faz grassar em o nosso paiz molestias endemicas da Africa, e deteriora nossos costumes pela communicação com elles, pois no seio da escravidão só podem germinar enxames de vicios, e baixezas.

Não sei como o ministerio se não tem lembrado de marcar por uma lei o poder dos senhores sobre os escravos, limitando castigos que horrorizão, e obrigando a sustentar e vestir estes infelizes até o fim da vida: si por ora não é possivel extinguir a escravidão no Brazil, é ao menos facil adoçar o rigor d'ella.

Na minha jornada de Penunduba para uma fazenda distante quatro legoas de Itú, jornada feita junto ás margens do Tieté, observei a mesma cultura e os mesmos arvoredos; quanto porém ás observações mineralogicas forão bancos de um grés mais ou menos ferruginozo, e á borda do rio novamente bancos de granito com a direção já mencionada: este é as vezes de um tecido mais unido, e cristaes menores, outras vezes abunda de muita mica negra, e por isso tem um aspecto acinzado denegrido, e finalmente se acha em partes decomposto; elle é cortado de quando em quando por veios de quartzo branco com diferentes direções.

Demorei-me um dia n'esta fazenda, e recolhi-me no seguinte a Itú. Esta villa está situada em uma baixa, e como o terreno é uma areia grossa misturada com pouca argila, por isso os raios de luz, sendo reflectidos, aumentão o calor, que se sente; as ruas são bem alinhadas, porem a mor parte das cazas tão abaiucadas, e baixas, que me julguei outro Gulliver, viajando pelo paiz dos pigmeos; faltou-me sómente, para melhor realizar esta supozição, apagar alguns incendios a seo modo: os templos são ricos e bons, a igreja matriz é das melhores da capitania, tem um hospicio de carmelitas muito lindo, e um convento de franciscanos, alem de duas capelas, uma do Senhor Bom Jezus, e outra de Santa-Rita.

A cultura é a já mencionada, ajuntando a do café, a que se vão aplicando com toda a força: o numero de engenhos anda por 134, e o assucar fabricado por perto de 100 mil arrobas; só o subsidio literario subio o anno passado

a quinhentos e tantos mil reis; creio ser uma das villas de mais cultura, e de mais reditos para a corôa. Sua povoação sobe a cima de 8.000 habitantes, a qual vai sempre em crescimento, não só pela concurrencia de homens das outras villas atrahidos pela fertilidade do terreno, mas tambem pela abundancia de cazamentos. O furor de cazar é tal em Itú, que até cazão homens e mulheres aleijadas.

8 DE FEVEREIRO

Jornada para o salto do Tieté

O caminho ao principio foi argilozo siliciozo mais ou menos avermelhado, cortado por diferentes veios de quartzo branco; n'elle achei tambem pedaços de ocre de ferro vermelho escuro, misturado com muita argila e silice; á proporção que me avizinhei do salto, o terreno tornou-se muito siliciozo por efeito da decompozição do granito, rocha commun no Tieté e seus arredores.

Chegado ao salto, por cima do qual o publico fez uma ponte para passagem dos moradores da outra banda, observei então a rocha granitica, e sua estratificação com a direção já mencionada.

As agoas, despenhando-se de não pequena altura por esta rocha abaixo, minarão-na em partes, tanto lateralmente como por cima, de feição que não só abrirão diferentes canaes, mas até os tauxões da ponte estão fixos e incravados nos buracos feitos na dita rocha pelo esforço, e correnteza das agoas; o rio d'aqui por diante é muito piscozo. Achei igualmente pedaços de uma brecha de pasta argiloza ferruginoza com fragmentos de quartzo rolado, talves para aqui trazidos com a corrente. Os seixos de quartzo já separados, que encontrei em diversos pontos d'este rio, são devidos á decompozição da mesma brecha.

Tenho feito uma observação quazi geral, e vem a ser, que todos os moradores d'esta villa são pelo menos nobres, não obstante muitos d'elles exercitarem oficios mecanicos, pois que pelas leis do reino derogão a nobreza: tanto é verdade, que o homem ama e ambiciona a grandeza, a consideração, e o poder!

9 E 10 DE FEVEREIRO

Sahi a examinar as pedreiras, d'onde tírão as pedras para calçar a villa, e com as quaes fazem outras obras mui lindas, depois de polidas; ellas se achão em bancos paralelos á supreficie da terra com direção quazi nor-déste sudoéste. Esta pedra é de cor cinzenta azulada, tecido muito fino, grãos pequenos e quazi indescerniveis, e gorda ao tacto, em consequencia do que parece entrar nas pedras magnezianas, e ser uma serpentina: fui igualmente ver o banco de taquatinga, de que se serve o povo d'esta villa para caiar suas cazas; esta argila branca é de má qualidade e misturada com muita arêia.

11 DE FEVEREIRO

Jornada de Itú para Sorocaba

O terreno é barrento amarelo esbranquiçado mais ou menos, geralmente muito siliciozo, talvez por efeito da decompozição dos bancos de grés; estes estão cobertos por cima de uma crusta ferruginoza. Observão-se, em diferentes partes d'este caminho, seixos de quartzo rolado, e bancos de uma argila branca tirando a cinzenta, mais ou menos pura.

Não devo passar em silencio de que vi n'esta digressão homens, cuja catadura era mourisca sem tirar nem pôr; si em Portugal se vierem com o tempo a perder pela mistura da raça as feições mouriscas, que nos são tão proprias, para as fazer reviver, será bom recorrer a esta capitania, onde as ha em toda a sua pureza.

A villa de Sorocaba não tem regularidade alguma, suas cazas, bem que mais altas do que as de Itú, estão semeadas aqui e acolá, de sorte que se não observa alinhamento algum em ruas; ella contém quatro igrejas, a matriz, uma capela de Santo Antonio, outra do Rozario, e um hospicio de frades bentos; seu commercio reduz-se á venda das tropas de gado, vindas do sul.

A cultura geral d'esta villa e seus contornos consiste em milho, feijão, algodão, pouco café, e alguma cana de assucar; já conta doze fabricas de assucar, e outras

de agoas ardentes. Sua povoação monta a 9:712 habitantes; deve porem meter-se n'esta conta immensidade de surdos, insensatos, e muitos com a molestia dos papos; ignora-se a que cauzas se devão atribuir similhantes enfermedades; seria bem util e até digno de elogio, que o ministerio encarregasse a medicos habeis d'esta indagação, afim de ver si do conhecimento das cauzas seria possivel o deduzir-se um pronto remedio; pois de outro modo de que servem homens inuteis ás precizões da sociedade?

12, 13, 14, 15 DE FEVEREIRO

Tenho expendido estes dias a dar ordens para se abrirem caminhos, pelos quaes possa dar principio aos meus exames no morro de Araraçoiava.

16, 17, 18, 19 DE FEVEREIRO

Viagem, e estada no dito morro

Desde a villa até perto do morro, o terreno é todo argilozo siliciozo, produto da decompozição dos bancos de grés, que aparecem á superficie da terra; advertindo, que este externamente é algum tanto ferruginozo, esboroadiço, mas interiormente é esbranquiçado, grão fino, textura unida, e serve mui bem para amolar ferramentas; os paizanos do paiz chamão-lhe pedras de desbastar.

Junto a um corrego, que vai ter ao Ipanema, rio, que corre pelas faldas d'este monte, aparecem bancos de schisto novacular; é pena, que o não aproveitemos, porque as boas pedras de afiar, de que uzamos, vem de levante muito caras. Os bancos d'este schisto estão em direção quazi lesnordéste oessudoéste, paralelos ao orizonte; são de cor grizea, e grizea amarelada, sobre elles pouzão os bancos de grés.

Este monte, indo da villa para elle, aprezenta uma face muito alongada na direção quazi norte sul; e conta na maior extenção duas leguas pouco mais ou menos; todo elle é coberto de matas, excepto no lugar das furnas; grande vale central domina por todos os jugos, que

formão este monte. Elle se divide em tres grandes cabeços, denominados pelos do paiz Morro do ferro, Morro vermelho, e morro de Araraçoiava propriamente dito, alem de outros menores, os quaes todos são cortados por diferentes vales.

Todo o terreno d'este morro é um barro vermelho escuro com muito talco amarelo de ouro; elle está cheio de mineral de ferro magnetico, e algum já iman perfeito, em pedras soltas e dezarrumadas de diferente grandeza, e possança; o qual umas vezes entranha-se por terra dentro, como eu observei em alguns socavões feitos de propozito, outras vezes prolonga-se em grandes cintas, ou manchas ao longo dos corregos, das quebradas, e vales.

Em um dos socavões, que mandei fazer, apareceu uma camada de barro azul fixo e mais claro com muito talco amarelo, que julgo ser argila misturada com azul da Prussia nativo; igualmente não devo esquecer, de que no Morro-vermelho achei uma pedra quartzoze cristalizada com ocre de ferro de permeio, tapizada nas fendas, e por fóra de cristaes de quartzo piramidal brilhante, branco e arrôxado; descoberta esta commun a outro jugo pertencente ao mesmo morro.

Não me demoro em descrever extensamente o mineral de ferro, sua riqueza, e abundancia, em marcar o lugar, em que se devem levantar as ferrarias, cazo de querer Sua Alteza aproveitar esta mina, em fazer ver os erros, e por consequencia os prejuizos, que tiverão os que emprehenderão trabalhal-a no tempo do Morgado de Matheus, finalmente em dar uma noção sobre a abundancia de agoas, matas, fundente, e todos os demais misteres necessarios a um tal estabelecimento, pelo ter feito em uma memoria separada, que a este respeito envio ao ministerio.

Asseverarão-me, que em Bacaetava, fazenda duas leguas distante do morro, aparecerão bancos de pedra calcarea nas margens de um corrego: examinando este lugar, achei sómente bancos de um grés ferruginozo. O terreno, sobre que pouzavão, cahio, ou desmoronou-se, deixando como uma cavidade, ou gruta, debaixo da qual se vião estalactites apegadas ao dito banco, opacos, e de cor branca suja. Creio, que as agoas do corrego, passando por terrenos calcareos, e mesmo acarretando alguma porção calcarea,

que o grés contivesse (bem que esta não faça efervescencia com o acido nitrico), vierão aqui fazer este depozito; não posso porém afiançar, que se não venhão a descobrir bancos calcareos nas vizinhanças d'este lugar, quando for possivel examinal-as.

As arvores examinadas em todos estes dias são as mesmas, que as referidas nas excursões antecedentes; devo unicamente acrescentar, que estes campos abundão de jupecanga (especie do genero *smilax*), e de caiapia (*an species althae*).

20 DE FEVEREIRO

Expendi este dia em examinar os meos mineraes, e etiquetal-os; e quando mesmo quizesse fazer alguma indagação por fora, o máo tempo o não permitia.

21 DE FEVEREIRO

Jornada para a fazenda da Paineira, meia legoa distante de Sorocaba

O terreno até meio do caminho é barrento avermelhado, e vermelho vivo, d'ahi por diante muito siliciozo por efeito da decompozição do quartzo, que se acha em muita quantidade. Chegado á fazenda, vi em uma plantação um mineral de ferro em pedras soltas entremeadas com quartzo, e ás vezes misturado com elle; este mineral é magnetico, de fractura granoza, cor grizea de ferro, e em muito pouca quantidade: só o espirito de indagação e o dezejo de ver tudo é, que me pôde obrigar a este exame.

22 DE FEVEREIRO

Ocupei o dia em fundir a mina de ferro de Araraçoiava, e obtive acima de 60 por 100 em ferro coado.

23 DE FEVEREIRO

Jornada para a Aparecida, e dahi á fazenda do Maris, onde, me disserão, aparecera carvão de pedra

Em todo este caminho só vi pedaços de quartzo commun, e junto aos ribeirões fragmentos do mesmo rolado: chegado

aos dois lugares observei o terreno coberto de uma bôa camada de terra vegetal devido ás queimadas, que se fizerão para as plantações ; seguramente aqui se não tem uma verdadeira idéia de carvão de pedra, porque até os homens instruidos em sciencias naturaes, além de ignorarem a epoca de sua formação, e o terreno que o costuma acompanhar, chegão ao delirio de se persuadirem, que elle se acha em massas, ou porções espalhadas.

Fiz tambem n'esta digressão o achado de diferentes plantas, como o alcaçuz (*glycyrrhiza glabra*), jupecanga, ruibarbo ou bariçó (especie do genero *rhsum*), além de outras arvores, que tambem se dão no morro, como, por exemplo, o páo-ferro, jacarandá, caburoúba, peroba, etc.

24 DE FEVEREIRO

Segunda jornada de Sorocaba para o morro a observar os arredores d'elle do lado do sul

O terreno de toda esta digressão é o já mencionado. Somente em alguns jugos vi descobertos bancos de schisto argilozo, paralelos ao orizonte, com a direção já dita, alternando com os do schisto novacular; em outros jugos mais elevados bancos de grés esbranquiçado.

No cimo de um d'elles acha-se uma alagoa não pequena, e algum tanto piscoza, que conserva as suas agoas inda no tempo das sêcas ; á esquerda d'ella em não pequena distancia, junto a uma quebrada, por onde passa um corrego, que dezagoa no Ipanemerim, isto é, cabeceiras do Ipanema, observa-se um terreno turfaceo assás denegrido, no qual será bom fazer uma sonda: este terreno turfaceo entranha-se muito, como se vê n'aquellas partes, em que foi profundamente desmoronado por efeito das enxurradas, provenientes das grandes pancadas de agoa, que acompanhão as trovoadas, tão uzuaes n'este paiz, particularmente na estação do calor, facilitão a cultura das terras, e por conseguinte as fertilizão. Quanto aos arredores d'este rio, estão cobertos de bosques desvairados.

25, e 26 de fevereiro

Excursão para o morro do ferro propriamente dito

Depois de ter subido até o ponto mais elevado d'este morro, que são os socavões, e caminhado ao longo d'elle, desci por uma encosta assaz alcantilada, onde observei rochas continuas de uma pedra composta de particulas miudas, unidas, e compactas, com aparencia terrea, opaca, manchada de diferentes côres, verdemar, amarela, côr de roza desmaiada, branca, e em partes negra, quebrando-se em pedaços sem figura determinada, não cristalizada, e fazendo fogo com o fuzil; parece-me ser o jaspe universal de Daubenton. As fendas e superficie d'esta pedra estão tapizadas de cristaes de quartzo piramidal, nos quaes já se observão os rudimentos do prisma.

Dahi fui ter a um corrego, que dezagua da banda do sul no ribeirão do Iperó, por me noticiarem, se tinha n'elle descoberto uma mina de estanho, noticia esta que se não verificou, e á que não devia dar credito por vir de um rustico totalmente ignorante, e até costumado a embriagar-se. Findo este exame, passei a um corrego oposto, que dezagua no ribeirão da antiga fabrica, onde me asseverarão, que se tinha achado enxofre nativo.

Examinei este corrego com todo o cuidado, e só achei bancos do mencionado grés esbranquiçado: é mania geral do povo querer, que a natureza n'aquelle mesmo lugar, em que nos aprezenta algumas riquezas, seja prodiga de tudo, o que é capaz de dar. O morro está todo coberto de arvoredos, principalmente d'este lado, e os campos de Quitaquera, que o terminão, além da grande abundancia de bosques, têm excelentes campos para pastagem da mór parte dos gados precizos ao costeio do futuro estabelecimento.

27, 28 de fevereiro, e 1.º de março

Jornada para o Paiol, e Lambari, no caminho de Sorocaba para Itapetininga

Em toda esta digressão o terreno foi sempre o mesmo, que os dos dias antecedentes; sómente em um dos corregos do Paiol, e Lambari achei em muita quantidade calhãos

semitransparentes, da natureza da agata, porém de pasta menos fina, de côr cinzenta denegrida; estas pederneiras são de mui bôa qualidade, d'ellas uza toda a capitania, e até as vende para as adjacentes.

N'estes corregos costumão cahir troncos, e ramos de arvores, os quaes com o tempo tornão-se petrificados pela insinuação em suas fibras da parte silicioza, que concorreo para a formação do silex, tanto assim que já fazem fogo com o fuzil; e como em todo o petrificado vegetal a substituição da substancia pedroza é sucessiva, não só se conserva a fórma externa, mas tambem a interna. Veja-se a este respeito uma excelente memoria de Mongez no Jornal de Fizica de 1781, t. 18, p. 255.

2, 3, 4, 5 DE MARÇO

Jornada para a fazenda do capitão-mór, sita na distancia de legoa e meia de Sorocaba, junto ás margens do rio do mesmo nome

No tempo, em que Portugal e suas colonias estiverão debaixo do jugo dos Felipes, Espanhoes, que vierão estabelecer-se n'esta capitania, sempre cheios das riquezas de suas minas de prata do Perú, e dezejozos de achar iguaes aqui, fizerão diversos socavões, e entre estes um grande buraco perpendicular com treze braças de altura n'um banco 1/4 de legoa distante da mencionada fazenda, talvez enganados por ser o terreno um barro avermelhado muito talcozo.

Deci á elle, e entre muitas excavações, que fiz, só obtive quartzo commun: não posso deixar de espantar-me do modo, por que derão começo a este trabalho, sem acautelar o grande risco de dezabarem as paredes sobre os trabalhadores.

Não muito perto d'este lugar achei em pequena quantidade um mineral de ferro, duro e compacto, muito pezado, não atrahivel pelo iman, de fractura granoza, côr branca; ás vezes está incrustado do dito quartzo.

Ocupei os seguintes dias em examinar os bancos de pedra calcarea, geraes até a borda do rio Sorocaba, em distancia de quazi meia legua. Elles são de pedra calcarea

secundaria densa grizea, e grizea de fumo; entranhão-se perpendicularmente com direção lesnordéste oessudoéste, e são cortados por veios de espato calcareo.

Da outra banda do rio, junto ás margens, se tornão a observar os ditos bancos com a mesma direção: o rio, aluindo as terras, sobre que pouzão, deixou-os em falso, formando como uma grande gruta estalactitica, que os do paiz denominão palacio, além de outras mais pequenas, que tambem examinei; as agoas, correndo por entre estes bancos, acarretarão comsigo porções calcareas, e deixarão apegadas no fundo d'elles immensidade de estalactites, pouco brancas, e brilhantes. Só aqui ha pedras para seculos; não sei como este povo se tem descuidado de fabricar a cal, tão preciza n'esta capitania, pois que apenas o capitão mór é, que tem um forno, e este muito pequeno, e sem proporções.

Passei d'aqui a ir examinar o grande salto de Ituparananga do mesmo rio, que fica muito mais distante. Chegado a elle, demorei-me por algum tempo assombrado de vêr o grande esforço da natureza. É quazi perpendicular, e ha de ter perto de trinta braças de altura; o que não sucede com o de Uvuturanti, proximo á villa, que, alem de não ser tão alto, é bastantemente inclinado. As agoas, despenhando-se umas vezes por entre rochedos escalvados, fazem em baixo como brancas toalhas de espuma, outras vezes achando rezistencia nas fendas, que ellas mesmas abrirão, reflectem em lagrimas, fazendo diferentes arcos de curvas.

Junto ao salto o rumor e correnteza das agoas é incomprehensivel, mas passado elle, correm tão pauzadamente, que não pude deixar de lembrar-me do que diz Delile no seu *Homme des champs*, falando do Orenoco e Amazonas:

> Tantot se deployant avec magnificence
> Voyage lentement, et marche en silence;
> Tantot avec fracas precipitant leurs flots
> De ses mugissements fatigue les echos.

Si a nenhuma industria de seos habitantes tem negado á America as rizonhas belezas d'arte, a natureza, que nunca é escassa, a tem recompensado ao menos com a grandeza, e variedade de scenas.

7, 8 DE MARÇO

O dezejo de indagar todas as raridades do paiz, e de fazer descobertas, que sejão uteis, moveo-me a mandar fazer, á minha custa, uma estrada de seis leguas por mato dentro, até dar com um corrego de agoas termaes; gastou-se n'isto dez dias. Si esta noticia se não verificou, e tive o desgosto de ser enganado com prejuizo meu, tive ao menos em recompensa o prazer de achar junto ás margens do mesmo corrego, entre um barro vermelho carregado e talcozo, o ferro cristalizado em octaedro, de facetas brilhantes e polidas como o aço, algûm tanto sensivel ao iman, e juntamente o talco branco cristalizado, tecido laminozo, e muito lizo ao tacto, propriedade commun a todas as pedras magnezianas.

9 DE MARÇO

Depois de arranjados os meos caixões de mineraes, parti para Porto-feliz. O caminho d'esta excursão foi em partes um barro vermelho, em partes o mesmo muito siliciozo, e junto á villa um mixto de pouca argila corada, e bastante arêia grossa, que os do paiz chamão massapê. Matas virgens, annozas arvores, algumas lançadas por terra pelos grandes furacões de vento, pessimos caminhos, e peiores prezentemente pelas muitas chuvas, eis as observações d'este dia, até chegar á villa, nada agradaveis ao leitor, e muito menos ao viageiro. Chegado a ella fui ter com a ordenança da terra para me mandar aprontar cazas, em que pudesse acommodar-me.

Porto-feliz está situada nas margens do Tieté, quatro leguas distante de Itú, e cinco de Sorocaba; floreceo muito no tempo do concurso dos Cuiabanos; verdade é, que esta falta não tem sido muito sensivel, e de algum modo tem sido remida com as grandes riquezas, que lhe tem trazido a cultura da cana de assucar. Aplica-se demais á plantação dos mesmos generos, que em Itú: a gente é bôa, e muito dada. Sua povoação anda por 4.000 habitantes. Contém duas igrejas, a matriz, e uma capela da Penha.

10 DE MARÇO

Desci ao porto da villa, e vi uma grande rocha cortada a pique composta de bancos apostos uns sobre outros na seguinte ordem: de um grés esbranquiçado anuveado de amarelo, de um grés grosseiro já muito calcareo, de uma pedra calcarea grosseira branca acinzada, todos paralelos ao orizonte com direção quazi norte sul, cobertos de eflorescencias salinas, que pelo seu sabor salgado um tanto fresco, e levemente dezagradavel, me parecerão ser de nitrato de potassa: d'ellas costumão as aves vir aqui todos os dias comer.

Findo este exame, passei a uma colina, que fica ao lado da villa, e observei á superficie do terreno o bazalto em bolas, côr grizea escura, fractura granoza: este achado em lugar, onde nunca houve, e nem ha aparencia de fogos extintos, destroe a opinião dos mineralogistas, que têem o bazalto por um produto volcanico.

11 DE MARÇO

Sahi em uma canoa a correr todos os barreiros, que ficão, ou se achão nas margens do Tieté, de cujo barro comem os gados, talvez por ser salgado; parece-me, que elles contem sua porção de muriato de soda, mas nunca salitre, como aqui tinhão pensado: eu podera mostrar o nenhum fundamento de similhante suspeita, porém como estas indagações me não competem por d'ellas estarem outros encarregados, elles terão o cuidado de destruir opinião tão absurda. Na volta encontrei o sugeito encarregado da fabrica do salitre, bom pratico, que vinha examinar os ditos barreiros, a quem dezenganei.

De tarde parti de volta para Itú. O terreno foi o mesmo, que o da jornada de Itú para Sorocaba; sómente observei em partes bancos superficiaes de argila branca muito impura, e em outras partes belas ocres de ferro de diversas côres, disseminadas pelo terreno. Esta estrada é das melhores da capitania, e me agradou bastante pela abundancia de fazendas proximas a ella, as quaes provão mais cultura e mais amor ao trabalho.

12, 13, 14, 15, e 16 DE MARÇO

Vi-me na necessidade de nos primeiros dous dias descansar dos trabalhos de uma jornada tão laborioza; porém nos seguintes dias sahi a correr grande parte dos engenhos circumvizinhos a Itú. Referir a natureza do terreno, por onde fiz estas differentes excursões, julgo baldado, por ter já mencionado da primeira vez, que estive n'esta villa: basta sómente lembrar, que em uma d'estas fazendas observei bancos de um grés algum tanto calcareo, pelos quaes se despenharão as agoas de um pequeno regato; estas, atravessando por terrenos calcareos, como, por exemplo, de cré pulverulenta, e mesmo pelos ditos bancos de grés, carretarão comsigo porções calcareas, e deixárão apegadas aos ditos bancos estalactites de má qualidade, côr branca suja, e opacas.

17 e 18 DE MARÇO

Findos todos os meus trabalhos, recolhi-me á cidade, vindo pela villa de Paranahiba.

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO D'ANDRADA.

Jornal de viagem por diferentes villas desde Sorocaba até Coritiba, principiada a 27 de Novembro de 1802.

Excursão para Itapetininga

O terreno é o mesmo, que o já descrito no meu jornal antecedente, quando falo da minha jornada de Sorocaba para o morro de ferro: devo sómente advertir, que em partes do caminho ha abundancia do tal barro negro muito bom para louça; do rio de Sarapuú para diante, que fica sete leguas distante de Sorocaba, anda-se couza de uma legua por campo até chegar ao Lambari, e Mato das pederneiras, assim chamado por se tirar de um ribeirão, que fica no fim do dito mato, silex de mui boa qualidade; d'ahi por diante principião os chamados campos de Itapetininga.

A villa está situada em uma grande planicie, continuação dos mesmos campos, no declive para um ribeirão, uma legua distante do rio de Itapetininga, trinta da cidade de São-Paulo. Ella e seu termo contêm 3.000 habitantes, os quaes dão-se á cultura do feijão, milho, e alguma cana de assucar, que desfazem em agoas ardentes: nos seos arredores trabalhão-se muitas lavras de ouro, si bem que hoje pouco proveitozas pela falta das forças necessarias a similhantes emprezas. Devo igualmente lembrar, que nas vizinhanças da villa ha bancos de argila branca, a melhor e mais pura, que eu tenho visto.

28, 29, e 30 DE NOVEMBRO

Jornada para a Itapeva

Todo o terreno até a villa é um barro mais ou menos amarelado, em parte muito siliciozo, e ás vezes um mixto de pouca argila, e de arêia fina em grande quantidade, proveniente talvez da decompozição dos quartzos, e bancos

de grés, que no dito caminho se encontrão. Em algumas partes, mormente nos ribeirões, e corregos, se observa tambem a brecha poudinguica, já digna de exame.

A estrada é sofrivel, excepto em algumas partes e principalmente nas vizinhanças da villa ; são campos continuados com um longo golpe de vista retalhados por lindos bosques, ou cortados por extensas matas, como a do rio Paranapanema ; passando por ellas, fiz colheita de algumas sementes como a da jatahi (*himenea courbaril*), de barbatimão, cujas folhas são adstringentes, e de almecegueira (*amyris elemifera*) de que abundão estes matos, alem de outros arvoredos, que não nomêio por d'elles ter já feito menção, no meu jornal de viagem para Sorocaba.

Toda a estrada desde Itapetininga até esta villa, que terá de extensão a cima de 20 leguas, está apinhoada de varias fazendas de gado e plantações, o que seguramente é de grande prazer e recurso para os que viajão. Si eu, decorrendo este paiz no começo, digamos assim, de sua povoação, e por conseguinte de sua cultura e de sua industria, me deleitei em demazia, qual não será o do viajeiro, que o correr, e examinar no tempo de sua maxima prosperidade, a que certamente chegará a capitania apezar de todos os obstaculos moraes, os quaes sómente retardão o crescimento dos paizes novos!

Em toda esta excursão passei por tres grandes rios, que são o de Itapetininga, o de Paranapanema, que vai ter á freguezia d'este nome, e o de Piahi, em cuja villa ha ricas minas de ouro, que inda hoje se trabalhão, e antigamente florecerão muito ; além d'estes, outros muitos ribeirões, que tambem cortão a estrada.

Esta villa conta 2.000 habitantes, os quaes dão-se á cultura dos generos do paiz; porém, como aqui a ociozidade é immensa, elles colhem apenas o que é necessario, e a mizeria é tanta, que os viandantes, que por aqui passão, não têem de que subsistir.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, E 8 DE DEZEMBRO

O máo tempo, e além d'isto os arranjos necessarios para a excursão do Rio-verde me demorarão todos estes dias sem

interesse algum; não obstante isto, aproveitei alguns intervallos em examinar os arredores d'esta villa, dos quaes exames eis o rezultado : junto aos corregos lagedos ou bancos de uma brecha silicioza com cristaes-zinhos de quartzo, e pontos micaceos ; em um ribeirão boas pederneiras de côr passante a denegrido, e por diferentes partes muito quartzo branco.

9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, E 19 DE DEZEMBRO

Jornada para o Rio-verde

Passei por duas fazendas de gado, e pelos dois rios Taquari, e Perituba com bastante risco em razão das muitas cheias : é tal o estado da capitania, e a indolencia dos povos, que nem valor têem para fazerem pontes de páos, e algumas, que aqui ha, são tão más, que o viandante se não livra do risco de precipitar-se nos rios. O terreno é o mesmo, e apenas em partes é um barro vermelho muito ocraceo.

Entre as observações botanicas, que fiz, forão de maior monta uma arvore, que não examinei por não ser tempo de sua florescencia, a qual os naturaes do paiz denominão quereúva amarela, a chamada ruivinha, que julgo entrar no genero *rubia*, e um sipó, cujo cheiro é analogo ao do cravo da India.

Entrei no Rio-verde, onde me demorei onze dias, e fui obrigado a estar com sentinelas á vista todas as noites por cauza dos Indios. Estes têem atacado algumas das nossas povoações, justa reação das injustiças, que contra elles temos praticado ; um primeiro crime traz comsigo muitos, tomamos-lhes suas terras, e os tiranizamos ; em paga d'isto elles tambem nos fazem o mal, que podem, e para corôar a obra, é opinião geral dos colonos, que devemos continuar a ser barbaros com elles.

Creio, porém, que sem nos servirmos de meios violentos tão indignos, e contrarios ás vistas de humanidade, que devem germinar em toda a sociedade bem regulada, ha outro meio doce, que contribua pouco e pouco ao grande fim de os civilizar, e vem a ser o estabelecimento de novas povoações nos lugares habitados por elles, as quaes tendo a

seu cargo repelir os seus ataques, quando de nenhum modo se possão evitar, em tudo o mais tendam sempre a mostrar vistas de paz, amizade, e beneficencia; por este modo desarreigar-se-á de seus corações o rancor, que nos têem, e tistimunhas da felicidade social, vendo-se cada vez mais confinados, procurarão fazer parte das nossas povoações; não é impossivel de conseguir-se isto, porque já entre elles se nota uma imagem de sociedade.

Para por-se em execução este plano cumpre promover-se o augmento dos habitantes da capitania, o que se pode fazer do seguinte modo: 1.º permitindo o colonizarem-se aqui os homens de todos os paizes, comtanto que sejão bons cidadãos, e obedientes á lei; 2.º gerando uma nova opinião publica, que tenda a desprezar todo o estado celibatario; 3.º promovendo os cazamentos, isto é, concedendo distinções ás mulheres cazadas, como antigamente entre os Romanos, distinções, que o sexo naturalmente ambiciona, e aos conjuges izentando de certos tributos, e dando mais privilegios, que aos solteiros, como a Espanha fez para povoar suas provincias dezertas; 4.º adiantando a agricultura, considerando a vida de lavrador, não a sobrecarregando de impostos, arrancando-a da escravidão das outras classes; 5.º formando sociedades agronomicas. Por estes meios rapidamente florecerá a cultura e augmentará a povoação.

E' nos belos tempos da antiga Roma, diz Plinio, que a terra glorioza de se ver lavrada por mãos victoriozas e triunfantes, parecia esforçar-se em produzir frutos com mais abundancia; é n'estes belos tempos, que estes grandes homens, não só alardeavão de rotear, e estrumar as terras, mas até tomavão os sobrenomes, que sua industria particular lhes tinha merecido; taes forão os Serranos, os Lentulos, e os Fabios.

As descobertas mineralogicas obtidas de alguns socavões feitos com este fim, forão algum ouro, pingos de agoa, granadas, e um diamante; creio, porém, que além d'estas contém outras muitas pedras preciozas. A formação, em que se achão, é o mesmo *pouding*, a excepção sómente de ser a arêia ferruginoza, ou o chamado esmeril mais grosso; quanto ao ouro é de baixo toque, e não faz conta sua extração pela pobreza do metal. A estes exames seguio-se um

grande trabalho, que ficou malogrado pelas continuas chuvas. Devo advertir, que no mesmo rio achei agatas, umas manchadas, outras pontuadas, mas não de tão boa qualidade, como as dos rios Paraná, e Pardo, que remeti ao ministerio.

Todas as matas do Rio-verde, e as que se observão desde Iapó até Coritiba, compoem-se de pinheiros, que Linneo meteo no genero *pinus* especie *araucana* : Jussieu fez d'estes um genero particular debaixo do nome *araucana*, por isso que os da Europa entrão na classe monoica, e estes na dioica ; além de que o habito externo de um varia totalmente do do outro. Estes pinheiros dão uma rezina muito analoga em cheiro á terebentina; d'elles tambem se pode extrahir o alcatrão, queimando a acha em fornos apropriados. Os troncos d'estas arvores são direitos, e si para o futuro estes povos se lembrarem de semear a pinha, como em Portugal, servirão mui bem para mastros de embarcações.

20, 21, 22, 23, 24 DE DEZEMBRO

Jornada para Iapó, ou villa de Castro, pelos seguintes lugares: fazenda Rio-verde, Itararé, Murungaba, rios de Jaguaricatú e Jaguariahiva, Furnas, Lança, Tejuco-preto, e rio de Iapó

O terreno de toda esta excursão é argilozo de um barro amarelado, e avermelhado, porém em geral muito silicioзo por efeito da decompozição de uma brecha silicioza com cristaes de quartzo, que se acha por quazi todo o caminho. No Itararé esta brecha é branca, e tem além d'isto cristaes de mica da mesma côr, e outras vezes no mesmo lugar é muito ferruginoza com cristaes de mica negra ; ella é geral por toda a estrada, e só na descida para o rio Jaguaricatú é que achei bancos quazi perpendiculares, á superficie da terra, de um schisto argilozo tão ferruginozo, que já faz passagem á mina de ferro argiloza. Nas margens dos rios e corregos vê-se á flor o *pouding* ; tanto este como a pissarra, ou barro de diferentes côres, que lhe serve de baze, são mais indicativos de pedras preciozas que de ouro, indicios que têem sido sempre confirmados pela experiencia.

Não esqueça, que no lugar das Furnas, além da mencionada brecha, se achão bancos de um grés esbranquiçado grosseiro. O tejuco preto é um barro negro de má qualidade.

No Itararé fiquei assombrado com o grande esforço da natureza ; o rio que por aqui passa, ou por altear mais o terreno, ou por cauza de não poder romper os rochedos, minou-o por baixo, e só torna a aparecer na distancia de um quarto de legua ; as massas separadas da mencionada brecha, ou por efeito de seu pezo, ou mesmo de algum abalo parcial, umas abaterão, outras ameação ruina, e porções de outras conservão sua antiga pozição, e aprezentão diferentes figuras, como pias, etc. O lugar das Furnas é tambem magestozo; são rochedos sobre a superficie da terra, sustidos alguns sobre pequenas bazes diversamente figurados, como capacetes, mezas, arcas etc., e outros inclinados, e ameaçando uma queda proxima.

As ruinas, bem que ao principio aterrem, cauzão todavia ao homem um prazer passivo ; eu creio, que esta especie de gozo nasce do sentimento de nossa segurança, que duplica á vista do perigo, de que estamos livres.

Finalmente toda esta estrada além dos rios referidos, e do Iapó, que corre pelas faldas da colina, sobre que está situada a villa d'este nome, é banhada por immensidade de ribeirões corregos e caxoeiras.

Esta villa contém 3.000 habitantes ; como está situada em um alto, é lavada de ventos, muito amena e aprazivel. Ao estar muito ao sul, e o ser mais fria, torna o seu clima mais analogo ao da Europa, e por isso o seu terreno mais apropriado para as plantações d'aquelle; d'aqui nasce, que, á excepção das produções vegetaes proprias da Europa, este povo apenas se limita a plantar algum feijão, milho, pouco fumo, e muito menos algodão, e o terreno, que lhe sobra, reduz a campos de criar.

25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 DE DEZEMBRO.

Tenho gasto todo este tempo em fazer preparos para os grandes exames, que intento em todos os rios, sitos nos

campos geraes ; todavia tenho empregado alguns dias de descanso em correr os arredores da villa, do que me rezultou a descoberta de diferentes minas de ferro, como, por exemplo, a mina de ferro em grãos sobre a xapada de uma colina, em parcelas soltas, de figura variavel, decompozição de uma mina de ferro terrea, e limoza, que se acha para o lado esquerdo da mesma ; uma mina de ferro magnetica polar em pedras soltas, e outra da natureza da primeira muito pobre, ambas em diferentes morros ; igualmente achei uma pedra quartzoza, muito ferruginoza, com ocre de ferro e pontos micaceos.

JANEIRO, FEVEREIRO, MARÇO, ATÉ 5 DE ABRIL

Exame do rio Caxambú, depois corrego da Prata, corrego do Monjolo, rios do Alegre, Faisqueira, Fortaleza, Santa-Anna, São-Domingos, Santa-Roza, Borge, e mais alguns corregos, todos braços do Tibagi, tanto á direita, como á esquerda

Senti em demazia ver-me privado de fazer alguns trabalhos n'este ultimo, impossibilidade nascida não só da falta de forças proprias, mas até das grandes pancadas de agoa, que, enchendo muito o dito rio, dificultarão toda a especie de indagação.

A formação geral é a seguinte : á superficie grandes lagedos de uma brecha de natureza silicoza com fragmentos de quartzo, e ás vezes de mica : estes quazi sempre elevados acima do nivel das aguas, que por elles se despenhão, formão o que nós vulgarmente chamamos caxoeiras ; sobre os ditos lagedos achão-se diferentes buracos denominados caldeirões ; n'estes e abaixo das caxoeiras acha-se a brecha, que os mineralogistas chamão *pouding* : esta formação nem sempre é permanente, e quando ella começa dos lageados, tem entre os do paiz o nome itaupava ; nos rios, em que não havia *pouding* por já ter sido tirado, foi-me precizo indagar, por onde se entranharia a dita formação e trabalhar em taboleiros (termo mineiro) : os

achados forão além do ouro, que por pouco não faz conta, pingos d'agoa, alguns rôxos, outros amarelos, esbranquiçados, diamantes uns cor de agoa-ardente do reino, outros brancos, cor de prata, e alguns cor de aço, cristaes brancos e amarelos de ouro, quartzos opacos cazados na prata, pequenas granadas no Caxambú, pederneiras, e calcedonia na Prata, Faisqueira e Fortaleza, e grés de amolar ferramentas no Borge, e outros corregos.

Devo porém advertir, que, si socavões feitos em rios já trabalhados, bem que mal, e tamsomente algumas itaupavas de dez, quinze, etc., braças, me derão algumas amostras, que se não deverá esperar de trabalhos em grande, feitos no Tibagi, ou para os Agudos, campos de Guarapuava, os quaes, pela abundancia dos selvagens, têem escapado, e se conservão quazi intactos; digo quazi intactos, porque me parece, que no tempo de D. Luiz, quando Afonso Botelho foi á diligencia de civilizar Indios, que nunca tornaria amigos nossos, porque ignorava os meios, alguns diamantes se tirarão.

Os diamantes achados nos caldeirões forão para ahi acarretados pela corrente das agoas, que com as grandes chuvas, rasgando as formações poudinguicas, lavarão-nas e comsigo os trouxerão; quanto porém aos tirados das ditas formações não permanentes, como ellas forão a meu ver desmoronadas, e separadas de formações permanentes, que de riquezas se não deverá esperar, quando estas se descobrirem?

Vendo socavados quazi todos os rios, que examinei, necessariamente não posso duvidar da quantidade de diamantes obtidos, os quaes todos têem sido ramo de um commercio de contrabando sem interesse algum do soberano; considerando porém que estes trabalhos se reduzem meramente a socavões, e que poucos têem sido feitos segundo as regras praticas de mineração, não posso deixar de atribuir esta falta de aproveitamento precizo, ou á ignorancia, e pobreza dos mineiros, ou ao temor dos castigos rezervados aos transgressores das leis, sendo estes descobertos: então o amor do interesse do soberano, e dos póvos me excita a aprezentar um plano, que concilie um e outro, e se reduz ao seguinte: tornar os diamantes livres, como já está

determinado pela lei ultima de S. A. R., e serem obrigados os mineiros a darem-nos ao manifesto, pagando-se-lhes segundo o preço, que a mesma lei decreta.

Para a boa execução d'este novo plano, convem, que a nova junta de permuta nomêe em todas as villas do distrito diamantino para tezoureiros a homens de probidade, e abastados, os quaes tenhão a seu cargo receber os diamantes, e pagar o equivalente em dinheiro ; estes devem ter uma lista do valor d'elles, segundo seu pezo, uma boa balança ; e devem ser amestrados sobre os caracteres, que os distinguem para evitar o extravio, ou contrabando: devem haver no dito distrito diamantino patrulhas volantes, as quaes dêem as buscas competentes em diferentes partes da estrada ; nenhum homem poderá sahir de uma villa para outra da capitania sem passar por uma busca do capitão-mór da terra, quando elle viajante menos espere; para o que cumpre pesquizar os homens, que estão a partir, e nas villas de beira-mar poderá ser dada pelos commandante, ou ministro, si os houver, conforme S. A. R. achar mais justo.

Para obviar contendas entre os mineiros diamantinos, será bom, á maneira das lavras de ouro, repartir as terras em datas por aquelles que as quizerem, atendendo sempre ao direito de posse, e ás forças de cada um.

É d'este modo, que se verá aparecer um novo ramo de riqueza, que, dividindo-se pelo soberano e povos, augmentará as rendas reaes, felicitará a mór parte dos individuos, de cuja somma rezulta a felicidade publica, a qual tambem redunda em gloria do soberano.

Tal é um dos meios de fomentar e promover este ramo de riqueza tão util a esta parte da capitania ; não basta porém sómente a execução d'elle, cumpre de mais remover certas cauzas, que têem retardado, e de algum modo obstado ao crescimento da povoação, e prosperidade geral d'este paiz ; como são o commercio de gados do sul, e as extensas sesmarias depozitadas na mão de um só homem. O primeiro rouba-nos immensidade de homens todos os annos; parte d'estes ficão por Viamão, e a que volta é inutil, ou pode reputar-se forasteira, porque não tem vida, não tem lares fixos, nem terras de lavouras, e em nada por conseguinte contribue para o bem do paiz.

Poder-se-me-ia argumentar a favor d'este commercio com a necessidade de gado vacum e cavalar, que tem esta capitania, a do Rio, e outras; respondo, que esta tem campos em abastança para criação de gados, e que mais os teria, si cuidasse em povoar terra dentro, civilizando os Indios, e as outras ditas capitanias podem mandar comprar tropas com gente sua propria, o que redunda tambem em proveito d'este paiz, aumentando o consumo dos generos de necessidade.

Quanto ás rendas da caza doada, que lucros tira o soberano, quando um vassalo interessa, e um paiz inteiro arruina-se? Quanto ás rendas reaes, inda que estas diminuão por algum tempo, aumentada a povoação, deverá aumentar a agricultura, a criação de gados, e por conseguinte crescerão os dizimos, os subsidios, e outros mais tributos impostos sobre generos agriculturaes, e eis compensada a diminuição de uns com o crescimento de outros.

A segunda cauza é a immensidade de terras amontoadas em uma só mão, que muitas vezes não tem forças para as cultivar, e inda quando tivesse, nem assim ficava justificado um roubo feito pelo poderozo ao indigente, ou uma sesmaria obtida por compra, ou falsas informações; quanto mais que a felicidade de um paiz não consiste em estar uma grande somma de numerario nas mãos de quatro, ou cinco homens, ficando oitenta, ou noventa sem nada, mas sim na divizão igual por todos, sendo possivel; e que prazer para um principe tão amante, como o nosso, o ver o seu povo numerozo, feliz, abastado, e virtuozo, porque grande parte dos crimes nascem da mizeria, e indigencia dos homens, e a si rico e satisfeito com a felicidade de seus vassalos! Que maior gloria ainda para o soberano, si, formando povoações contiguas com os selvagens, se viesse com o tempo conseguir a civilização geral d'elles!

Eu não duvido, que ao principio fossemos por elles atacados, e tivessemos de rezistir-lhes, e rechassa-los; mas si quando os apanhassemos desgarrados, em vez de inhumanidade, os tratassemos com doçura, e os fornecessemos de tudo, de que houvessem mister; mas si, quando roubadas nossas plantações, em vez de desforço, lhes facilitassemos meios de terem tudo, de que precizassem,

é de presumir, que homens, como nós, sensiveis pouco e pouco á nossa beneficencia, virião por fim a reconciliar-se comnosco; e que utilidades e riquezas me não faz esperar este futuro, si algum dia se realizar!

6, 7, 8, 9 DE ABRIL

Acabados os meos exames pelos rios e corregos acima apontados, sahi para fora do Borge, e continuando com a minha jornada, depois de ter passado o Tibagi, para outro lado algum tanto mais acima da primeira, fui ter a diferentes corregos, e entre outros ao de São-Bento, o qual, pela analogia de formações, parece, deverá conter os mesmos produtos em mais, ou menos abundancia; d'aqui fui ao Ribeirão-frio, Ribeirão-fundo, Corisco, Bom successo, e outros ribeirões até chegar a uma fazenda, sita nas margens do Tibagi; e porque estava a anoitecer, pouzei no campo um quarto de legua distante da dita fazenda, a fim de não incommodar familias, que existem socegadas em suas cazas, sistema, que tenho adoptado em todas as minhas viagens de serviço.

Ainda que não socavasse alguns d'estes ribeirões, todavia a natureza geognostica, em tudo similhante ás outras formações, por mim trabalhadas, me faz suspeitar, de que n'elles tambem ha pedras preciozas. Não devo passar em silencio, de que nos lageados, que formão as margens do ribeirão do Sabão, um de entre muitos por mim decorridos, ainda que não todos nomeados, se encontrão veios metalicos, dos quaes com o tempo se destacão umas bolas branco-amareladas, estriadas, e pezadas, que julgo ser a pirites de ferro em bolas.

Antes de passar terceira vez para a outra banda do Tibagi, voltei ao ribeirão do Bom-successo a examinar a mina de pedra-humi, que fica ao lado esquerdo d'elle sobre uma colina; sobe-se esta, que está toda coberta de arvores, e ladeando algum tanto para a outra banda d'ella, descobrem-se logo bancos de um schisto pardo-acinzado, paralelos ao orizonte, e muito entranhados, de sabor aluminozo mais decizivo nas camadas inferiores,

que nas superiores; este schisto com o tempo perde a afinidade de agregação, reduz-se a uma terra pardacenta e cáe em eflorescencia, cobrindo-se de feixes de agulhas aluminozas muito finas e luzidias.

Acabado isto, passei o grande rio, e marchei para o ribeirão de Taquarussú, e Conxas, perto dos quaes pouzei. O terreno de todo este caminho é mais siliciozo, que argilozo pela decompozição da brecha predominante; nos ribeirões, e corregos vê-se muitas vezes á mostra a formação poudinguica, desmoronada pela corrente das aguas.

10 E 11 DE ABRIL

Examinei o corrego do Taquarussú; sua formação é a mesma que a dos rios antecedentes, e achei de mais uma beta metalica de dois palmos de possança, cortando-a em direção norte sul, e quazi paralela; é de côr amarela trigueira, e exposta ao ar vitrioliza-se facilmente, motivo por que julgo ser a mina de ferro hepatica. No das Conxas mandei dar um bom socavão, e achei entre o *pouding* além de uma brecha silicioza com fragmentos de quartzo avermelhado e mica branca, pingos d'agoa, e pyrítos.

12, 13, 14 E 15 DE ABRIL

Findos estes trabalhos, passei quarta vez o Tibagi, já perto das cabeceiras, e vim pouzar adiante de Santa-cruz, quatro leguas distante das Conxas. Em toda esta excursão não vi mais, que a mesma formação diamantina, e sómente na xapada, que domina e olha para a dita fazenda, bancos de um grés avermelhado.

Encantarão-me demaziadamente os rizonhos campos de criar, similhantes em tudo aos de algumas provincias de Portugal; elles não são planos, mas elevão-se formando pequenas ondulações cortadas por valezinhos, regados de cristalinas agoas, que correm batidas por entre rochedos, e ás vezes se despenhão de consideraveis alturas. D'aqui

até á fazenda do Tamanduá, pertencente aos padres carmelitas, não se observa novidade alguma; é a mesma formação diamantina, a mesma abundancia de ribeirões, e entre elles o afamado rio dos Papagaios.

Adiante d'esta fazenda observa-se a brecha silicioza bastantemente ferruginoza; e em diferentes partes um barro negro de melhor, ou peior qualidade. Em terras da mesma, na encosta de uma xapada proxima a um corrego se tem arranxado bastantes moradores da vizinhança por cauza de nos dias santos e domingos ouvirem missa na capela d'esta fazenda; creio, que com o tempo virá a ser uma nova povoação. Marchei d'aqui até o ribeirão do Bugre, nome talvez devido a algum assalto, que os selvagens derão n'este lugar.

A formação diamantina termina na distancia de sete leguas de Coritiba, pouco mais ou menos; d'ahi por diante aparece nas xapadas das colinas muito quartzo commun; vi demais ruinas de umas lavras de ouro, que talvez largarão pelo grande desmonte e falta de agoa para rebaixo: quanto mais vizinho á villa, é menor a extensão de fazendas, e maior o apinhoamento d'ellas.

As observações botanicas d'estes dias são pinheiros araucana de Jussieu, cedros (*cedrelia odorata*), maçaranduva (*anarbutus*), arvores da chamada quina, que não pude classificar por não ser tempo de sua florescencia.

A villa de Coritiba não se vê, senão depois de chegar a ella, por cauza de estar situada na descida de uma elevação, e estar tapada por um bosque do mesmo comprimento. A parte mais baixa d'ella é muito pantanoza, mórmente no tempo das chuvas. Suas cazas são muito brancas e asseadas, o que igualmente acontece com as igrejas, que não passão de quatro. Um capitão-mór a commanda, tem uma caza de camara, pertence á comarca de Paranaguá, assim como Iapó.

O forte de sua cultura consiste em criação de gados, sementeiras de trigo, frutos da Europa, algum milho, e feijão; todas as demais plantações proprias d'esta capitania prosperão pouco, talvez por ser aqui o paiz bastantemente frio: sua povoação, entrando a das freguezias de São-Jozé e Lapa, anda por 12.000 almas, pouco mais ou menos.

16 ATÉ 26 DE ABRIL

Ocupei estes dias em fazer alguns exames pelos arredores d'esta villa : 1.º fui ter a uma mina de ferro meia legua distante ; esta acha-se em pedras soltas em um quartzo podre, mas em tão pouca quantidade, que não faz conta sua extração ; é algun tanto sensivel ao iman, de fractura granoza, cor grizea de ferro com bastante ocre de permeio : 2.º nos bancos calcareos, que se achão em Butiatuba, distantes da villa duas leguas e meia ; elles são de pedra calcarea secundaria densa grizea, e grizea esbranquiçada, de direção quazi noroeste suéste, e continuão até tão grande extensão, que em vez de um forno de cal podião sustentar a muitos, si o consumo fosse maior, ou si a estrada de Coritiba para Paranaguá fosse boa, de maneira que a cal podesse ser trasportada para a ultima villa, e tornar-se um genero de exportação para as outras capitanias, que d'ella tanto carecem.

O lugar de Butiatuba é ameno em verdade, está cercado em roda de pinhaes, e pelo abaixamento das colinas, que circularmente o rodeão, aprezenta a figura de uma grande bacia. É por elle, que se vai de Coritiba á povoação da Piedade, sita no rio d'este nome, braço da ribeira de Iguape.

Não sei como se largou de um similhante estabelecimento, porquanto a vizinhança da ribeira, e por conseguinte de beira-mar, tornando todo este torrão apropriado ás plantações da marinha, pedia a sua continuação afim de ter Coritiba estes generos, que lhe faltão ; já não falo das grandes descobertas de ouro, que são de esperar, e da facilidade de communicação com a villa do Piahi, abrindo-se uma estrada, que, quando muito, será de cinco dias de jornada. Si esta povoação continuar, qual não será a felicidade do povo de Coritiba, vendo em tão pequena extensão de terra reunidas todas as produções do mundo !

Esquecia-me de advertir de que na freguezia de São-Jozé ha um campo inteiro de um barro muito ocraceo, vermelho vivo, mui fino e de boa qualidade, com o qual pintão os do paiz as portas e paredes das suas cazas : este barro me parece excelente para o fabrico da ocre vermelha por meio da lavagem, e restilação.

27 E 28 DE ABRIL

Jornada de Coritiba para a ermida ou gruta estalactitica

Caminhei por uma estrada, cujo terreno é argilozo de diferentes côres, amarelo, vermelho, vermelho carregado, e escuro passante ao denegrido. As primeiras duas leguas de caminho são campos continuados, porém estes, passando pouco e pouco do ondulozo ao colinozo, formam já pequenas colinas retalhadas por vales amenos, e cortados de varios ribeirões, entre os quaes deve contar-se o pequeno rio Uatuba; d'aqui por diante passam-se diferentes bosques até dar na grande mata de uma legua, que vai ter ao Poço-negro, distante pouco menos de legua e meia da ermida, logar assim chamado por formar aqui o terreno como uma baixa humida e alagadiça, e ser o dito terreno um barro negro de boa qualidade.

Subindo o morro do dito Poço-negro, e voltando para o outro lado, vai ter-se a um rio, que passa pela ermida, e ficará longe d'ella um quarto de legua; chegado a ella, examinei os bancos de pedra calcarea, que são da esbranquiçada, branco-acinzada, e cinzenta, da mesma natureza que a de Butiatuba, e com a mesma direção; estes bancos acham-se em montanhas, que são continuação das de Butiatuba, e formam como uma cadeia geral, que borda toda esta parte da costa do mar, bem que ainda assás arredada.

Entrei finalmente na chamada ermida, nome justamente bem dado pelos naturaes do paiz, por isso que o alongamento e estreiteza para a parte superior d'ella a faz similhante ao corpo de uma igreja; sua direção é quazi léste-oéste, e aberta em ambas as extremidades, pelas quaes passa um rio, que vai ter a Iguape, segundo me afirmaram. A primeira entrada á esquerda é uma abertura assás apertada, e a segunda muito mais até dar em um grande salão, de onde se póde bem observar toda a gruta, estando o dia claro; o pavimento d'este é uma continuação do depozito estalagmitico, formado pelas porções calcareas, que comsigo acarretaram as aguas, cahindo dos bancos.

Toda esta gruta assimilha-se a um avelhentado edificio

ameaçando ruina; aqui são massas estalactiticas formando como colunas solapadas pela baze, ali solapadas pela parte superior, que sustenta o tecto, mais adiante outras reprezentando estatuas em diferentes atitudes, mezas, etc.; no meio está pendente um lampeão, e nos lados pequenas grutas, ou reconcavos, que, a ser em outros tempos, eu dissera, eram habitações ou moradas de alguns homens, que, ou por infelizes no mundo, ou por cansados das injustiças de seus compatriotas, escolheram a vida anti-social, como refrigerio a seus males. Os trabalhos da arte nem sequer arremedam ás inimitaveis obras da natureza.

Tanto n'esta estrada, como em outras da capitania, salta aos olhos o seu máo estado; as camaras não as podem fazer, porque têem poucos rendimentos, e estes vão-se ás vezes em despezas superfluas e inuteis; os ricos, que deveriam fazer suas testadas, ou são camaristas, e não são obrigados, ou não são, e então o dinheiro sempre compra patronos; o pobre, como não póde subtrahir-se ás ordens, obedece, e as faz de modo, que lhe não leve tempo, e lhe seja permitido cuidar com a maior prontidão nos meios de subsistencia; eu já não falo nos rios, que cortam a estrada, porque em chovendo são intranzitaveis pela falta de pontes; é dolorozo para todo o homem sensivel e amigo da felicidade publica, que habita n'este paiz, o ser espectador de uma scena não interrompida de dezordens, injustiças e mizeria.

29 E 30 DE ABRIL E 1, 2, E 3 DE MAIO

Tenho estado retido todos estes dias em Coritiba, por cauza das continuas chuvas.

4, 5, 6, E 7 DE MAIO

Excursão de Coritiba para o Iapó por diferente estrada

D'aqui até a Serra dos carros a inspeção do terreno não aprezenta novidade alguma, visto ser o mesmo já mencionado

na viagem para Coritiba. Na subida da serra vêem-se á mostra bancos de schisto argilozo primitivo, cortados por veios de quartzo branco em diferentes direções da serra, para diante começa a aparecer a brecha de natureza silicioza invariavel em todos os campos geraes.

N'este primeiro dia passei pela fazenda dos Capados, e de São-Luiz, ambas campos de criar, e perto da ultima passei nas margens de um corrego. No seguinte dia passei por Vutuguara, e vim parar em Cambiju. O terreno na maior parte d'esta excursão é um barro muito siliciozo por efeito da decompozição da brecha acima referida; e sómente na subida para Cambijú é, que o terreno avermelha, por isso que a dita brecha se torna avermelhada, e ferruginoza.

Senti immenso não trabalhar n'este rio, porquanto a natureza geognostica é indicativa de diamantes, e igualmente os prometem as guabirobas, salão, e outros corregos por mim vistos, e muito nomeados.

De Cambijú passei a Tajacoca, tambem fazenda de criar: subindo e seguindo a estrada á direita vê-se n'uma eminencia á esquerda uma fortaleza formada pela dita brecha, e d'aqui fui ter ao decantado algar da ultima fazenda: a circunferencia é um lageado da mencionada brecha, e por baixo seguem-se bancos de um grés esbranquiçado, ao que parece; estes são concavos e terminão, ou concorrem formando como uma figura eliptica, algum tanto mais larga para uma das extremidades, com direção quazi nordeste sudoéste, e giboza da parte de léste: as agoas de um regato, que por baixo correm, aluindo as terras, que enchia esta cavidade, deixarão-na á mostra. O comprimento d'este algar será de perto de 50 braças, a largura de 30, e a altura muito consideravel.

Findo este exame, fui ter ás margens do rio Pitangui, tambem diamantino. Na minha jornada de Pitangui até o Iapó nada tenho, que mencionar, porque o terreno é o mesmo, e igualmente a rocha, de que já falei. Sómente nas faldas de uma colina, um quarto de legua distante da villa, passado um corrego, achei entre um barro vermelho escuro muito ocraceo pedaços da mina de ferro terrea e limoza de Bergman, de côr trigueira no exterior, e no

interior grizea, fragil, e similhante a escorias, sem atração para o magnete, pouco dura, e pezada.

8 DE MAIO ATÉ O FIM

Voltei do Iapó á cidade pelo mesmo caminho, por onde tinha vindo. Devo advertir, que todos os mineraes, e vegetaes, enunciados nas minhas diferentes viagens pela capitania, forão remetidos ao ministerio pela secretaria do ultramar.

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO D'ANDRADA.

ESTATUTOS

DA

ACADEMIA BRAZILICA DOS ACADEMICOS RENASCIDOS

ESTABELECIDA

na cidade do Salvador, bahia de Todos os Santos

CAPITAL DE TODA A AMERICA PORTUGUEZA

da qual ha de escrever a historia universal (*)

INTRODUCÇÃO

1. Os fieis vassalos d'elrei nosso senhor, que habitão n'esta capital dos seos estados do Brazil, aos quaes nenhum da Europa poderá exceder na lealdade e sincero amor ao soberano, viverão na maior consternação dêsde que receberão a noticia da perigoza enfermidade de S. M. Fidelissima, até o dia de sabado de aleluia 14 de Abril do prezente anno, em que conseguirão a certeza do perfeito restabelecimento da importantissima vida, e precioza saude do mesmo senhor. Forão ainda mais os jubilos nos corações, que os repiques nas igrejas, e com innumeraveis festas publicas repetidas vezes manifestou-se o gosto, que tinhão no peito.

2. Porem querendo perpetuar na memoria para nos seculos futuros a sua incomparavel alegria, alimentada da pureza de sua fidelidade, ideavão algum novo modo de dar ao mundo uma prova demonstrativa da sinceridade d'estes

(*) Estes estatutos forão oferecidos ao Instituto pelo visconde de São Leopoldo, tendo sido copiados de um manuscrito da Biblioteca Nacional da côrte.

obzequios. Lembravão-se de *que os soberanos são senhores das vidas, honras e fazendas dos seos vassalos*, e que oferecer-lhes tudo isto é mais prova de sugeição que de afecto. Que ter imperio nas suas vontades, e que o tributar-lh'as é divida, e não obzequio: porem que nos entendimentos não tem jurisdição a magestade. Esta potencia sómente se sujeita ás evidencias dos discursos; os seos obzequios nascem sempre do merecimento da cauza, e são os mais estimaveis; porque unicamente obedecem ao imperio da razão, até a vontade só póde qualificar-se de livre, quando oferece as produções do entendimento.

3. A este fim se principiarão a convidar mutuamente um grande numero de pessoas mais doutas e egregias d'esta cidade e rezolverão em uma junta erigir um perpetuo padrão da sua alegria, e do seu afecto á real amabilissima pessoa de S. M. F. estabelecendo uma Academia, que tenha por principal instituto escrever a Historia universal, ecleziastica e secular da America Portugueza, e que principie no feliz dia, em que se celebra o anniversario da nossa maior fortuna, dedicando a este sublime objeto as primeiras produções dos seos engenhos na primeira conferencia publica d'este congresso.

4. Julgarão, que o mesmo Senhor fará maior estimação d'este obzequio, que levantar-lhe em cada praça publica uma estatua equestre do mais preciozo metal. Consideravão, que estas são muitas vezes um inutil simulacro da vaidade, porem que uma academia, que tomou por empreza escrever a nossa historia d'este continente, e tem por obrigação averiguar a verdade, podia fazer eterno o seo agradecimento aos reaes beneficios, colocando no templo da Fama a glorioza memoria das ações de um rei, que póde ser prototipo de todos os principes perfeitos.

5. Animarão-se com a incomparavel proteção, que S. M. tem devido ás sciencias e ás belas letras, o premio de todos os benemeritos, e a utilidade publica: sendo certo que dos congressos literatos rezultão á republica inexplicaveis utilidades, que só se reconhecem com a experiencia, e se premeão as ações ilustres, perpetuando-se a memoria das que obrarão os vassalos mais dignos. Sem esta aplicação ficarião injustamente sepultadas as maiores

façanhas, ou pelo reprovavel ocio dos eruditos, ou pela ignorancia invencivel dos vindouros. Sem a Historia, nem se temeria a infamia pela facilidade, com que podia esquecer, nem seria muito estimavel a gloria de emprehender as ações grandes, durando pouco tempo a lembrança das heroicidades. Alem de que as mesmas academias recebem logo com uzura a paga da sua aplicação, conseguindo pelo mutuo commercio dos seos eruditos socios muito consideravel aumento na instrução, que poderião esperar dos seos particulares estudos, e habilitando-se n'estas literarias conferencias para os primeiros empregos muitos homens, que, sem exercicio similhante, serião totalmente inuteis á Patria, e talvez que infelizmente contados entre o numero d'aqulles, a que os Romanos chamavão proletarios.

6. Conservando este ponto de vista não necessitaria o congresso de mais lei, que o proprio gosto, emquanto durar a união e o estudo, o zelo da religião, de que hão de escrever tão admiraveis progressos, a honra da Patria, e a gloria dos doutos portuguezes americanos.

7. Mas por cumprir com as formalidades do costume, e para aplicar mais este meio de fazer perduravel esta ilustre empreza, determinarão para o seu governo os estatutos seguintes.

§ I

8. Para se escrever a Historia eclesiastica e secular, geografica, e natural, politica e militar, emfim uma Historia Universal de toda a America Portugueza, com mais brevidade se dividirá este laboriozo exercicio pelos academicos, que á pluralidade de votos forem eleitos, para cada uma das provincias d'este continente: porem antes que se lhes encarregue a dita Historia, que deve compor-se em latim (e sugeitando-se aos preceitos não dá logar a se averiguarem os pontos duvidozos, e a grande individuação, com que o historiador deve saber todos os factos, e opiniões para escolher a melhor), se concluirão as *memorias historicas*, que se devem imprimir na lingoa portugueza.

§ II

9. Para as ditas memorias se elegerão pelo mesmo modo os academicos, a que se encarregarem, rezervando por ora outros dos mais eloquentes e conspicuos, para que depois possão ser eleitos para escrever a historia latina.

10. Para mais facilidade se subdividirão as provincias em pequenos distritos, e outras vezes, si se julgar conveniente, se poderão encarregar as memorias de duas ou mais provincias a um só academico, ou dar-se ao eleito um ou mais colegas, e com quem divida o trabalho da compozição, que se lhe destinar.

11. Os pontos duvidozos se irão logo repartindo pelos socios a votos de toda a Academia, na forma que forem ocorrendo, para compôrem sobre elles dissertações, e á vista d'ellas se tomar assento no congresso da opinião, que deve seguir-se, depois do que se observará a decizão como lei academica.

12. Qualquer academico ou do numero ou supranumerario (que em pontos literarios são todos iguaes) poderá dissertar sobre todos estes assuntos, que se derem no congresso, ainda que não tenha sido dos nomeados.

13. Nenhum dos escritores, em achando ponto duvidozo, poderá assentar com qual é a mais provavel opinião, sem primeiro o propôr para se rezolver no congresso.

14. Finalmente as reflexões, que se encarregarão ao director da Academia para mais clara individuação do sistema, que se deve seguir n'estes escritos, depois de aprovadas pelo congresso, se executarão como si fôssem parte d'estes estatutos, e n'elles incluidas.

§ III

15. Far-se-á todos os annos no dia 13 de Maio eleição por escrutinio de cinco academicos do numero para director e censores; e o seu exercicio e jurisdição durará sómente por tempo de um anno; e não poderão ser reconduzidos no immediato, posto que ou todos, ou cada um d'elles poderá ser reeleito no subsequente.

16. Do mesmo modo se elegerá secretario, e vice-secretario, mas os que ocuparem estes dous empregos, cumprindo bem com as suas obrigações, poderão ser reconduzidos um ou muitos annos, porque estes lugares na maior parte das academias da Europa costumão ser vitalicios.

17. Os academicos do numero (que sómente podem ser eleitos para os referidos empregos) são os unicos que hão de votar em tudo que pertencer ao governo economico da Academia, e em todas as eleições que esta fizer. Vagando lugar numerario, se elegerá para elle por escrutinio um dos supranumerarios, havendo-os : bem entendido que nunca poderá ser eleito do numero pesssoa, que não assista n'esta capital, e que possa vir pessoalmente á Academia recitar a sua oração gratulatoria (politica de que sómente ficão izentos os fundadores), mas auzentando-se depois, nem por isso perderá o lugar. Quando vagar academico supranumerario, não é precizo, que em seu lugar se eleja outro.

18. Si algum colega se mostrar ofendido de o não elegerem para algum emprego (o que se não espera) será logo riscado do numero dos academicos; pois n'esta ação daria bem a conhecer a grande ignorancia, que padecia do socego, dezinteresse, e mutua sinceridade, com que se governão estes corpos literarios

§ IV

DIRECTOR

19. O director prezidirá em todas as conferencias, que se fizerem no seu anno. Determinará os dias, em que se ha de juntar o congresso. Fará pôr pronta a caza e o mais que fôr precizo para essas funções. Proporá todas as materias, que lhe parecer, mandando-as pôr a votos, para se executar o que se vencer pelo maior numero d'elles. Terá voto de qualidade em cazo de empate. Declarará os academicos, que fôrem novamente eleitos, e os empregos, que se distribuirem a cada um. Terá obrigação de cuidar em que se imprimão os livros e mais papeis, que aprovar a Academia. Será quem dê a S. M. as contas, que julgar precizo

pôr na sua real prezença, especialmente para a confirmação d'estes estatutos, e que elrei, nosso senhor, nos conceda a onra do titulo de *Academia Real,* dirigindo todos os mais requerimentos que tiver o congresso com S. M. pelo Illm. e Exm. Secretario de Estado, que foi eleito Mecenas da Academia; e tambem reprezentará aos Illms. e Exms. Vice-reis do Estado o que fôr precizo a bem do congresso. Poderá impor silencio, evitar disputas, tocar a campainha, e fazer todas as mais funções de prezidente. Sentar-se-á em uma cadeira de braços entre os censores.

§ V

CENSORES

20. Os egregios lugares de censores, que fôrão os de maior estimação em Grecia e Roma, são os mais uteis na Academia. Poderão censurar tudo o que lhes parecer, assim do governo da mesma, como dos seus escritos, sem dependencia alguma do director, ao qual podem advertir as materias, que deve propôr, e este executará ainda que seja contra o seu parecer, si na meza censoria ficar vencido em votos. O mesmo se observará, notando-se qualquer abuzo, que se introduza, e seja prejudicial ao instituto academico. Farão algumas juntas particulares com o director e secretarios, e quando a qualquer d'elles parecer precizo, e o que n'ellas se ajustar, se communicará ao congresso, para que o que for vencido por pluralidade de votos, se registe nos livros com força de lei academica.

21. Faltando o director, servirá de vice-director o primeiro censor, e faltando estes os mais por sua ordem até o vice-secretario, nomeando este e o secretario, quem sirva os seus respectivos cargos, quando lhes tocar prezidir; o que todos farão, conservando-se nos seus proprios assentos, como se pratica em todos os tribunaes.

22. Depois de eleitos censores, tirarão por sortes a ordem, por que se devem preceder, e segundo esta se sentaráõ aos lados do director.

§ VI

SECRETARIO

23. O secretario terá indefectivel cuidado nas importantissimas obrigações do seu estimavel cargo. Avizará os academicos novamente eleitos, e aos mais para os dias das conferencias. Escreverá e responderá as cartas, na forma que parecer ao director e censores. Porá prontos os livros e mais papeis, que o director deve mandar imprimir. Comporá a historia d'esta Academia, escrevendo para isso todas as suas memorias; e fará escrever e registar as suas decizões, para o que, e para o mais que for precizo, dividirá as materias em seis livros pela maneira seguinte:

24. No primeiro livro registará as ordens, que houver de S. M. e dos seus ministros, respectivas a este congresso.

25. Os estatutos e um catalogo por ordem alfabetica de todos os academicos do numero, e outro dos supranumerarios, e procurará declarar n'elles a patria, idade e paes dos mesmos academicos, para mais facilidade dos panegiricos historicos, que se lhes hão de fazer para o futuro, e da mesma sorte os logares, em que assistem, para se lhes dirigirem as cartas de oficio.

26. Os assentos das eleições, que se fizerem, assim para academicos como para os cargos do governo d'esta sociedade.

27. As memorias de tudo o que se tratar em cada conferencia, com as principaes razões, que merecerem especial lembrança.

28. E para que por nenhum módo esqueça, ou se confunda algum papel, na conferencia seguinte immediata trará concluido o assento do que se passou na antecedente, e feitas as adições, declarações, ou correções, que advertirem os socios, e determinar o mesmo director, com o parecer dos censores, assinará toda a meza o dito termo.

29. N'elle se fará menção de todas as obras, que entregaraõ os academicos.

30. E em todos os livros dividirá cada uma das materias em diversos titulos, ou capitulos.

31. No segundo livro mandará registar as contas de

estudo, que se derem por escrito, e tudo o mais que compuzerem os academicos, evitando-se por este modo a infelicidade, que tiverão na náo Santa-Roza todas as obras dos *Academicos Esquecidos da Bahia*, quando se remetião á côrte para se imprimirem, pois, pela falta d'esta cautela, se extinguirão para sempre no incendio, em que perecêrão com a dita náo, de sorte que não aparece já hoje algum fragmento do seu util e louvavel trabalho. O que sómente poderá evitar-se, si os academicos derem dous exemplares das suas obras, o que se lhes recommendará muito, para que assim o executem, si lhes for possivel; bem entendido que com nenhum pretexto se poderá mandar para o reino papel, de que não fique copia na secretaria, onde as guardará com boa ordem cronologica, e divididos os de cada uma das conferencias.

32. O terceiro livro servirá para se registarem os documentos, que vierem á Academia, e de que parecer util conservar a memoria, para servirem de prova ao que se escrever da Historia Brazilica; e para que estes se possão conseguir, pois são o unico meio de averiguar a verdade, no cazo que S. M. seja servido confirmar estes estatutos, uzará a Academia da mesma jurisdição e do mesmo metodo e segredo, que a Real da Historia Portugueza, para conseguir os manuscritos, que lhe fôrem precizos de qualquer tribunal, secretaria, archivo, ou cartorio do Brazil, e da transgressão ou descuido dará o director conta ao mesmo senhor.

33. No quarto livro se registaráõ todas as cartas, e respostas, que pela Academia se hão de mandar e receber.

34. O quinto livro servirá para registo dos assumptos, e distribuição das materias, sobre que se deve escrever, declarando-se os nomes dos respectivos academicos, a quem se encarregarão, e o dia em que se lhes distribuirão, e pondo-se á margem verba, que declare o que cada um tem escrito sobre elles e o lugar, em que na secretaria, ou nos seus livros se podem achar facilmente as suas respectivas compozições.

35. No mesmo fará assento de todos os papeis ou documentos, que se houverem por emprestimo, assim de uns para outros academicos, como dos archivos e pessoas

particulares, pelos pedirem os colegas, a quem estiver encarregada a materia, de que os mesmos documentos tratarem. Assinará a verba o academico, que os receber, que se descarregará, quando os restituir, e se declarará o dia, em que forão entregues a seus donos.

36. O sexto livro servirá para o inventario de tudo que se achar na secretaria, e dos livros d'ella, com um index por ordem alfabetica do que contiver a secretaria, e outro dos livros da biblioteca, que para o futuro tiver a Academia, a qual tambem estará entregue a quem servir de director, e se guardará na caza, em que se fizerem as sessões academicas, sendo o seu uzo quoditiano livre a todos os colegas, aos quaes porém se não poderá emprestar livro algum sem assento, a que preceda despacho do mesmo director.

37. Todos estes livros, para ficarem autenticos serão rubricados pelo mesmo director, e com despacho seu passará d'elles o secretario todas as certidões, que por qualquer pessoa se pedirem.

38. Como pelo tempo adiante será precizo haver grande numero de livros, o que faria confundir a bôa ordem, para evitar este inconveniente se porá no rosto do primeiro livro—Liv. 1.° tom. 1.°—no que se lhe seguir d'este mesmo genero—Liv. 1.° tom. 2.°—e assim nos mais, ex. gr.—Liv. 2.° tom. 1.°—Liv. 3.° tom. 1.°, etc., continuando a numerar-se os tomos seguintes pelos livros, a que dizem relação.

39. Entrando novo secretario, se fará termo de entrega, assinado por ambos, indo assistir a ella pessoalmente o director.

§ VII

VICE-SECRETARIO

40. Considerando-se que o emprego de secretario será muito laboriozo para um só academico, se elegerá outro para vice-secretario, que terá assento, voto, e graduação igual, e não só servirá nos seus impedimentos, mas tambem repartirá com elle o trabalho das aplicações proprias dos seus respectivos empregos, podendo ser

assinados os avizos e papeis da Academia por qualquer d'estes dous secretarios.

§ VIII

ACADEMICOS

41. Os academidos do numero serão quarenta, e nunca se poderá exceder. Serão todos prontos em assistir ás conferencias, e se assentaráo sem preferencia, pela ordem cazual por que fôrem entrando para o congresso. Principiaráo a votar pelo primeiro que ficar ao lado direito dos censores, e em ultimo lugar os secretarios, censores, e director. Quando tiverem impedimento para irem ás conferencias, o avizarão ao secretario por escrito, e o mesmo deverão fazer os censores e director, e a este avisará o secretario. Votarão em tudo o que se houver de rezolver, e poderão propor as duvidas, que julgarem uteis, e as emendas que lhes parecerem precizas nos escritos de qualquer colega, utilidade, que, sendo mutua, deve ser muito estimada pelos seus autores: porém guardaráõ inviolavel segredo n'estas materias, e em todas as outras, que se lhes recommendar se não publiquem; abominando a pueril vaidade de dizerem, que encontrárão defeitos nos seus socios, na certeza de que sómente a união dos estudos fará, que lhes sirva de honra e louvor, que conseguir qualquer dos membros d'este corpo, e por consequencia que cada um tem grande parte no descredito de qualquer dos seus companheiros ; e sendo comprehendido algum socio na transgressão d'esta lei academica, será advertido a primeira vez pelo director, sem declarar o seu nome, a segunda lhe estranhará em conferencia, nomeando-o, e expressando-lhe o seu dezacordo, e na terceira será riscado dos livros da Academia, como indigno de ser membro de um tão ilustre corpo.

42. Todas as obras, que entregarem ao secretario, virão escritas em folha de papel com margens capazes de se encadernarem, e farão muito por entregar duas copias para ir uma á imprensa, e ficar outra na secretaria.

§ IX

ACADEMICOS SUPRANUMERARIOS

43. Haverá os academicos supranumerarios, que se julgarem dignos e precizos, os quaes poderão ser moradores em outras provincias, até em Portugal, e ainda fóra do reino; e será util, que haja ao menos dous d'estes socios em cada um dos bispados da America. Estes não terão numero certo; porém os que forem moradores n'esta cidade, ou seu termo, não poderão exceder o de metade dos academicos numerarios; e este honrado titulo se não dará a pessoas, que se suspeite o querem sómente honorario; mas sim com muita parcimonia, e madura reflexão, e sómente a aqueles, que se julgar são verdadeiramente aplicados, e que querem empregar-se de veras nas fadigas literarias, a que se sugeitão todos os colegas d'esta nobilissima sociedade. Terão voto em todas as materias literarias, e assento igual com os do numero, e poder-se-lhes-ão encarregar todas as obras, que ordenar a Academia, tendo avizo para assistirem ás conferencias todos os que assistirem n'esta cidade, da mesma sorte que os de numero.

§ X

IMPRESSÃO DAS OBRAS

44. Nenhum dos socios, ou do numero ou supranumerario, e ainda que seja o mesmo director, poderá imprimir obra alguma, sem primeiro ser aprovada pela Academia, e só no cazo em que viva em provincia tão distante, que se conheça cauzar-lhe grande incommodo remeter o original ao congresso, poderá reprezentar pelo secretario a razão, que teve para faltar a esta lei; e com aprovação de toda a sociedade se lhe responderá o que parecer justo. Sendo possivel, se dará commissão a outro academico, que assista nas vizinhanças do autor da obra, o qual informará do seu merecimento, com um extrato do que

n'ella se contém ; e de tudo que imprimirem, serão obrigados a mandar um exemplar para se conservar na secretaria, e mais sete para os colegas, de que se compuzer a meza censoria. Estas licenças pertencem ao director e censores, que as assinarão com o secretario, que as lavrar, e lhes puzer o selo, como chanceler da Academia; e precederá mandarem informar com seu parecer dous até trez socios, ou sejão do numero ou supranumerarios ; porém o despacho se ha de proferir conforme ao que se vencer na meza, ficando os informantes sómente com voto consultivo.

45. As obras, que se imprimirem, e tiverem sido mandadas compôr pela Academia, serão sempre dedicadas a Sua Magestade Fidelissima, nosso augusto protector. Dar-se-á d'ellas um exemplar a cada um dos academicos, dois a cada um dos sete do governo, e se conservarão outros dois na Academia, da parte da qual offerecerá o secretario dois aos Illms. e Exms. vice-reis e governadores, e outros dois aos Exms. e Rvms. arcebispos. Os mais exemplares se entregarão ao seu autor (que não fará despeza alguma com a imprensa) para dispôr d'elles, como lhe parecer, e entrando algum academico de novo, se lhe oferecerá um exemplar de cada uma das ditas obras.

§ XI

ELOGIOS FUNEBRES

46. Falecendo algum academico, se elegerá outro para que escreva o seu elogio, no qual se incluirá o epitome de sua vida, que se ha de lêr na Academia, e lançar-se no livro do registo, para se imprimir com a sua historia. O director e secretario farão logo recolher as obras, que tiver composto do seu instituto, e todos os livros e papeis, que da mesma Academia se lhe tiverem confiado.

47. Si o colega falecido fôr da ordem dos sete, que servem na meza censoria, votar-se-á em um dos seis para escrever o seu elogio. Sendo sómente do numero, em outro tambem numerario, que não seja da meza ; e sendo supranumerario, em um tambem da sua mesma ordem.

§ XII

FUNÇÕES PUBLICAS

48. Todos os annos se farão trez conferencias publicas em obzequio dos anniversarios de Sua Magestade Fidelissima, e de S. A. R. a princeza do Brazil, nossa senhora, para o que se elegerá a caza, que a votos julgar a Academia mais propria, e se poderá fazer do mesmo modo mais alguma conferencia, julgando a Academia a votos que tem objeto digno, que a obrigue a esta excessiva demonstração; o que se permitirá muito poucas vezes. O director e censores determinarão as obras, que se devem compôr, assim em proza como em verso, e os seus assuntos: porém o que se executou em um anno, não servirá de exemplo para os seguintes, ficando livre o arbitrio de mudar, diminuir, ou ampliar o que parecer melhor.

§ XIII

CONFERENCIAS PARTICULARES

49. Todos os quinze dias, principiando no segundo sabado depois de 13 de Maio, haverá uma conferencia no lugar, que destinarem para as particulares, ás quaes se ha de entrar pelas trez horas da tarde, e principiar logo que estiver prezente o academico, que servir de director, sem esperar mais que até dez academicos: e n'ellas darão uma breve conta dos seus estudos por escrito os academicos, que na antecedente nomear o director. Lêr-se-ão as dissertações, as cartas, as contas do estudo, as memorias, que se fôrem compondo, e o mais que parecer conveniente.

50. O director deve orar no dia dos annos d'elrei, nosso senhor, e dos quatro discursos, com que se deve abrir a conferencia nos mais dias, que determinam estes estatutos, dirá o primeiro censor o da Mãi de Deus, nossa padroeira; o segundo o da rainha, nossa senhora; o terceiro o da princeza, nossa senhora; o quarto o do nosso Mecenas. Servindo algum de director, comporá o que a este toca, e n'esse cazo, ou no de outro invencivel impedimento de algum

dos referidos, pertencerá ao secretario e vice-secretario suprir as suas vezes a este fim.

51. Nas conferencias, em que se tratar do governo da Academia, ou do exame das suas compozições, se não admitirá pessoa alguma estranha, de qualquer qualidade que seja, menos quando algum fôr chamado, ou reprezentar, que quer referir alguma noticia importante, julgando o director e censores ser conveniente, e n'este cazo se assentará entre os academicos. Porem antes das funções publicas terá sempre a Academia a politica de dar parte aos Illms. e Exms. vice-reis ou governadores d'este estado, e aos Exms. e Rvms. arcebispos; o que executará o director pessoalmente, para que, querendo SS. EExs. fazer ao congresso a honra de assistir á sua conferencia, lhes mande preparar o lugar com a distinção devida á sua alta gerarchia, e supremas dignidades.

§ XIV

FERIAS

52. As ferias principiarão no primeiro sabado, que se seguir a quinze do mez de Dezembro, e que será a ultima conferencia; e se tornará a abrir a Academia no primeiro sabado depois da dominga da paschoa; e para esta sessão se poderá encarregar maior numero de dissertações para tambem se aproveitar o tempo feriado.

§ XV

53. O academico, que repugnar obedecer a algum d'estes estatutos, será riscado dos livros da Academia, como indigno da honra de compôr um corpo tão serio e tão respeitavel; porem si algum tiver justo embaraço para continuar a ser academico, o poderá reprezentar no congresso, e no cazo de ser admitida a escuza, se elegerá outro em seu lugar, não podendo ser mais admitidos os que uma vez fôrem escuzos ou riscados; e sendo supranumerario, se póde escuzar sem se eleger outro em seu lugar.

§ XVI

54. A Academia terá empreza e selo, uzando d'este em todos os seus despachos e cartas,e nos titulos, que se hão de passar aos academicos, aos que fôrem eleitos para algum emprego, e d'aquela no principio de todas as suas obras. A empreza será a ave fenix, fitando os olhos no sol, e com esta letra *multiplicabo dies*, reprezentando-se varias aves da America e da Europa em seguimento do fenix, com as seguintes palavras de Claudiano:

« Conveniunt aquilæ, cunctœque ex orbe volucres,
« Ut solis connitentur avem...»

55. O selo reprezentará o mesmo fenix abrazando-se em chammas com esta letra *ut vivam*, e na circunferencia este titulo—Academ. Brazil. dos Renascid.—e servirá de chanceler da Academia quem servir de secretario.

56. Intitular-se-á Academia Brazilica dos Academicos Renascidos, para escrever a Historia Universal da America Portugueza. Elegerá tambem padroeiro, protector, e Mecenas.

§ XVII

PADROEIRA

57. Será padroeira da Academia Nossa Senhora da Conceição, que tambem o é do reino. Na primeira conferencia publica jurarão os academicos defender a verdade da immaculada conceição da Virgem Mãi de Deus, e o mesmo farão os que entrarem de novo, antes de tomarem posse, e o repetirão os que fôrem eleitos para os primeiros empregos. No sabado, vespera do dia, em que a igreja celebra o patrocinio da mesma senhora, haverá de tarde conferencia academica, e recitará um dos censores um discurso panegirico á sua immaculada conceição, implorando a sua proteção para que ilustre o entendimento dos academicos para o acerto e duração d'este congresso. No mesmo dia devem ir os academicos assistir á missa da mesma Senhora, que hão de oficiar alguns dos socios na igreja do convento do Carmo, a cujos doutos e politicos religiozos deve a

Academia o terem oferecido uma caza mui propria e decente para se fazerem as conferencias academicas, emquanto este congresso não tiver caza propria.

§ XVIII

PROTECTOR

58. Elege a Academia para seu protector ao muito alto e muito poderozo rei D. Jozé, nosso senhor, o pai da patria, a quem se dedica este utilissimo estabelecimento ; e no cazo de S. M. F. ter a piedade de aceitar este humilde, mas sincero obzequio, se intitulará d'ahi por diante esta Academia *Real* e mandará partir em pala o escudo do selo, juntando as armas reaes á diviza, que para elle elegeu, e na orla esta letra—Acad. Reg. Histor. Brazil. Soterop. 1759.

§ XIX

59. A mesma Academia elege para seu Mecenas ao Illmo. e Exmo. secretario d'estado Sebastião Jozé de Carvalho Mello, do conselho de S. M. F. e academico do numero da Academia da Historia Portugueza, que é o mais ilustre fautor das artes e das sciencias, e do bem commun d'esta monarchia. No dia 13 de Maio, em que faz annos este grande ministro, se abrirá a conferencia academica com um discurso em seu obzequio, que ha de recitar um dos censores.

60. No mesmo dia (que foi o primeiro em que principiou a tratar-se da idéa d'este util estabelecimento literario) se procederá á eleição na fórma do § III d'estes estatutos.

§ XX.

61. A Academia em uma junta particular de 2 do corrente aprovou estes estatutos por votos conformes ; e os Snrs. director e censores os mandaráõ executar interinamente, com declaração porem que antes de se mandar á côrte e á prezença de S. M. os devem examinar todos os

socios com muita pureza, para se acrescentar ou diminuir o que parecer justo e decente.

Bahia na conferencia publica de 6 de Junho de 1759.

O Dr. Jozé Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, director. João Borges de Barros, 1° censor. Fr. Ignacio de Sá Nazareth, 2° censor. Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, 3° censor. João Ferreira de Betencourt Sá, 4° censor.

Foram publicados na dita conferencia.

Antonio Gomes Ferrão Castelbranco, secretario e chanceler da mesma Academia.

§ XXI

ADIÇÃO AOS ESTATUTOS

62. Na conferencia de 21 de Julho, em que por queixa grave, que experimentou o director Jozé Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, que se achava sangrado, servio de vice-director o 1°. censor João Borges de Barros, se assentou, que se devia pedir a S. Magestade a confirmação dos estatutos, na fórma que se mandárão publicar na primeira conferencia publica de 6 de Junho, e igualmente os paragrafos seguintes, que por todos os votos, a que se mandou proceder por escrutinio se rezolveu, que se devia acrescentar na fórma do § XX n. 61.

§ XXII

63. Considerando todo o congresso academico o publico interesse da sua dezejada conservação, e que esta sómente se podia estabelecer na duração do seu actual director Jozé Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, que como mais instruido nas mais publicas e famozas academias da Europa tem dado o ser á nova Academia Brazilica dos Renascidos, animando com o estudiozo exemplo da sua infatigavel aplicação ao bem aplicado exercicio dos seus colegas, propoz o vice-director João Borges de Barros a todo o congresso, que o meio mais proporcionado para a

conservação da mesma Academia consistia em ser o mesmo Jozé Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello director perpetuo d'esta Academia ; porque pela obrigação d'este emprego saberia em qualquer parte, que assistisse, concorrer e afervorar a todos para a glorioza continuação dos progressos academicos, como quem sabe avaliar o proveito e a gloria d'esses estudos : mandando proceder a votos por escrutinio com todos votos brancos, faltando sómente dous, sahio eleito por director perpetuo, e só por seu falecimento se executará o determinado no § III n. 15, e com sua auzencia servirá de vice-director o 1º. censor em execução do § V. n. 21. Porem auzentandose de todo do Brazil, se fará sempre um vice-director, com os mesmos poderes, alem dos quatro censores, e tudo que se rezolver na Academia se ha de participar ao director perpetuo, ou esteja na America, ou na Europa.

§ XXIII

64. Dezejando a mesma Academia fazer-se util á Patria, quanto lhe for possivel, e compondo-se hoje de socios muito eruditos, e versados em todas as faculdades, se oferece a responder a todas as duvidas, que a ella quizer ir propôr qualquer pessoa, e em qualquer materia, ou pessoalmente na fórma do § XIII n. 51, ou por escrito, sendo assinada a carta por pessoa conhecida, porque não se admitirão cartas anonimas, fazendo-se d'ellas o pouco cazo que merecem.

§ XXIV

65. Os academicos moradores na Europa serão obrigados a escrever todos os annos á Academia com as contas dos seus estudos, e dando-lhe noticia dos empregos, que novamente tiverem, e dos lugares em que assistem, e o mesmo farão os academicos auzentes da Bahia, e moradores na America, ao menos de trez em trez mezes, advertindo tudo o que parecer util á Academia.

§ XXV

E assim determinou a meza censoria se executassem estas leis academicas, que não poderão mudar-se debaixo de algum pretexto qualquer que elle seja, por estarem afectas a el-rei, nosso senhor, a quem se dá conta, pedindo-lhe a Academia a confirmação, e querendo se alterar em parte ou em todo, directa ou indirectamente se não poderá fazer sem ordem de S. M. F., nosso augusto protector.

Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos em conferencia de 21 de Julho de 1759.

João Borges de Barros, 1° censor, e vice-director. Fr. Ignacio de Sá Nazareth, 2° censor. Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, 3° censor. João Ferreira de Betencourt Sá, 4° censor.

Antonio de Oliveira, pro-secretario e pro-chanceler da Academia.

SEGUIÃO-SE

Catalogo alfabetico dos academicos do numero (40) 31 de Julho de 1759.

Catalogo alfabetico dos academicos supranumerarios. Contão-se 76, entre elles, em Portugal, o dezembargador João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, o dezembargador Ignacio Barboza Machado, o dezembargador Jozé de Seabra da Silva, o Dr. Antonio Bernardo de Almeida, e outros igualmente distintos pelo seu saber; e até na Espanha D. Agostinho de Montiano, D. Fernando de Velasco, D. João Manoel de Santander e D. Miguel de Mina, todos com altas dignidades n'aquelle reino, e socios da Real Academia da Historia das Espanhas, etc., etc.

DISCURSO

EM QUE SE MOSTRA O FIM PARA QUE FOI ESTABELECIDA

A

SOCIEDADE LITERARIA DO RIO DE JANEIRO

celebrando a mesma o seu anniversario em memoria do

SR. REI D. JOZÉ I

o restaurador das letras em Portugal, a 6 de Junho de 1787.

Tolimus ingentes animos et maxima
parvo tempore molimur.
SENEC.

Officia humanitatis in eo consistunt, quod quilibet teneatur operam dare, ut publico prosit.
Heinec. De Officio Hominis et Civis, lib. 1 cap. 8 § 2.

A sorte, que bem apezar da minha indignidade, me conferio o emprego de prezidente d'esta sociedade, me constitue ainda agora na obrigação de vos fazer ver o fim de um tão louvavel estabelecimento; a constante experiencia de muitos seculos tem mostrado, que é do seio das academias e sociedades literarias, que têem sahido os maiores progressos e rezultado o maior adiantamento das sciencias; sendo estas uns dos mais inestimaveis tezouros dos reinos e dos imperios, e compondo os vassalos sabios a principal porção da gloria das monarchias, quem duvida serem ellas tambem os mais dignos objetos da atenção dos grandes principes?

A sabia providencia, com que o amabilissimo monarca,

de quem saudozamente recordamos a memoria, fez praticar uma perfeita reforma nos estudos, claramente manifesta aos olhos de todos a proteção e a colhimento, que as letras lhe merecião, sua augusta filha, que felizmente reina, a exemplo de um tal pai, como poderia ser tão virtuoza quanto todos a reconhecem, si o seu real animo não fôsse excitado do amor das sciencias?

Ora é no seculo prezente, que se tem comprehendido bem todo o preço das luzes e conhecimentos de tão uteis institutos, o que reconhecendo a nossa soberana fundou e protege a Real Academia das Sciencias de Lisbôa. E na verdade, Srs., que nada mais interessante ao homem que conhecer os corpos, que os cercão, que obrão incessantemente sobre elle, os deveres que lhe impõe o estado da sociedade, para o qual nasceu, o reconhecimento e sugeição, que elle deve ao autor de seu ser e conservação: si o homem é culpado as mais das vezes o é por que lhe faltão as luzes necessarias, porque não poz a diligencia, que devêra pôr em instruir-se do que mais lhe importa saber, d'onde vem, que elle desconhece as vantagens, que estão ligadas ao cumprimento de suas obrigações. Que outro objeto pois poderião ter em vista espiritos, que se alimentão do bem da humanidade, que não fôsse a utilidade publica e a sua propria instrução?

Não podeis duvidar, Srs., que os homens serão tanto mais uteis aos seus similhantes quanto mais exactos em suas obrigações fôrem; para o que é precizo, que sejão instruidos n'ellas e aclarados. Ora que horrores não têem dezaparecido da face da terra, á proporção que a ignorancia se tem desterrado d'ella, e que a luz das sciencias tem vindo aclaral-a, bem como os fantasmas da noite se dissipão á chegada dos primeiros raios do sol!

O homem nasce com paixões, que o alucinão, e necessita de luzes, que o possão conduzir; nasce ignorante e necessita instruir-se. Não é precizo lançar os olhos para as nações cultas, basta ver a diferença entre os particulares, e notar ainda por outro lado as grandes vantagens, que se tem seguido da cultura das artes, e da aplicação ás sciencia; fazei d'isto uma comparação a nosso respeito, e claramente vereis, que o fim a que esta sabia corporação se propôz,

não foi nem podia ser outro senão a instrução em suas obrigações, de que rezulta a publica utilidade; estes fôrão os justos motivos do seu estabelecimento, e estes serão sempre o movel de suas fadigas literarias. Não de outra sorte emprehenderei em formar seu elogio do que fazendo-vos um summario das interessantes materias, que se têem tratado no breve espaço de menos de um anno; n'elle vereis com quanto desvelo se tem trabalhado, que fruto se tem tirado, quanto o zelo do bem publico, e o ardente dezejo do seu adiantamento a têem animado: é a maior prova, que eu posso alegar em seu abono; atendei.

Primeiramente dezejando antes de tudo sacrificar as primissas do nosso trabalho ao maior bem da humanidade, que é a vida, e á conservação da saude, o maior bem da mesma vida, se projetou tratar das epidemias e molestias endemicas do paiz como objeto da primeira necessidade. Para este fim se elegeu e tomou por modelo a recommendavel obra das observações de Caligorne sobre as molestias epidemicas e endemicas da ilha de Minorca, porém como esta se acha só na lingua ingleza, foi necessario proceder á sua tradução, e se acha vertida em portuguez a primeira parte, e esperamos brevemente se complete a segunda; entre tanto se delineou e emprehendeu a descrição fizica e economica, ou a historia natural e politica do nosso paiz: que multiplicidade de objetos não envolve uma similhante obra!

Situação geografica do clima, demarcação e limites do terreno, cuja historia se emprehende, aguas, mar, rios, diversidade de fontes, descrição astronomica de meteoros, temperatura da atmosfera, variedade de estações, observações medicas reguladas pela meteorologia, pelo que respeita ás agudas pelo menos ás estacionarias; descrição dos trez reinos da natureza, etc. Vê-se bem, que tempo é necessario para similhante empreza, e isto emquanto á descrição fizica. Pelo que diz respeito á economica não é menos intrincado o labirinto, que se oferece: historia da povoação, serie dos governadores, dos tribunaes, do governo politico, suas leis, uzos, e costumes; agricultura, commercio, letras, e armas, etc.: pelo que distribuirão-se as materias para mais

dilatado tempo, qual exige uma obra d'esta natureza; vede porém as memorias, que fizerão grande parte das sessões de cada noite.

Leu-se na de 30 de Novembro do anno passado uma memoria sobre o eclipse total da lua, que depois se verificou a 3 de Fevereiro do prezente anno, notado por meio de um exacto e miudo calculo feito pelo nosso meridiano, e dezenhado com toda a circunspecção, mostrando os diversos aspectos da lua nos diferentes tempos do eclipse, principio e fim da total e parcial escuridão, principio, meio, e fim do eclipse, semi-diametro da lua, movimento horario, sua latitude, sua paralaxe, e mil outras miudezas, que por brevidade omito, mas que confirmão o bem merecido conceito de uma tal sciencia, e d'esses professores, que fazem honra a esta sociedade: tudo depois se realizou no tempo prefixo. Passadas as ferias de Dezembro, Janeiro, e Fevereiro, se leu outra, em que se dava conta do que havião observado no tempo do eclipse, com que atenção, e com que miudeza é notada a obscuridão ou aparição até das mais minimas fazes d'este planeta, de sorte que se lhe póde com muita razão aplicar aquele facto, ou principio — quam multa vident pictores in umbris, quæ nos non videmus, quam multa quæ nos fugiunt in cantu, exaudiunt in genere exercitati.

Realça o seu merecimento serem feitas estas observações em paiz, onde nunca se havião feito, ou si as houve, jazem sepultadas no esquecimento; e o que mais é ficar por este meio determinada a verdadeira longitude do Rio de Janeiro, até aqui duvidoza. Que precioza vantagem para as nações, que aqui tiverem de aportar, e de que admiração misturada de confuzão lhe não será ver vencida esta dificuldade, e achada defeituoza a que fez o abade de Lacaille no anno de 1751, como nota a mesma memoria, e isto não menos de que um membro da Academia Real das Sciencias de Pariz, vindo a esta capital com precizas ordens e recommendações a este respeito, terá de emendar no seu livro do movimento dos astros, que todos os annos publicão, não só o defeito, como a marca, que denota ser feita e determinada por astronomo e socio seu. Não parando aqui a vantagem,

que rezulta de taes observações, até nos póde servir de conhecer a longitude do Rio-grande, Mato-grosso e Pará, como nota ainda a mesma memoria. Vêde quanta utilidade !

Foi n'este mesmo tempo produzida outra memoria sobre as fricções, meio, ainda que simples, eficaz em muitas circunstancias. Seu autor depois de haver exposto, que ellas são um remedio recommendado por Hipocrates e praticado pelos mais celebres medicos da antiguidade, lembra judiciozamente, que da sua simplicidade provenha talvez o esquecimento, em que se achão da nossa pratica: Procedendo com metodo e bôa critica, dá a sua definição, faz as suas diferenças, alega muitas e bôas autoridades, e nos dá um grande numero de observações, que confirmão seu sucesso; aponta as diferentes circunstancias, em que convem explicar o seu mecanismo, e a melhor fórma de as prãticar; mostra quanto são uteis nos paizes humidos, nos tempos nebulados e chuvozos, em lugares pantanozos, em sujeitos de fibra froixa, e n'aqueles em em que uma languida circulação preciza meter-se em movimento, para suprir ainda mesmo o defeito de um ar insalubre, e remediar as digestões defeituozas, e outras muitas utilidades; passa depois a indicar o fruto, que do seu uzo podia rezultar aos habitantes d'esta cidade, e conclue apontando as cautelas, com que se devem aconselhar : de um tão simples remedio se não podia dizer mais nem melhor.

Forão mais produzidas duas memorias a 22 de Março do prezente anno, uma sobre o calor da terra fizicamente considerado, e outra sobre o fogo central.

Na primeira, depois de se haver ponderado a propagação do calor por meio das leis da refração e reflexão dos raios do sol, segundo a ação fizica, tudo explicado e notado em tal fórma, que dá bem a conhecer os profundos estudos, que d'esta sciencia tem feito o seu autor : passa-se a dar conta das observações meteorologicas feitas no mez de Fevereiro por espãço de seis annos sucessivos, em que mostra por calculo evidente ser este o mez de maior calor no nosso paiz, ha seis annos a esta parte, e haver-se aumentado este sucessivamente (á excepção do anno de1784, em que houve de diferença para menos 23 a 24 gráos) as chuvas, as

trovoadas e a evaporação, tudo circumstanciado com a mais cuidadoza atenção e miudeza, rematando com sábias reflexões sobre os efeitos do calor nos corpos humanos.

Na outra do fogo central, o seu autor, depois de haver referido as diferentes opiniões, que ha a este respeito, produz algumas razões, que o obrigão a não assentir á de Mr. de Buffon sobre a formação do universo; pelo que sendo este um ponto ainda indecizo na fizica, prudentemente conclue a sua memoria, contentando-se com a gloria de entrar n'esta indagação, e indicando as grandes dificuldades, que ha para a decidir.

Entrando mais a sociedade no util projeto de analizar as aguas da Carioca para, pelos seus conteúdos, conhecer a sua salubridade, e os danos, que poderião rezultar do seu uzo aos habitantes d'esta cidade, e necessitando para este fim de instrumentos, sábia e advertidamente se produzio uma memoria, na qual se mostrão as condições do areometro ou peza-licôr, as cautelas que se devem ter com este instrumento, para serem exactas as observações, que com elle se houverem de fazer. Admirai a prudencia e sagacidade de similhante lembrança, e com que zêlo se procura achar a verdade n'esta sábia corporação; ahi na mesma memoria se acha estampado o dito instrumento com aquela fabrica e configuração, que só o constituem fiel ás abservações para que é construido segundo as leis dos fluidos.

Alguns dos socios se empregão em experimentos analiticos sobre um tão grande objeto, de que rezultárão duas excelentes memorias, em uma das quaes o seu autor, havendo já produzido um pequeno discurso sobre a analize por meio dos sentidos, que por então lhe pareceu suficiente para poder concluir a respeito da agua commun, guardando talvez a maior cópia de experimentos para a analize das aguas mineraes, reflectindo comtudo na pouca certeza d'aqueles que se abalanção a novas experiencias, as quaes expende na dita memoria. Com que paciencia não executou um trabalho tão digno de louvor, sem lhe servir de embaraço o seu laboriozo e ocupado ministerio! Vêde a nobre emulação a quanto anima os espiritos desejozos de conseguir a verdade!

Na outra sobre este mesmo assunto, se produzem muitos

e diversos experimentos feitos em diferentes tempos, pela evaporação e adição de varias misturas, tudo executado com metodo e escrupulo tal, que a mim me fez lembrar o dito do abade Resnel, no summario do 4°. canto do Ensaio sobre a critica de Pope—prezunção caracter dos baixos engenhos, desconfiança de si mesmo caracter dos elevados.

Já se vê, que é a segunda parte, que eu aplico ao autor da memoria; elle assim timida e prudentemente não ouza dar as suas experiencias por concludentes e se rezerva para maiores indagações.

Outra mais foi dada pelo mesmo sobre o metodo de fazer a tinta do urucú, em que, depois de haver feito alguma reflexão sobre a utilidade, que as Americas francezas têem tirado da cultura d'esta semente, descreve a arvore, que a produz, segundo o sistema de Lineo e Adamson, e se emprega no dito metodo com a maior perfeição possivel.

Duas mais houve, em que se examina com miudeza e põe-se em toda a evidencia os danos ou proveitos, que do uzo da aguardente e licores espirituozos se podem seguir aos habitantes d'esta capital, e quaes meios são os mais eficazes e apropriados para combater as molestias, que podem vir em consequencia do seu uzo; faz-se vêr primeiramente o que a chimica tem mostrado a respeito dos licores, que padecem a fermentação espirituoza, pondera-se a doutrina mais geral e a linguagem mais commun de todos os medicos sobre os efeitos de similhantes bebidas, notão-se as molestias, que se tem observado trazerem a sua origem de similhante cauza, indicão-se os remedios, e dezejando, si fôsse possivel, prevenir os abuzos de taes bebidas, se faz ainda vêr a modificação, com que se podem uzar nas diferentes circunstancias, e relativamente aos climas de entre os tropicos.

Não pretendo cansar mais a vossa paciencia; no que tenho exposto podeis bem vêr as esperanças, que devemos conceber para o futuro. Quem póde melhor empregar os seus talentos do que em compozições, que possão utilizar á humanidade? Um seculo tão aclarado e um tão justo e prudente governo a quantos trabalhos literarios estão convidando!

Tempo virá, em que estes fragmentos, que agora se achão divididos, se ajuntem e unão em um corpo regular: muitas verdades separadas, quando ellas vêem a ser em grande numero, oferecem vivamente ao espirito as suas correlações e a sua mutua dependencia. O espirito, que reina no interior d'esta sociedade é um amor sincero pela verdade; entramos n'esta empreza, porque se nos reprezentou a mais conducente ao objeto, que nos excitava, e com gosto será recebido todo o bom cidadão amante das letras, a quem acompanharem os mesmos sentimentos.

A sociedade conserva a porta aberta para receber todo o bom patriota, que se empregar por meio da cultura das sciencias e das artes em ser util á humanidade: sim, amados companheiros, redobrai vossas fadigas, e si não bastão as vossas diligencias, pedi no emtanto se faça justiça ás vossas intenções; o vosso zêlo pela felicidade publica é puro e sincero; ao céo agrade, que os nossos esforços nos fação dignos das bençãos, que nos prometem o feliz reinado de Sua Magestade, que Deus conserve por muitos annos, e o sabio e prudente governo de quem entre nós faz as suas vezes, e que nos monumentos, que annunciarem aos vindouros os factos do prezente seculo, tenha tambem seu lugar a Sociedade literaria do Rio de Janeiro.

Disse.

O socio prezidente, *Joaquim Jozé de Atahide.*

DESCRIÇÃO PRIMEIRA

EM A QUAL

SE TRATAM OS CAZOS MEMORAVEIS

ACONTECIDOS

N'esta villa de Cananéa, desde sua creação

ATÉ

31 DE DEZEMBRO DE 1787

Não sendo impossivel repetir cazos acontecidos, se faz dificultozo retratar sucessos já sepultados no esquecimento da lembrança. Não póde a diligencia de um rustico sem arte levantar estatuas, que bem reprezentem as similhanças divinas. Não póde o retrato ser bem similhante ao retratado, quando, longe do aspecto, só por noticia foi assim debuxado. Porem como a obrigação é mais poderoza que a propria vontade, esta obriga a um sem arte repetir acontecimentos contados e não vistos, tirados da sepultura dos mortos para a prezença dos vivos, trazidos do esquecimento do passado, para lembrança dos vindouros.

Quem ha que diga, que desde o tempo da creação d'esta villa até o prezente não acontecêrão cazos dignos de lembrança ? Argumento certo é, que estes assim ficárão esquecidos, ou por negligencia dos primeiros habitantes, que os não estampárão nas suas escrituras, porque a elles faltou uma propria, ou mandada advertencia, ou porque entre elles, desde aqueles primeiros annos da sua creação até hoje, não houvesse escritor algum, que, tomando esta empreza como curiozo historiador, quizesse fazer memoravel seu nome na lembrança dos vindouros, mostrando por descrição tudo quanto hoje, ou por curiozidade, ou

por mandado, póde ser procurado a respeito da creação, e continuação d'esta dita villa e dos cazos n'ella acontecidos.

Esta tão curioza noticia, como importante e necessaria, se faz hoje novamente resurgida do antigo letargo, que a oprimia, tornando assim para a nova lembrança, só por força do imperiozo assenso da Rainha, nossa senhora, Dona Maria Primeira, que por seu decreto mandou a diligencia d'esta inquirição, e descrição.

Para esta execução, que teve principio em 9 de Julho do sobredito anno na correição do zelozo ministro, e nosso corregedor o Doutor Francisco Leandro Toledo Rendon, natural da cidade capital de São-Paulo, eu Luiz Antonio de Freitas, natural d'esta villa de Cananéa, e por bem da ordenação da Magestade e confirmação do dito seu ministro, vereador mais moço, e por isso o terceiro d'esta camara, a quem assim pela dita obrigação, como por recommendação do dito ministro, foi determinada a dita diligencia, e não achando suprimento algum de escrita por minha inquirição, e por isso rastejando poucas, e quazi extintas tradições de noticiozos velhos, fui ter até o dito principio, onde oprimida da mesma idade se achava sem forças para sahir a publico aquela verdade, que hoje se requer a respeito dacreação, e continuação d'esta villa, e dos seus acontecidos cazos.

A qual verdade, resurgindo mais por força das minhas instancias, do que por propria vontade, do mesmo modo em que se acha, e sem ornato algum, sae e marcha, aprezentando-se na seguinte fórma, mais para a obediencia, do que para a complacencia.

A primeira noticia, que n'esta descrição deve entrar, como a fundamental d'esta villa, é a mesma fundação d'ella, a qual dizem é mais antiga do que as duas vizinhas villas de Iguápe, e Parnaguá, e que teve seu principio no anno mais ou menos de 1587, da qual idade se colhe ter esta até o prezente 200 annos de creação. Assim testimunhão um assento declaratorio, que se acha em um dos livros da igreja matriz d'esta villa, e uma confirmação de carta de sesmaria passada no anno de 1618, em correição de um ministro corregedor enviado do conde donatario da villa de São-Vicente, que então era cabeça de comarca, a qual carta

se acha em poder do capitão-mór d'esta villa Leandro de Freitas Sobral.

N'esta numerada idade de 200 annos até este tempo tenho achado, que muitos annos, que comprehendem o dito numero, não deixaram de si lembrança de feito algum memoravel : esta seja a cauza bastante para os deixar no mesmo silencio ; e somente repetirei aqueles, que, tendo perdido o seu curso, não perdêrão sua lembrança por cauza de acontecimentos.

Não consta certeza alguma a respeito de seu primeiro explorador, porem por estimação se julga, que do sobrenome do dito, qualquer que elle foi, tomou esta villa o nome de Cananéa.

Este logar até então não foi habitado de outra nação, nem ainda dos naturaes gentios.

Assim se julga, porque n'elle se não achão vestigios alguns, que mostrem habitação primeira, e diferente da nossa ; para testimunha d'esta estimada verdade se acha prezente uma cruz feita de pedra, e cravada na fenda de outra pedra, que está sobranceira ao mar de um pontal tambem de pedras, que está da parte do vento sul da barra d'esta villa : quem esta cruz levantou não se sabe, nem por escrita, porque n'ella não ha alguma, nem por noticia, porque não ha quem a possa dar.

A respeito do fundador d'esta villa achei alguns, que dizem, que ainda alcançárão, e virão n'esta igreja matriz uma campa de madeira, e n'ella esculpido o epitafio seguinte: « Sepultura do capitão Tristão de Oliveira Lobo, por mercê da Magestade, fundador e director regente d'esta villa de Cananéa. » Porem não acordão na lembrança da idade n'ella assinada, e disserão mais ter ouvido, que elle era natural de Portugal.

Conta-se, que era esta habitada de poucos, e pobres moradores, parte naturaes d'este Brazil, e parte vindouros das ilhas dos Açôres. Não se sabe, si foram povoadores voluntarios, ou obrigados ; o que consta é, que entre elles não houverão facinorozos, que por taes fôssem determinados para este lugar.

A sua fama mais publica é, que erão mui amantes da paz; que guardavão a costamada obediencia ; que erão prontos

aos seus supremos mandados; que, por cuja concordia entre elles tão venerada, vivião izentos da vingaça e castigo da justiça; que erão pobres de pozições, e por isso não erão participantes da afluencia de dinheiro, porem erão riquissimos da muita abundancia, que este lugar então lhes oferecia do seu mar os peixes, e dos seus matos as caças; que lhes não faltavão o seu necessario, porque cultivando a terra com suas lavouras, e exercitando o mar em suas pescarias, assim bem se sustentavão, e dos seus sôbros negociavão; cujo negocio fazião elles com alguma embarcação, que por cauza dos ditos generos aqui lhes vinha oferecer assim dinheiro, como tambem outros generos a elles necessarios.

Não erão frequentados de amiudado commercio, parecião mais deixados, e esquecidos do que lembrados; porque n'este tempo não davão de si interesses de mercancia; porem assim mesmo vivião fartos no seu bastante, e descansados no seu descanso.

D'aqueles primeiros annos da creação d'esta villa sae a lembrança da infausta morte de um religiozo franciscano, que estava servindo de paroco: do seu nome não ha certeza; conta-se, que tendo-se este recolhido de noite a dormir, e deitando-se na sua cama, deixára uma vela aceza grudada sobre um dos braços do leito, e que esta ou pegasse fogo na madeira, ou cahisse sobre a cama, assim ateou seu lume de tal sorte, que queimou ao dito religiozo, que ou dormia com profundo sono, ou estava amortecido de algum sintoma; e que acordando dera vozes pedindo socorro; a cujas vozes acudindo poucos vizinhos, que se achavão na povoação, arrombarão a porta da caza, e o livrárão do incendio, e não da morte, que por esta causa lhe sobreveio no terceiro dia.

Depois de 50 annos mais ou menos da creação d'esta villa, que ja se contava o anno de 1637, se descobrio no certão da sua terra firme minas de ouro, em aqueles dous ribeirões, que hoje vulgarmente se apelidão Cadiado, e Cintra. O Cadiado, dizem, assim se intitula, porque fôrão achados n'elle duas folhetas de ouro em tal fórma, que ambas fazião a similhança de um cadeado. O Cintra assim se apelida, tendo tomado o nome do sobre-nome do seu descobridor,

que se chamava Francisco de Cintra ; de cuja naturalidade não ha certeza.

Das quaes minas não uzárão n'aquele tempo aqueles habitadores, ou por faltas de cubiça, ou de inteligencia, ou porque as suas lavouras lhes erão de mais conveniencia, que o proprio ouro, o qual não tinha o estimado preço, que hoje tem ; porque então se vendia cada uma oitava por preço de oito tostões. E por esta cauza estiverão ellas muitos annos dezertas, e perdidas do conhecimento de todos, e só erão certas por suas noticias.

Do anno de 1684 sae a memoria de um bispo, cujo nome era D. Jozé de Barros de Alarcão ; e que este, vindo de vizita por esta marinha ligeiramente sem mais ostentação que a companhia de dous criados, vizitou esta igreja matriz, e n'ella crismou aos freguezes.

Do anno de 1687 sae a lembrança de uma pestia tão activa, e mortifera, que, não dando tempo para experimentar remedios, repentinamente matava: sua cauza erão dôres no estomago ; esta deu fim a familias inteiras n'esta povoação. A esta pestia derão o nome de pestia da bixa, porque, dada aos enfermos a bebida de cozimento da erva de bixo, aconteceu alguns em vomito, ou em evacuação lançarem um bixo cabeludo da grandeza e similhança de lagarta de orta ; os quaes enfermos nem ainda assim escapavão todos da morte.

Do anno de 1691 sae a noticia de uma lanxa, e um bergantim da nação franceza, ou seria de piratas.

Diz a noticia, que, tendo o dito bergantim ficado na ilha d'esta barra, vierão na dita lanxa uns homens tão desconhecidos, como não entendidos na linguagem, e que por elles falando um, que dizia ser portuguez, dice, que aqueles erão francezes, que navegavão para suas Indias, e que vierão a este porto em procura de refresco : e que na verdade aqui comprarão mantimento, pagando-o com pano de linho, e bertanha, cuja medida era uma braça estimada por vara e da fazenda de côres um braço por covado: que aqui estiverão tres dias ; que nas suas comidas, e bebidas não erão mesquinhos ; convidavão para ellas a estes naturaes, mostrando caricias a todos : e que levárão sacos de frutas de limão, dizendo que era para tempero de bebidas.

Do anno de 1692 sae a recordação da viagem de alguns naturaes d'esta villa, que caminhárão para as minas geraes, que já então principiavão a espalhar de si fama, e certeza da abundancia de seu ouro.

Do anno de 1709 sae a profecia de um gentio já velho, natural do certão, porem domestico e catolico, profetizando a factura de uma náo; conta-se, que este, como agourando, muitas vezes dizia : Uma náo se fará e n'ella sinos se tangeráõ: missa cantada n'ella haverá, que muita gente a ouvirá.

E que entre este seu dizer mostrava o lugar, que havia servir de seu estaleiro ; dizendo mais que os mestres para ella havião de vir do Rio de Janeiro ; e assim mais apontando para o monte fronteiro ao seu pronosticado estaleiro, o qual vulgarmente se apelida monte de Itapitanguî, isto é, monte de pedraria, dizia — Ó tu cabeça de pedra, barriga de ouro, tempo virá, que por teu ouro destripado serás.

Do anno de 1711 sae a certeza da profetizada náo; este foi o anno, no qual chegárão os construtores para a dita náo, sendo enviados do Rio de Janeiro ; seu estaleiro foi o mesmo profetizado lugar, o qual inda hoje se apelida Estaleiro da náo ; juntarão-se jornaleiros para o serviço, e trabalho d'ella ; trabalhou-se na sua construção um anno ; havia pagamento na semana com dinheiro, e fazenda ; não houve n' aquele ajuntamento infelicidade mais sentida, do que morrerem afogados o contra mestre do aparelhamento, e o piloto, que passavão da passagem da terra firme para a sua banda, na condução de seus mastareos. Esta, julgo, foi a primeira obra naval aqui fabricada. Acabou-se a náo, repicarão-se sinos, celebrou-se missa cantada, lançou-se ao mar com felicidade, e com ella se navegou até Lisbôa, onde n'aquella côrte por sua naturalidade teve o nome de náo Cananéa.

Então se admirou tanto o dizer d'aquele gentio, que até hoje, com esperança do mais, se conserva por tradição.

Do anno de 1714 sae a narração do milagrozo sucesso do naufragio do Reverendo João de Eiró. Estando esta igreja vaga de paroco, lançou o mar das suas ondas nas praias do nórte da barra d'esta villa ao Reverendo padre João de Eiró, clerigo secular, e natural da villa de Chaves.

Passava este n'aquelle tempo passageiro da cidade da Bahia para a praça da Colonia, e por cauza dos ventos, ou ignorancia do piloto, inclinando-se a embarcação aos mares d'esta costa, e cavalgando de noite sobre os baixos do dito pontal, na estimação de uma legua, ahi teve naufragio; do qual escapárão elle, e um religiozo franciscano, e um companheiro da dita embarcação; o religiozo em sua taboa, e o dito sacerdote, e o companheiro da sumaca montados em um tombadilho, nadando toda aquela noite, e cantando a ladainha de Nossa Senhora, amanhecêrão encalhados na praia d'este pontal, terra por elles desconhecida, e por isso julgada por dezerta, ou habitada por gentio.

Temerozos elles entre este seu cuidar, forão logo colhidos, e bem tratados de um honrado morador do dito pontal, chamado elle Antonio de Amaral Vasconcelos, natural de Portugal. Em gratificação de cuja hospedagem cazou-se o secular n'aquella familia; e o Reverendo, reconhecendo a sua vida obrigada ao milagre do santo padroeiro d'esta villa, lhe tributou obediencia de vigario de sua igreja. Isto contava o mesmo Reverendo, que na verdade aqui morreu, depois de muitos annos colado.

Do anno de 1725 sae a repetição das dezertas minas de ouro d'esta villa. A estas quazi perdidas minas, tornou a descobrir o sargento-mór Antonio de Freitas Sobral, natural d'esta mesma villa, tendo então voltado instruido mineiro das minas geraes; o seu guia, como noticiozo d'ellas, foi um Manoel da Mota, tambem natural d'esta: e n'estas minas não só o dito sargento-mór, mas tambem outros muitos exercitárão a extração do seu ouro por muitos annos.

Do anno de 1730 sae a profecia de um peregrino passageiro: conta-se, que este era portuguez, porém que não dizia a sua naturalidade; que era homem de bôa idade e de vida exemplar no quanto mostrava; de seu nome não ha certeza; seus ditos erão alegoricos e cheios de enigma: este, muitas vezes olhando para o nosso monte Itapitangui, como prognosticando, dizia o seguinte: Fronteiro ao colegio está São Bento, e debaixo das escadas do colegio estão setecentos mil quintaes de ouro, que no vindouro por este povo repartidos serão.

Dizia mais: Oh monte, e grande monte ! de teu centro, sendo minado, sahirá de ouro outro monte: ao teu ouro grande fom adiantará, e n'ella por sete annos estendida, pouco de vida haverá. Teu descobridor um João, pobre será. Ai d'elle, que por premio morte terá.

Conta-se mais, que este dezaparecendo d'esta villa, fôra surgir na praça de Santa Catharina, onde na dita praça, atribuido vadio, foi obrigado no trabalho de uma das fortalezas, e que ali em uma manhan fôra achado morto com os joelhos em terra, e com as mãos levantadas ao alto.

Nas derrotas d'este dito monte, sendo eu rapaz, acompanhei a meu pai o sargento-mór Antonio de Freitas Sobral, que por duas vezes seguio o dito prognostico do ouro, procurando sua fortuna ; porem, entrando assim rico dos taes prognosticos, sahio pobre do prognosticado.

Do anno de 1733 sae a morte de um monstro marinho. Este monstro primeiramente foi visto por vezes, ao calor do sol, em uma praia do mar ocidental d'esta villa; e d'ali retirando-se, fez pouzada em um pôço de um rio, que no dito mar se infunde, vertendo do monte de Itapitangui, onde, em cuja ribanceira, que lhe servia de soalheiro, foi morto com bala despedida por tiro de bacamarte, com industrioza cilada de um destro caçador chamado Pedro Tavares.

Este, e os mais vizinhos, que virão o dito monstro, o debuxavão na fórma seguinte dizendo: Tinha o monstro cabeça e corpo de touro ; de comprimento 13 pés e 9 de grossura ; pescoço levantado de 3 palmos de comprido e 5 de grosso, a circulado com uma ordem de glandulas encarnadas ; de does palmos e meio de vizeira, e de palmo e meio de testa, e essa trunfada de crinas crespas e inclinadas sobre a moleira ; suas orelhas erão escarlates e de um palmo de alto, e imitantes á do homem ; no lugar dos cornos tinha um levantado calo duro e negro, como pimpolho de cada um corno que lhe havia de crescer ; os olhos erão redondos com as meninas pretas e a circunferencia encarnada ; suas ventas abertas do tamanho de um punho ; boca rasgada ; beiços grossos e rubicundos ; as queixadas com poucas barbas, grossas e duras ; uma ordem de dentes, e estes largos, unidos e cortantes ; lingua redonda ; braços e pernas de trez palmos de

comprido e pouco menos de largo; seus cinco dedos erão de meio palmo de comprido ; suas unhas erão negras, grossas e quadradas; sua cauda, sendo de trez palmos de comprido, acabava em duas pontas abertas ; seu corpo era todo frizado de pelo curto, macio e acastanhado ; o éco do seu buzinar, quazi imitando a berro de boi, se ouvia por toda a vizinhança ; do gordo das suas carnes, dizião, derretêrão abundante e clarissimo azeite.

Do anno de 1734 sae uma nova abundancia : já então era esta villa habitada de mais opulentos lavradores, de cujas fabricas, com a somma de muitos mil alqueires de farinha de mandioca, repartida, ou vendida por repetidas embarcações, que para este porto vinhão carregar do dito genero, ajudava a sustentar a cidade do Rio de Janeiro, e as praças de Santos, Santa Catharina, do Rio-grande, e da Colonia ; por esta cauza se seguirão a estes moradores novas abundancias : não havia entre elles ociozos, todos erão diligentes em suas culturas ; havia entre elles mais raizes que ramas, isto é, havia mais dinheiro na caixa, que enfeite na praça.

Do anno de 1747 sae a queima do cartorio d'esta villa : n'este tempo era corregedor Antonio Pires da Silva Mello Portocarreiro, natural das partes de Europa ; este em sua correição, sendo-lhe aprezentado o cartorio contaminado dos bixinhos chamados cupins, e depois de espanado o dito cartorio, mandou publicamente consumir com fogo os volumes destruidos e envolvidos d'aquela immundicie ; n'aquella queima julgo se consumiria tambem alguma lembrança, que hoje se faz necessaria ao propozito d'esta descrição ; porque sendo eu n'aquele tempo rapaz, e rapinando d'aquele incendio umas folhas de escritura, em uma d'ellas li a nota seguinte : « Saibam quantos, etc., em como no anno de 1579, etc., n'esta villa de Marataiama, etc.»

Confuzo eu com a novidade do sobredito apelido, e perguntando a meu mestre, homem antigo, natural da cidade de São-Paulo, de onde manava aquele estranho nome, este me satisfez com a seguinte declaração : disse, que a dita escritura não era feita n'esta villa, mas sim em outra primeira, e mais antiga, que com o dito apelido estava situada da outra parte d'esta villa, na ilha da costa do mar, na

paragem ainda hoje chamada Bôa-vista ; e que d'ali por melhor commodo de habitação, vizinhança e presteza dos materiaes, se mudou para esta parte hoje chamada Cananéa: os indicios da dita villa primeira na verdade eu por vezes os tenho visto.

Do anno de 1754 sae a admiração de uma rigoroza tempestade. No dia 26 de Julho do dito anno, ao meio-dia, turvando-se o ár, se formou sobre esta povoação um escuro, e embastecido corpo de nuvens, que a quarta parte d'aquelo dia repentinamente tomou logo a fórma da primeira parte da noite. Não faltárão os trovões com seus terribilissimos estrondos, nem os relampagos perdião uns dos outros os rasgos dos seus fuzis; nem tardou o vento sul em soltar a tempestade dos seus sopros: derramou-se em toda aquella noite tal abundancia de continuada chuva, ennovelada com grossas saraivas, que, atemorizados todos do seu continuado estrondo, julgavão outro universal diluvio : tanto sentirão os montes os açoutes d'esta nova tempestade, que amanhecêrão com partes cortadas da violencia do seu bater : para credito d'este acontecimento, veja-se o mesmo outeiro d'esta villa, em cujo cabeço se acha uma gruta cavada da agua d'aquella tempestade.

Do anno de 1761 sae o principio da continuada constructura de embarcações. Posto que já nos annos passados se fabricárão n'esta villa algumas pequenas embarcações, porem a verdadeira e continuada constructura d'ellas teve principio n'este sobredito anno. O primeiro constructor da dita continuação foi e é até o prezente o capitão da ordenança d'esta villa Alexandre de Souza Guimarães, natural de Europa, o qual no sobredito anno se passou do Rio de Janeiro para esta villa, para a factura da primeira sumaca do sargento-mór Francisco Gago da Camara, natural da ilha de São-Miguel.

Do anno de 1767 sae a creação da companhia de auxiliares. A esta companhia deu principio o sargento-mór Francisco Jozé Monteiro com o seu ajudante Manoel da Cunha Gamito, naturaes de Europa, os quaes, para a direção do dito serviço, forão mandados da capital cidade de São Paulo para esta marinha pelo capitão-general D.Luiz Antonio de Souza Mourão.

Do anno de 1769 sae o principio das duas villas novas. N'este anno tiverão seu principio duas villas intituladas da Lage e da Ararapira, lugares do termo d'esta villa. Estas novas fundações forão assinadas por um Afonso Botelho, natural da Europa, que então diziam era ajudante de ordens. Este, por ordem do dito general acima, sendo por elle enviado para o dito serviço, tirou cazaes d'esta villa para primeiros povoadores d'aquelas; porem, por causa da pobreza dos mesmos, nenhuma convertencia de lugar, e por isso incapazes de sustentar paroco, poucos annos prevalecêrão.

Do anno de 1773 sae a recruta de uma leva de gente d'esta villa para adjutorio da despedição intitulada—Tobagi. O impulso d'esta despedição foi tão rigorozo, que ainda os mesmos cães padecêrão a sua violencia, porque, sendo n'ella elles comprehendidos, forão levados prezos como para guarda e caçada d'aquele sertão.

Do anno de 1777 sae a factura de uma recruta intitulada—a grande. Esta tal recruta se apelida—a grande, porque n'ella não houve excepções algumas; esta d'aqui marchou para a capital cidade de SãoPaulo, a encorporar-se com as tropas, que então se aprontavão para a expedição do continente do Rio-grande.

Do anno de 1780 sae a verdade de umá grande fartura e desprezo d'ella: este foi o anno, em que se aumentou tanto n'este povo a fartura do nosso pão, e com tal excesso do costumado, que, assim continuando em cada um dos seguintes annos até o anno de 1785, começou a ser quazi de todos desprezado pelo inestimavel preço, que pela sua abundancia chegou a merecer. Oferecião os lavradores o seu pão, e não havia quem o quizesse: seu preço não era então ensaiado pelo lavrador, mas sim taxado pelo comprador; por cada um alqueire não se prometia mais do que oito vintens e dois tostões: foi tal a fartura d'estes annos que ocultou de todos lembrança alguma de fome futura.

Do anno de 1782 sae a multiplicação da constructura de embarcações. Tendo já muitos dos naturaes d'esta villa aprendido a constructura naval, começárão como de á porfia a querer cada um mostrar a obra da sua industria; era então para admirar tantos estaleiros levantados em diversas

partes : não houve tempo perdido, não lhes faltou patrono para fiança do intentado lucro ; os matos estavão situados de sucessivos cortadores e serradores : afervorou-se a obra naval de tal sorte, que houve anno de dezeseis estaleiros. Podia esta villa então ser mais rica; porem, no dito anno e nos mais seguintes, não foi ella senhora do uma só embarcação, sendo possuidora de tantos estaleiros ; e por cauza de certas cifras d'este tal negocio ficou tão pobre, que n'ella então se achava quazi nada de ouro, e só pouco de prata e cobre.

Do anno de 1783 sae a admiração de uma obra da natureza; achando eu nos matos da minha feitoria uma palmeira vulgarmente chamada jussara, ou palmito, n'ella admirei uma obra da natureza, até aqui, julgo, não vista, e por isso não contada. O proprio e geral de todas as palmeiras é nascer e crescer, sendo cada uma unica em seu mastro, porque ainda em um só tronco possão ser achadas duas palmeiras juntas, por cauza da união de duas castanhas unidas no nascer, nem por isso se achão duas vergonteas em um só mastro, o qual só se levanta crescendo lizo desde seu tronco sem outro renovo ou pimpolho, mais do que o unico capitel de seu palmito, que serve de guia ao crescimento do seu mastro ; e como assim contra esta geral e costumada ordem da natureza, acha-se em uma das ditas palmeiras, tendo-se esta em meio mastro, dividida em duas, com tal perfeição entre ambas, que se não podia dar primazia a nenhuma, por isso, admirando, fiz d'ella lembrança.

Do anno de 1784 sae a novidade de um fogo no cabeço do monte Mandira. O cabeço d'este dito monte foi visto por trez dias sucessivos lançar de si conhecido fumo misto com lavaredas ; cauzou alvoroço este novo e estranho acontecimento, porque, ponderada a cauza d'aquele incendio, não se lhe podia atribuir motivo humano, porque é cabeço, que por ingreme e pedregozo não tinha até então facilitado em si entrada para divertimentos ou para extração de mister algum necessario : não se póde deixar de acreditar ser o dito incendio acontecimento do mesmo monte, quando de outros tambem se contão, que de continuo vomitão fogo.

Do anno de 1786 sae a declaração do principio de fome;

n'este anno principiou uma delgada fome como nascendo de uma grossa fartura ; a mesma fartura, estando já bem pejada da conjunção de um suberbo desprezo, produziu a humilde fome. O festim para seu concebimento foi como um ensaiado baile do desprezo da nobreza do pão, cóm exaltação da estimação dos páos : quizerão todos na cascarrilha trunfar de páos, e por isso perdêrão todos o basto no jogo do páo ; querião todos com os páos perder o nome de pobre, e por isso perdendo todos o mesmo páo, tambem perdêrão do seu lucro o mesmo cobre : em tal acontecimento criminar se não póde a mesma vadiação, porque ella se defende, mostrando que foi efeito d'aquela variação de quazi todos terem largado de arar terra para pão, por lavrar madeira para navegação.

No anno de 1787 sae a verdade do conhecimento da declaração da fome. N'este anno declarou-se e conheceu-se a fome ; porque na verdade já se procurava pão, e se não achava ; já se pedia mantimento aos lavradores, porem acontecia o mesmo que acontece, quando se pede dinheiro ao que só na fama o possue : os mesmos lavradores então bem dezejavão a possessão das suas antigas lavouras, mas como ellas tinhão ficado, como desprezadas, no esquecimento da sua cultura, já não podião mostrar da sua fartura o seu antigo costume.

Posto que na verdade ainda então se mostravão as searas no campo como lacaio na praça abundante de gala e mesquinho na caixa esgotada de prata, isto é, ainda havia ramas, porem sem raizes ; porque, temendo-se a mesma fome, se renovavão novas searas, e querendo-se antes da sua madura frutificação tirar d'ellas socorro, se achavão ainda sem raizes ; porem, como a fome apertava, ella obrigou a muitos arrancar das suas ramas as verdes raizes, destruindo assim o que havia de ser abundancia para o futuro ; e d'esta sorte, cuidando de sustentar ou fartar a fome, fazião mais carestia para ella : então as embarcações, que procuravão negocio, já não achando a costumada carga de farinhas, carregavão de caldas derretidas cascas de ostras.

Do anno de 1789 sae para memoria um estrondozo tremor de terra n'esta villa aos 9 de Maio do sobredito anno.

Amanheceu o dia, sendo por v lvedura do anno, um dos sabados do dito anno, e por curso da lua um dos dias em que ella fixou o ponto de sua conjunção plenaria.

N'este dia, quando já a aurora tinha destinado as sombras da noite, se recolhia tambem a lua no seu ocazo, indo assombrada e apagada do seu costumado luzir, que bem mostrava retirar-se eclipsada, padecendo seu defeito.

Depois de posta assim a lua, apareceu o sol mui claro e sem impedimento algum contrario ao seu costumado resplendor: não houve em todo aquele dia couza alguma estranha para ser admirada, nem no mesmo sol, nem nos elementos. Tendo já o sol medido toda a carreira d'este dia tão claro e sereno, e recolhendo-se no seu ocidente, quando já tambem tornava a resurgir a lua, porem mui rubicunda, eis aqui repentinamente deu um estrondo subterraneo com movimento da terra, que durou espaço de dois minutos mais ou menos, rugindo á imitação de uma perra couceira em sua revolução. Foi tão conhecida esta estranha novidade, que no seu movimento uns pasmárão, outros corrêrão sahindo das cazas, e outros se prostrárão a clamar a mizericordia de Deus; e ainda que nenhuma caza se demoliu, comtudo todas ellas, umas mais que outras, derão em si sinal de sentimento d'aquele nunca experimentado impulso, segundo a testificação dos seus moradores: alguns dignos de credito certificárão, que a terra lhes pareceu se queria fundir, e outros contárão, que se não puderão ter firmes em seus pés, e que sentirão a terra movediça.

N'este abalo ouviu-se um sussurro, que se levantou dos matos, sendo este tangido do movimento que as mesmas arvores entre si fizerão: as aves, que já pouzadas estavão no principio do seu descanso, espavoridas se levantárão ao ar, e com o éco de suas grasnaduras derão certa advertencia do seu sentimento; os gados se mostrárão espantados e alguns derão mugidos; os cães, como sentidos, soltárão tristes e desconcertados uivos; não ficou o mar sem mostrar sinal de padecimento; porque n'aquelle repente, sem sopro de vento algum, o pequeno e pacifico mar, que corre em circulo d'esta villa, ondeou ondas, que se admirárão certas pelo seu bater na praia, quando então pela serenidade do ar forão vistos surgir os peixes saltando

salto a salto. Advertiu-se tambem, que nos crepusculos d'aquella mesma noite mostrou-se o ar como assombrado de uma imperceptivel fumaça, porem logo depois, clareando, fez-se noite serena, e n'ella replandeceu a lua com sua costumada claridade.

Tambem houve pessoas, e entre ellas alguma de bôa fé, que disserão, que na segunda noite depois d'este acontecimento, estando ella clara e serena, virão do pólo artico correr uma grande e aceza exalação, e que tendo ella subido ao meridional e declinando para o antartico, virão dividir-se em duas da mesma grandeza e claridade, como quando principiou sendo uma, e que quazi metidas no mesmo antartico se extinguirão. E não houve mais nada digno de nota.

Do anno de 1795 sae para memoria um diluvio acontecido quazi n'esta villa de Cananéa no dia 25 de Março do mesmo anno, com a declaração de suas antecedencias, consequencias, e subsequencias.

Para mais clara explanação de um tremendo diluvio, espantozo parto acontecido de um terrivel temporal, considerado castigo sobre esta povoação de Cananéa, sendo assim determinado pela onipotencia divina, primeiramente se faz necessario declarar as suas antecedencias.

No dia 19 de Dezembro do anno de 1794, resplandeceu o sol tão inflammado, e com calor tão ardente em todo aquelle dia, que continuando assim no seguinte dia, não só manchou em nodoas queimadas as culturas, e assou os verdes legumes, mas tambem tostou as muitas e diferentes arvores dos matos, e por entre meio d'ellas queimou aos matinhos, cobertura da mesma terra.

Não faltou na continuação d'aquelles dias o sopro do vento setentrião, cujo sopro não foi então para refrigerar o calor do sol, mas sim para lhe servir de ajudante para estender mais o seu ardor : este acontecimento foi tão estranhado, como nunca experimentado, e bem já devia ser chorado, porém como julgado acontecimento, logo se entregou ao costumado esquecimento.

Dias erão já de Janeiro do anno de 1795, quando sucedêrão umas tão abundantes e derramadas chuvas, que ainda que com as suas aguas não excedêrão as costumadas

enchentes, comtudo cauzárão admiração pelo dezuzado modo do seu chov r: esta chuva continuou com alternação de intermetidos dias serenos, ainda que n'elles nem o sol, nem as estrelas luzião ao seu costume, porque o ar estava continuamente embaçado e fusco, porem não se ouvia trovão, nem se via raio algum, só se vião relampagos escuros.

D'este modo choveu em todo o Janeiro, e em todo Fevereiro até aos 19 de Março: n'este dia, que é dedicado ao gloriozo S. Jozé, e que por contagem do mesmo nno acont cia ao vocabulo de quinta-feira, já se considerava o fim da destemperança d'este tão rigorozo e dilatado temporal, porque n'elle até o seu meio-dia se derramou tão abundante chuva, que quando parecia já alagar a terra, então de repente se suspendeu, dando esperança do dezejado tempo bom. Assím se julgou, porque logo dezapareceram aquelas escurecidas e chuvozas nuvens; serenou-se o ar e aparecêrão os orizontes, o sol, e as estrelas se mostrárão como seu costumado luzir: esta serenidade perseverou sómente desde meio-dia do dia 19 até ao meio-dia do dia domingo, 22 do mez de Março.

No dia 20, sexta-feira da mesma semana, aconteceu, que D. Anna Maria de Jezus, mulher solteira, de idade de 48 annos, natural d'esta villa, de honrada geração, e honesta vida, mais inclinada ao espiritual que ao corporal, recorrendo de manhan ao seu oratorio, n'elle achou sua imagem de Christo com os braços despregados da cruz, com a cabeça de costas sobre o Calvario, e com a face da parte de cima sem ofensa alguma da sua fórma: admirando este prodigio, convocou pessoas dignas de credito, as quaes, juntamente com ella, assim afirmárão.

No restante d'aquelle domingo 22, se vio o contrario da esperança dezejada, porque de repente turbando-se o ar com escurissima serração, começou logo a chover, primeiramente mais miudinha chuva, e augmentando-se mais e mais, assim choveu, continuando em toda aquela seguinte noite, e em todos os seguintes dous dias, e em suas noites, até ao meio-dia do dia quarta-feira 25, dia da annunciação da Virgem Maria, nossa senhora

N'esta tempestade nada mais se vio do que a mesma

chuva, nada mais se ouvia do que um continuado estrondo, e entre o mesmo estrondo se ouvião estrondar no ar outros estrondos maiores, e como arrastados, os quaes então forão ouvidos na estimação de trovões, porem depois, vendo-se as ruinas acontecidas nos montes vizinhos, se ponderou, que forão écos dos pedaços dos montes, que, derretidos, rodárão, despenhando-se dos seus cumes.

Aquelle continuado estrondo, aquella abundante chuva, os bolhões d'agua, que já da terra fervião, e a mesma terra já quazi toda alagada, atemorizárão os animos de tal modo, que uns gritavão pela mizericordia de Deus, outros pasmavão, e todos já dizião, que era chegada a ocazião de padecer a influencia de certo diluvio.

Na consideração de tão triste aflição, correu o povo para o templo, onde, depois de ouvida a missa parochial, preceito d'aquelle santissimo dia, assistio com derramadas lagrimas ás deprecações, que se fizerão estando prezente o Santissimo Sacramento, as quaes se repetirão com mais fervor nos dous dias seguintes.

Não faltou o socorro da Mãi de Deus, cujo favor se julgou ser recebido, porque logo ao meio-dia d'aquelle seu mesmo dia cessou o temporal.

Nos montes vizinhos quiz Deus mostrar o castigo, que estava deliberado para esta villa a respeito dos seus habitadores, porque á vista do mesmo povo destinou para sinal de lembrança as destruições, que fez esta tempestade n'aquellas alturas. Para se conhecer o perigo d'este successo e certificar-se o milagre e favor recebido, é necessario declarar a situação da mesma villa.

Esta villa está situada em uma ilha, sua frente olha para o oriente, seu fundo é da parte do ocidente, o lado direito é só metido ao sul, e o esquerdo ao norte; além do mar da sua frente está outra ilha de terra baixa, que a defende das ondas do mar grande, e além do estreito mar, que corre por detrás da villa, está em distancia de meia legua, estendida a terra firme, a qual é toda montuoza, e tem altos montes sobranceiros a esta vizinhança. Esta terra firme em todo o rumo do oéste, sudoéste e sul em distancia de seis leguas, ficou quazi toda açoutada da violencia d'esta tempestade: tão grandes enchentes de chuvas tangidas de

rigorozissimos ventos se derramárão sobre aqueles montes, que derreteu-se toda a terra superficial de muitos montes, e rodou com as mesmas aguas, despenhando juntamente comsigo novelos de arrancadas arvores e pedras.

Muitos montes ficárão assim totalmente despidos da sua natural cobertura ; muitos ficárão miudamente escalados em abertos regos de alto a baixo, como si fôssem cavados com ferro de ar r ; muitos ficárão destituidos de grandes pedaços ; em outros ficárão pequenas ilhas, as quaes, pendentes, ameação ruina, como restos da mesma ruina ; muitos montões de barro, pedras e arvores rodarão das ladeiras e cabeços dos mais altos montes, e cahirão assim ennovelados sobre as margens, e n'ellas uns com o seu pezo se sepultaram nas entranhas da terra, então movediça, cujos campos são hoje lamarões, que não permitem passagem, e outros montões ficárão amontoados sobre a terra baixa, onde são e serão memoria d'este triste acontecimento, e para recordação do poder de Deus na precipitação dos suberbos.

É para pasmar vendo-se a tristissima figura, em que ficárão aqueles montes, que ficárão destruidos das suas perfeições exteriores, porque escorridos de toda aquela terra, que era a cobertura das suas formações interiores, ficárão com estas formações patentes ao sol.

O grande e altissimo monte de Taquari, que está a rumo de sudoéste, é um vistozo espelho das maiores ruinas, que acontecerão nos montes menores, porque n'elle, como mais avantajado em altura, de longe se vêem as mesmas ruinas.

Muitas margens, que pela natureza erão cobertas de matos e arvoredos, que servião de caçadas, hoje n'ellas se admirão largas e e tendidas praias de saibro, que sobre ellas vomitárão os montes do interior das suas formações, as quaes praias, si stivessem mais vizinhas do povo, cauzarião n'este tempo mais tristeza, e no futuro servirião para passeios de divertimentos.

Nas margens do rio intitulado das Minas, que corre do rumo do sudoéste, ficárão soterradas as lavouras da nova situação do capitão-mór Leandro de Freitas Sobral ; seus escravos escapárão milagrozamente, tendo trepado para o monte fronteiro apelidado Serraria: a felicidade d'estes

escravos foi admiravel, porque despenharão-se as ladeiras do mesmo monte, e ficou n'elle, como uma pequena ilha, o lugar, onde estavão elles acautelados.

Na mesma vizinhança ficou enterrado debaixo das mesmas ruinas o sitio de uma pobre viuva; os seus moradores escapárão no mesmo refugio dos escravos do capitão-mór. Em outra margem do correr do mesmo rio se perdêrão da mesma sorte as lavouras da nova situação do capitão de auxiliares João Carneiro Soares; seus escravos, prevendo a inundação, se tinhão auzentado para a fazenda de fóra, situada na ilha da villa; este rio ficou em partes entulhado de pedras, barro e montões de páos. Vizinho d'este rio corre o rio apelidado Mandira, em cujas margens estava situada a fazenda do sargento-mór da ordenança Manoel Jozé de Jezus. A enxurrada, que então por este rio correu, foi a mais funda, a mais pezada, e a mais embaraçada: a mais funda, porque com as suas aguas encheu 14 covados, ou 42 palmos de altura; a mais pezada, porque vomitou tanto barro delido, que não só tingio o comprimento de cinco leguas, e a largura de meio quarto de legua do mar ocidental da villa, e o comprimento de nove leguas, e a largura de meio quarto de legua do seu mar oriental, mas tambem cobrio as suas praias com nova lama; a mais embaraçada, porque, acarretando machinas de páos, embaraçou as praias com montões de lenha. Esta enchente, redundando sobre aquela fazenda, derribou as cazas d'ella e enterrou todo aquelle sitio debaixo de amontoado saibro e de profundissimo lamarão, que ali coalhou na sua escorrida vazante, deixando-lhe sómente o titulo de fazenda sepultada.

O senhor da fazenda não prezenceou este sucesso, porque na ocazião se achava auzente na villa no cuidado de um impertinente negocio, que de justiça lhe não pertencia. Não faltou quem lhe advertisse do seu imprudente cuidado e da sua injusta impertinencia, e do prejuizo cauzado ao proximo; sua resposta foi esta: Não hei de vender as fivelas dos sapatos, e ainda que eu viva 50 annos, não hei de acabar de comer o meu dinheiro, e tenho 20.000 cruzados em um saco para demanda do mesmo negocio.

A arrogancia, com que elle proferio as ditas palavras, se póde julgar, que foi nascida de suberba, e sem atenção do

poder de Deus, porque logo depois aconteceu a inundação da sua fazenda.

N'este sucesso vêem á memoria as abelhas de S. Pedro, as quaes todas padecêrão morte por cauza de um só picar de uma.

Assim mostrou Deus este castigo com tanta mizericordia, que não permitio, que n'elle morresse creatura alguma racional, quando no mesmo diluvio se afogárão não só os animaes de criações d'aquelas fazendas e situações, mas tambem morrêrão os animaes do mato quazi de todos os generos.

Felicidade foi para os constructores de embarcações, oficiaes de canôas, serradores e carpinteiros; porque, livres do trabalho do mato, nas praias do mar achárão as mesmas materias, correspondentes aos seus oficios.

Vi, e tendo visto lamentei, e lamentando escrevi; tudo assim aconteceu, o que tudo entre os homens é digno de memoria para lembrança do poder de Deus; porem os mesmos homens, julgando tudo acontecimento, põem tudo logo em costumado esquecimento, dizendo: « São sucessos do mundo, são movimentos do tempo. »

RELAÇÃO E MAPAS

Em que se mostra toda a ordem, dispozição e sucessos,
que houverão na tomada da terra da
margem do sul do Rio-grande de São-Pedro, desde o dia 6 de
Fevereiro do anno de 1776, em que partio a
armada naval de Portugal da ilha de Santa Catarina,
até 1 de Abril do mesmo anno,
em que se concluio a dita tomada da terra.

ESCRITA POR

JOZÉ CORRÊIA LISBOA

Primeiro piloto na dita armada, embarcado na corveta Nossa Senhora
da Penha de França.

No Rio de Janeiro, anno de 1776

CAPITULO I

1. Logo que Roberto M. Duval, xefe da esquadra do sul, que se achava na ilha de Santa Catarina, em a náo de guerra *Santo Antonio*, governando as mais náos da sua esquadra, recebeu as embarcações, que havia mandado pedir ao Illm. e Exm. Sr. Marquez vice-rei do Estado do Rio de Janeiro, pelo capitão-tenente Jozé da Silva Pimentel, para compôr a sua esquadra ligeira, e que pudessem sem risco entrar no porto do Rio-grande de São-Pedro a combater as embarcações espanholas, que se achavão fortalecendo o canal d'aquele rio, e não havendo n'elle outro por onde as nossas embarcações pudessem subir o rio e evitar o grave descommodo de descarregar no lagamar os viveres e mais aprestos precizos para suprimento das tropas, que se achavão guarnecendo a parte do norte do mesmo rio

(os quaes com muito custo transportavão por terra á distancia de quatro leguas), a qual passagem evitavão os Espanhóes com os seus navios e mais fortalezas, que tinhão na margem do sul.

2. No breve tempo de 15 dias fez aprontar nove embarcações, que se mostrão no mapa 1°., e guarnecidas com gente das fragatas de seu commando e infantaria do regimento da ilha de Santa Catarina.

3. E no dia 6 de Fevereiro de 1776, pelas trez horas da tarde, se fez á véla do porto da ilha de Santa Catarina na náo de guerra *Santo Antonio*, fazendo sinal ás nove embarcações para o seguirem, e sendo o vento nordeste, que é contrario pelas bocainas d'aquela ilha, andámos a bordejar com a maré até ás oito horas da noite, quando démos fundo, ao sinal que fez o xefe, o que fizerão oito, e o não fez a sumaca *Belém*, por cuja razão amanheceu fóra da ilha á capa.

4. No dia 7 do mesmo, pelas 4 horas da madrugada, depois de sahir a lua, fez o xefe o sinal á esquadra para se fazer á véla, e fazendo cada um a diligencia para se pôr fóra da ponta da ilha, sómente a xalupa o não conseguio, sucedendo que até á noite esperámos por ella. N'esta demora fez o xefe sinal á fragata *Graça* para lhe falar, e a mandar costear a ilha a buscar o seu escaler, que o havia mandado á armação das balêias, de fóra da ilha, levar cartas a uma embarcação, que lá se achava carregada para seguir viagem para o Rio de Janeiro, e ordem para que, logo que recebessse as cartas, largasse e seguisse viagem.

5. No dia 8 do mesmo amanheceu a fragata *Graça* entre a esquadra com o dito escaler, e a embarcação, a que tinha ido levar as cartas, seguindo viagem para o Rio de Janeiro. No mesmo escaler mandou o chefe uma carta a cada commandante da esquadra, na qual lhe recommendava muito a conserva de todos, pois n'ella esperava o bom sucesso, como tambem ponderava na falta de alguma a infelicidade; e movia a esta recommendação o atrazo da xalupa e o adiantamento da sumaca *Belém* na sahida da ilha de Santa Catarina.

6. Desde o dia 8 até 14 do mesmo navegámos com varios ventos, que moveu pelo sul o quarto de lua, e pelas quatro

horas da tarde avistámos a terra, e não a conhecendo bem, a manda o xefe reconhecer pela fragata *Graça*, e metendo prôa á terra, em breve tempo volta a dizer, que era do norte da barra; e navegando mais para o sul, fomos avistando a nossa fortaleza e trez sumacas, que se achavão no lagamar, bem como os navios espanhóes na margem do sul do rio. N'este logar pôz á capa a náo *Santo Antonio* e fez o xefe sinal para a esquadra lhe falar e lhe disse déssem fundo na pôpa da fragata *Graça*, a quem d'ali em diante devião seguir da mesma fórma que até o prezente o havião feito com aquela náo.

7. Ao sol posto deu fundo a fragata *Graça* norte sul com a nossa fortaleza da barra em 8 braças d'agua, em um celão muito rijo, com vento lesnordéste bem fraco, e o mar á sua proporção, e a náo *Santo Antonio* deu fundo mais ao norte, em distancia de duas milhas.

8. No dia 15 do mesmo, ao romper do dia, apareceu uma lanxinha de remos vinda de terra, que por ser muito pequena e ter largado da nossa fortaleza, logo que a esquadra deu fundo, trabalhárão toda a noite ao remo, e com muito custo tomárão a sumaca *Belém*, que era a fundeada na pôpa de todos, já depois de sahir o sol.

9. Ao mesmo romper do dia, quando apareceu a lanxinha, pôz a náo *Santo Antonio* a sua lanxa e dous escaleres ao mar, e em um d'elles se passou o xefe para bordo da fragata *Graça*, e logo que entrou n'ella manda largar a sua bandeira no tópe grande, e ao mesmo tempo aviou a náo *Santo Antonio* a que tinha, e largou um galhardete.

10. Mandou logo o seu escaler á bordo da sumaca *Belém* buscar a lanxinha, na qual lhe vierão de terra trez praticos da barra e rio, e com outros trez que havia trazido de Santa Catarina, os distribuio pelas embarcações da esquadra, na fórma seguinte:

1.º Fragata *Graça*, Jozé Rodrigues, vindo de terra;

2.º Fragata *Gloria*, Manoel Cabral, que veio da ilha de Santa Catarina;

3.º Corveta *Victoria*, o capitão Manoel Antonio, que veio de terra;

4.º Corveta *Penha de França*, Manoel da Silva Cascaes, que veio da ilha de Santa Catarina;

5.º Sumaca *Bom-Jezus*, Antonio Jozé, vindo da ilha de Santa Catarina ;

6.º Sumaca *Monte*, o capitão Jozé Barboza, vindo de terra, e as mais embarcações sem elles para seguirem estes.

11. Com os praticos recebeu cada commandante uma carta de ordem do xefe e dentro d'ella o mapa 2º., e nas costas do mapa a ordem seguinte, escrita e assinada pelo mesmo xefe:

12. Ordem geral da entrada e combate.

1.ª Da vanguarda. Xalupa: deve, passando, defender-se do forte da Barra, e ir ao forte do Mosquito para cobrir a passagem das nossas embarcações, que se fôrem seguindo.

2.ª Fragata *Graça*: deve defender-se de ambos os fortes e das trez primeiras embarcações, passando a atacar a quarta embarcação, que é a capitanea.

3.ª Corveta *Victoria*: seguirá a fragata *Graça* até chegar á 3ª. embarcação, que deve atacar.

4.ª Fragata *Gloria*: deve seguir a corveta *Victoria* até chegar á 2ª. embarcação, á qual ha de atacar.

5.ª Corveta *Penha*: seguirá a fragata *Gloria*, e atacará a 1ª embarcação.

6.ª Sumaca *Bom-Jesus*: seguirá a *Penha* até ella chegar á primeira embarcação, e passará ás embarcações, que estiverem já em seus postos destinados, e irá atacar a ultima embarcação que no mapa vai notada com o numero 5.

7.ª Sumaca *Monte*: para ir ocupar o logar de qualquer embarcação, que estiver fóra do combate, e não tenha podido chegar a seu posto.

8.ª Sumaca *Belém*: no cazo de se ter ajuntado ás embarcações inimigas mais algumas das cinco que no mapa vão notadas, seguirá a sumaca *Bom-Jezus*, e irão atacar a que estiver de mais ; mas, não havendo mais que as cinco, ajudará a xalupa no forte do Mosquito.

9.º Bergantim *Bom-sucesso*: para rezerva e auxiliar qualquer embarcação que precizar de socorro, e para que não suceda confundir-se e dezordenar-se a ordem de batalha, que fica determinada, abalroando-se as nossas embarcações umas ás outras, terão todos os commandantes o maior cuidado de regular a sua quantidade de vélas, pela qual levar a embarcação, que se lhe seguir pela prôa, conservando exactissimamente o logar, que lhe está assinalado.

Ainda que a entrada do rio á banda de bom-bordo é o que ha de servir para os fortes e embarcações, comtudo, como é quazi certo que, logo que cada uma tiver chegado a seu proprio posto, a banda de estibordo é a que ha de ficar fronteira ao inimigo, com quem se deve emparelhar, e estará a artilharia da dita banda carregada com bala e prevenida para aproveitar a primeira descarga com bom efeito, devem todos ter advertencia de deixar o inimigo entre si e a terra do sul, e logo que cada um tiver chegado ao seu destino, dar fundo em seu proprio posto.

Todo aquele que, depois de ter rendido o inimigo, que lhe toca, vir que algum dos outros ainda reziste, fará toda a possivel diligencia por ir ajudar ao rendido. Bem entendido, que nós não seremos os primeiros agressores, nem se dará fogo sem o sinal posto, para assim o fazerem, e o Sr. Marquez vice-rei lhe remetêra uma ordem de Sua Magestade Fidelissima para fazer publicar n'aquela armada, que o saque dos navios inimigos se repartiria por aqueles que o aprizionassem, na fórma que se pratíca na flotilha de Inglaterra, rezervando sómente para a sua real fazenda a artilharia e armas de guerra.

13. Manda ao mesmo tempo despejar a aguada á fragata *Graça* e pôr ao porão a artilharia, para mais leve poder passar o banco, o que concluio em breve tempo, ajudando a este serviço com a gente dos dous escaleres e lanxa da náo *Santo Antonio.*

14. Pelas 11 horas do mesmo dia se meteu no seu escaler com dois praticos, e andou sondando todo o banco e fazendo marcas, e n'este mesmo seguimento foi para a terra e chegou á nossa fortaleza pela 1 hora da tarde.

15. Logo que chegou, mandou o commandante da fortaleza acompanhal-o ao quartel do tenente-general por um soldado dragão da ordenança, onde se demorou até ás 4 horas da tarde, quando S. Ex. o veio acompanhar á fortaleza para se embarcar para bordo, e por estar o vento muito forte o não pôde conseguir, e se torna a retirar com S. Ex. para o seu quartel.

16. No dia 16 do mesmo, ao sahir do sol, chega o xefe a bordo da fragata *Graça*, d'onde se não retirou mais até á entrada, ás 5 horas da tarde. Se fez a sumaca *Monte*

á vela e foi dar fundo em seis braças d'agua no lugar notado no mapa 2.º com A, onde está a embarcação n.º 7, ficando todos os mais navios n'aquele lugar.

17. No dia 17 do mesmo mandou o xefe pelas 9 horas da manhan recado pela lanxa da náo *Santo Antonio* com avizo a todas as embarcações, que levassem as ancoras e se fizessem á vela para junto do banco, onde se achava a sumaca *Monte*; e como na noite, que havia passado, tinha ventado o vento nordéste muito forte, e a alguns navios havia faltado as amarras e outros tinhão fundeado a duas, suspendêrão todos, e pelas 11 horas já todos se achavão fundeados no referido lugar.

18. No dia 18 do mesmo, domingo gordo, andou o vento mais para terra, porém muito rijo e com muita correnteza de agua pelo rio fóra, que obrigou a fragata *Graça* e a mais algumas a darem fundo a dois ferros, e a noite seguinte se pôz muito tenebroza de xuvas, trovões e exalações, a que geralmente os maritimos chamão corpo santo, e da meia noite para a manhan andou o vento mais para cima da terra, e se foi pondo melhor tempo.

19. No dia 19 do mesmo, pelas 4 horas da madrugada, já o tempo dava mostras de nos ajudar, á entrada fômos botando as vergas a seu lugar, pois o vento nos obrigou a arriar, e pôr tudo pronto para seguirmos o xefe; amanheceu o dia com o vento galerno pelo sudoéste, fez logo o xefe sinal para fazer á vela para dentro, e ao mesmo tempo se meteu no seu escaler a dar providencia aos que lhe parecia tinhão algum atrazo, e falando a todos, seguiu no seu escaler para o banco, e mandou fundear a lanxa da náo *Santo Antonio* da parte do norte do banco, e da parte do sul do mesmo a lanxa, que de terra havia conduzido os praticos, para pelo meio d'estas passarem todas as embarcações da esquadra para dentro; tendo já a este tempo a lanxa da náo *Santo Antonio* um ancorote com um virador de linho para socorro de espiar em alguma necessidade.

20. Pelas 7 horas da manhan estava fundeada toda a esquadra da parte de dentro do banco, no lugar do mapa B, ficando fóra sómente a náo *Santo Antonio*; n'este lugar, a estas mesmas horas, entrou a fragata *Graça* a enxer os toneis de agua salgada, que fóra havia despejado e a botar

a artilharia acima e cavalgal-a e pol-a pronta em seu lugar. Assim disposto, deixou o xefe o aprontar-se a fragata *Graça*, e sahindo por bordo de todas as embarcações da esquadra a fazer recommendar a todos os commandantes o cuidado de terem tudo bem disposto para o combate, o qual devia ser sómente a tiro de bala e nunca abordagem, nem se meterião entre os navios inimigos e a terra do sul, e terião um competente cobro de amarra da ancora, a que devião dar fundo habitado, distancia mediana ao lugar em que devião ficar emparelhados com o inimigo, afim de não estorvar a gente de seus postos para andar com ella, e esperava em todos o haverem-se com aquele valor, que esperava de suas pessoas.

21. Havendo falado a todos pela fórma referida, foi dezembarcar na nossa fortaleza da barra, onde se achava o tenente-general com a tropa formada, e falando um com outro, voltou por bordo de todas as embarcações da esquadra, ordenando botassem as lanxas fóra e as mandassem para o lagamar com seis pessoas; juntamente mandou a da náo *Santo Antonio* e só rezervou a do bergantim do socorro por ser pequena.

22. Pelas 11 horas da manhan estava pronta a fragata *Graça*, e fazendo-se á vela para dentro foi precizo passar pelos outros que se achavão fundeados, esperando o seu lugar para se fazerem á vela segundo a ordem; e como n'aquele lugar sempre as correntes das aguas fazem desmanxar o governo ás embarcações, dezordenou-se a fragata *Graça*, e atracando com a corveta *Penha*, que ainda se achava fundeada, esperando o seu lugar, para seguir a ordem geral, e na atracação meteu a fragata a ponta de uma ancora no costado da corveta debaixo d'agua, e por trazel-a pendurada debaixo d'agua, lhe fez um grande rombo e obrigou a corveta a ir ao lagamar perto de terra dar fundo e botar a banda para tapar o rombo, pelo qual chegou a ter agua no porão por cima do lastro, estando continuamente duas bombas a esgotar.

23. Na mesma balroada quebou a fragata *Graça* o páo da bujarrona, e para o refazer e pôr em seu lugar deu fundo no lugar C, onde se preparou.

24. Na mesma ocazião se fez á vela juntamente a fragata

Gloria, e desgovernando tambem, foi cahindo para cima do baixo do sul, onde tornou a carregar o pano acima e deu fundo: mandou o xefe a toda a pressa do lagamar vir a lanxa da náo *Santo Antonio* espial-a para o canal, o que conseguiu.

25. Logo que se fez á vela a esquadra pelas 11 horas, se fez á vela tambem a náo *Santo Antonio*, que andou em bordos até o dia seguinte, quando pelas 5 horas da tarde recebeu o xefe.

26. Emquanto a fragata *Graça* pôz em seu lugar o páo da bujarrona, que havia quebrado, e a corveta *Penha* botou a banda e tapou o rombo, que havia feito com a ancora, e a fragata *Gloria* espiou para fóra do baixio, pois tudo se providenciou ao mesmo tempo, os que não tiverão perigo todos derão fundo junto á nossa fortaleza, no lugar notado no mapa em C.

27. No reparo d'esta dezordem não deixou o xefe de assistir a todo o pessoal, ordenando o que se devia fazer em um e logo em outro, a determinar e abreviar as dispozições, e com esta notavel e incansavel assistencia abreviou o quanto lhe foi possivel, e pelas 3 horas e meia da tarde mandou fazer á vela para o combate.

28. Em todo este dia não fez o castelhano movimento algum mais do que trocarem as posturas de uns navios para o lugar dos outros, em fórma que sempre todos ficárão em linha, e no mesmo distrito, com cabos dados uns aos outros e cada um o seu para a terra para a ella se encostarem no cazo de alguma aflição; porém si a fortaleza da barra do inimigo nos faz fogo, quando estivemos no reparo, notavel dano receberiamos, e entendo, que poucos irião acima, ou nenhum.

29. Logo que as embarcações da esquadra se fizeram á vela, e puzeram a prôa á fortaleza para seguirem pelo canal do rio acima, entrou a dar fogo a fortaleza do inimigo a balas de 24 e 18, e logo aos primeiros tiros fez a fragata *Graça* o sinal para o combate com uma bandeira encarnada no tópe de prôa.

30. Ao mesmo tempo entrou a nossa fortaleza a fazer fogo á do inimigo: debaixo d'este forão seguindo as embarcações umas ás outras, mas não com a ordem determinada, por não se poderem pôr em seus lugares, pois toda

a diligencia que para esse efeito se fez foi sem fruto; porquanto esta foi feita já debaixo do fogo do inimigo; o mais precizo em que se cuidava era na defesa, dando fogo a bateria, e n'este importante trabalho já engolfada a tripolação, não é mui facil pôr a embarcação no lugar determinado para seguir a ordem geral, mórmente em uma distancia curta e apertado canal, e alguns já sem cabos para manobrarem as velas, e sem mar suficiente para mover um bruto de madeira d'aqueles para um lugar apontado ao dedo; o que poderia suceder, como vinha determinado, si não houvera a dezordem da abalroação, por virem de mais alguma distancia, na qual se podião ordenar melhor, ficando ou seguindo cada um o seu proprio posto.

31. Na vanguarda largou a xalupa, na qual embarcou o xefe, quando se fez á vela, e chegando ao forte do Mosquito dá fundo, e os mais o fizerão como melhor se lhe ofereceu a ocazião, e ficárão dispostos na fórma que mostra o mapa; pois a este tempo o fogo dos fortes e navios inimigos era horrorozo, e não menos o das nossas embarcações, porém estas recebião um grande dano das balas das fortalezas; o xefe n'aquele conflito se meteu no seu escaler por todo o fogo, prevenindo a todos que na verdade trabalhou n'este dia incansavelmente, cujo dezembaraço e valor foi bem publico.

32. Do forte do Mosquito derão na xalupa com uma bala, com que a arrombárão, e indo-se enchendo de agua, veio outra bala e cortou-lhe a amarra. Vendo-se dezamarrados e com muita agua, mareárão as velas para a nossa parte do norte, e chegando ao baixio assentou no fundo e se deitou á banda e saltou-lhe a gente para cima do costado, onde estiverão até ao sol posto, em que as nossas lanxas de terra os forão tomar.

33. N'este mesmo tempo chegou o xefe á fragata *Graça*, a qual achou em uma dezordem por cauza da morte do commandante, que logo ao primeiro encontro o matou uma bala de mosquete, que lhe entrou pela testa e lhe sahiu pela nuca; e vendo que a xalupa estava perdida, a sumaca *Bom Jezus* estava encalhada no baixo, a corveta *Penha* havia ficado no lagamar, a fragata *Graça* sem ordem, o fogo em maior aumento, mandou picar as amarras á fragata

Graça e foi por bordo dos mais mandal-as picar, e fazerem-se á vela para o forte do Patrão-mór, onde derão fundo pelas 5 horas e meia da tarde.

34. A sumaca *Bom Jezus* fez-se á vela na mesma ocazião que as mais, quando se principiou o combate, porém encalhou defronte da fortaleza da barra do inimigo, como se vê no mapa, a qual fortaleza lhe fez fogo emquanto durou o dia, e lhe fez alguns rombos, por onde recebeu agua, e socorrendo a nossa fortaleza com algumas lanxas por baixo de todo o fogo trabalhárão a dezencalhar, o que conseguirão pelas 6 horas e meia da tarde, e seguindo já á vela tornou a encalhar na mesma corôa mais adiante, defronte do forte do Mosquito, e mandando-lhe da nossa fortaleza as lanxas, dezembarcárão a tropa, a guarnição e todas as suas bagagens, cinco peças de artilharia com suas carretas e mais pertenças, além de uma que foi ao mar com o ultimo aparelho, que arrebentou, pois todos os mais cabos estavão cortados; tirou-se toda a polvora, armas e tudo o que se pôde tirar no decurso de toda a noite, em que trabalhárão cheios de pavor, porque a sumaca debaixo do forte do Mosquito se achava.

35. Ao romper do dia 20 de Fevereiro vierão cinco lanxas do inimigo carregadas de tropas, e abordando a sumaca, trabalhárão toda a manhan a vêr si a podião levar; de tarde voltaram á mesma diligencia, e, dezenganados do que pretendião, levárão nas lanxas quatro peças de artilharia, que se não puderão tirar na noite antes, pela falta do aparelho, duas amarras e o panno todo, e se retirárão seguros de que tudo o mais ficava á sua dispozição: sempre de terra se fez fogo ás lanxas inimigas, porém sem fruto por ser com uma peça de campanha de calibre trez, que não alcançava na distancia. Veio ordem de S. Ex. para lhe atacar fogo. Logo que anoiteceu, forão dois soldados granadeiros em uma pequena canoa lançar-lhe fogo em diferentes partes, principalmente onde se achava alcatrão, e toda a noite ardeu de sorte que lhe não ficou nada.

36. A corveta *Penha*, para concertar o rombo, chegou-se muito á terra do lagamar, e indo fazer-se á vela na ocazião em que as mais ião para o combate, ao suspender a ancora, tomou a prôa em revéz, e como era perto da terra,

encalhou, espiou pela pôpa para o canal com uma ancoreta e virador, que para este efeito andava pronta na lanxa da náo *Santo Antonio*, e debaixo de todo o fogo, que a fortaleza inimiga lhe fazia, conseguiu pôr-se em nado e fazer-se á vela pelas 5 horas e meia da tarde, e passar só pelo fogo de todas as fortalezas e navios, defendendo-se de todas, sempre á vela, e encontrando uma lanxa do inimigo, que sahiu dos seus navios, destinada a buscar a gente, que se achava sobre o costado da nossa xalupa, e fazendo-lhe a corveta fogo, a fez retirar arrombada com morte de trez homens, e n'este mediano tempo deu lugar a chegarem as nossas lanxas, que puzerão todos a salvo; e continuando, sempre á vela por debaixo de um horrorozo fogo de cinco navios e fortes, foi fundear entre as mais embarcações da esquadra no forte do Patrão-mór pelas 7 horas da tarde.

37. Morrêrão no combate em toda a esquadra 11 pessoas, a saber:

1.º Fragata *Graça*, o commandante, dois marinheiros e quatro soldados.

2.º Corveta *Victoria*, um cabo de esquadra.

3.º Corveta *Penha*, um soldado.

4.º Sumaca *Belem*, um soldado.

5.º Bergantim *Bom-sucesso*, um soldado.

E em todos forão 30 feridos: d'estes morrêrão trez no hospital, a saber: um marinheiro da fragata *Graça*, um soldado granadeiro da corveta *Penha*, um soldado da sumaca *Monte*, e o commandante da fragata *Gloria*, de quem passou uma bala o braço esquerdo junto ao sovaco.

38. No dia 20 de Fevereiro, ao amanhecer, chegárão dois dezertores da parte do inimigo sobre uns cascos de barris, os quaes disserão haver morrido no combate 19 pessoas, entre estas dois commandantes dos navios e muitos feridos, cujo numero certo não sabião, e os navios havião ficado muito maltratados; no que falárão com verdade, pelo que na tomada da terra achámos ser certo.

39. No dia 20 do mesmo dispôz o xefe alguns empregos nas embarcações da esquadra, cauzado isto pela falta do commandante da fragata *Graça*, para onde passou a commandar o capitão de mar e guerra Jorge Hardecast.

40. Pelas 9 horas da manhan se retirou o xefe para a

barra por terra, onde se despediu do Exm. general, e se embarcou na lanxa da sua náo *Santo Antonio*, que se achava no lagamar, e ofereceu o seu escaler ao capitão de mar e guerra, que ficou commandando a esquadra, e largando do lagamar pelas 3 horas da tarde, se embarcou na sua náo, que fôra a bordejar, e esperava pelas 5.

CAPITULO II

1. Despedido o xefe do tenente-general no dia 20 de Fevereiro de 1776, ficárão as sete embarcações, que escapárão do combate da entrada, encorporadas com cinco que lá se achavão, que havião ido do Rio de Janeiro, uma e outras feitas n'aquele continente, que fazião doze, as quaes se vê no mappa 1º., governadas pelo tenente-general e commandadas pelo capitão de mar e guerra Jorge Hardecast, embarcado na fragata *Graça*.

2. Fôrão com muita moderação reparando o dano ás embarcações da esquadra, que havião recebido no combate da entrada, e reforçando a fragata *Graça* com mais alguma artilharia sobre a tolda, e a todos em geral com mais polvora competente á sua artilharia; indicios certos de termos todos nova ação, porém isto com pouca pressa e muito silencio.

3. Todo o fervor observámos no inimigo, trabalhando frequentemente no reparo de seus navios e fortalezas já existentes, e formando outras de novo, cavalgando artilharia, e mudando de uns para outros fortes, onde lhe parecia terião o maior ataque; carreando pela margem do rio pantano, de que fabricavão as muralhas em quantidade de carretas tiradas por gado, e tendo cinco embarcações no canal e trez na Mangueira, uma armada e duas dezarmadas, fôrão tratando de reparar as duas, e a 25 de Fevereiro amanheceu uma das duas embarcações dezarmadas no canal, junto ás cinco para se refazer e armar, ficando sómente duas na Mangueira, cuja dispozição se mostra no mapa, e de todo este reparo se fazia da nossa parte pouco apreço.

4. Assim nos conservámos sem novidade alguma até o

dia 28 de Março, na noite do qual dezertárão da corveta *Victoria* quatro marinheiros em uma catraia, e fôrão entrar na villa pelas 9 ou 10 horas da noite sem serem presentidos, e encontrando com elles em terra, os levárão ao general Jozé Molina, o qual se achava desejozo de saber o que se passava entre nós, pois do dia do combate até o prezente não havia tido outra ocazião, e menos sabião com certeza o dano, que no combate da entrada haviamos recebido, e sem mais noticia que conjectura havião avizado para a sua côrte do dito combate, asseverando que havião feito tal estrago na armada portugueza, que só na fragata do xefe havião morto 200 homens, em tal fórma que lhe virão correr o sangue pelos embornaes, e nas mais embarcações a este respeito.

5. Derão os marinheiros dezertores a noticia do dano e mortos da nossa parte, e não se capacitárão, e assentavão, que n'aquela noticia os dezertores os enganavão; certificarão-lhe os marinheiros, que, no dia sexta-feira ou sabado seguinte, estavamos determinados a commetel-os com a nossa armada, tantas embarcações aos seus navios e tantas a Mangueira, formando a dita repartição ao seu arbitrio, pois em tal couza nunca se intentou.

6. Mandou o general espanhol os dezertores ao commandante da sua armada, o qual, tratando-os com toda afabilidade, os levou em a sua companhia a todos os seus navios e lhes mostrou os aprestos de cada um em particular, perguntando-lhes qual das armadas estava mais bem preparada; respondião os marinheiros, que as suas no que vião, porém que os nossos se adiantavão a entrinxeirar com couros, pelas quaes noticias os navios inimigos se entrinxeiravão de amarras de linho e pano do navio; e nos dias, que lhe assinalárão, estiverão em armas de dia e de noite.

7. No dia 31 de Março, que foi domingo, fez annos a rainha nossa senhora, embandeirou-se toda a armada, e ao meio-dia salvou a fragata *Graça* com 21 peças, e o tenente-general no seu quartel fez suas descargas.

8. Pelas 8 horas da noite mandou o commandante da esquadra pelo seu escaler chamar a bordo os commandantes de todas as embarcações, e por elles distribuirão as ordens, que pouco tempo havia recebido do tenente-general, ordenando que todos mandassem as suas lanxas para a praia

do forte do Patrão-mór, onde se achava a tropa, que estava nomeada para embarcar e passar n'aquela madrugada a parte do sul a atacar o inimigo nos seus fortes, e o sinal de estarem de posse d'elles, sendo de noite, serião trez foguetes sucessivos, e sendo de dia, seria nossa bandeira, e cada um puzesse a sua embarcação sobre uma só ancora com todo o silencio, de maneira que não fossem presentidos, e quando elle se fizesse á vela, faria sinal para o seguirem pela fórma, que expressava na ordem seguinte:

1°. fragata *Graça*, a esta seguirá a
2°. fragata *Gloria*, a esta seguirá a
3°. corveta *Victoria*, a esta seguirá a
4°. *Invencivel*, a esta seguirá a
5°. *Belona*, a esta seguirá a
6°. corveta *Penha*, a esta seguirá a
7°. sumaca *Sacramento*.

E os mais se sustentaráõ fundeados n'aquele mesmo lugar até segunda ordem, e nenhuma das nossas embarcações faria fogo para o forte, sem que de lá lhe fizessem, pois do contrario poderia perigar alguma da nossa tropa, e chegados que fossem aos navios inimigos, os atacarião na melhor ordem, que a ocazião oferecesse, sem perda de ação, debaixo dos sinaes das suas ordens.

Esta foi a dispozição da armada; vamos agora á dispozição da tropa de terra.

9. Foi nomeado o sargento-mór Manoel Soares Coimbra com duas companhias de granadeiros, a do regimento velho, do Rio de Janeiro, e a do regimento do Xixorro, para embarcarem no lagamar da barra, em as lanxas de nove sumacas mercantes, que ahi se achavão, e outras, e algumas jangadas e irem dezembarcar na praia do sul e atacar o forte do Mosquito.

10. Foi nomeado o sargento-mór do regimento de Bragança Jozé Manoel com duas companhias de granadeiros, a do seu regimento e a do regimento de Moura, para embarcarem no forte do Patrão-mór, nas lanxas das embarcações da armada e jangadas, e irem saltar na praia entre o forte da Mangueira e o forte da Trindade, ao qual devião atacar; e levárão estes por pratico o tenente dos dragões Manoel Marques, como tudo mostra o mapa.

11. Os que fôrão atacar o forte do Mosquito saltárão em terra na praia, que trazião destinada, sem serem presentidos, por ser uma praia quazi dezerta, e depois de postos em fórma de marcha, lhes sahio uma ronda de poucos homens a perguntar quem erão, com os quaes os nossos logo desbaratárão, e picando a marcha, fôrão logo atacando o forte á espada; o que concluirão em fórma que ás 4 horas e um quarto fizerão o sinal dos tres foguetes.

12. Os que fôrão atacar o forte da Trindade tinhão por destino do seu dezembarque a praia entre este e o da Mangueira, que era menor distancia e mais cultivada do que a do Mosquito, porém algumas das nossas lanxas, que levavão a tropa, encalhárão em uma corôa, que fica fóra da Mangueira, e pela parte de dentro d'ella estava um bergantim do inimigo armado em guerra, do qual fôrão presentidos e d'elle receberão fogo; porém como as mais lanxas já estavão na praia sem o toque de corôa, saltou ao mar a tropa com agua pela cintura, com as espadas nos dentes e as cartuxeiras á cabeça, com a eficaz advertencia, que lhe fazião os oficiaes de não molharem a polvora, e se formárão para acommeter o forte emquanto as lanxas encalhadas se puzerão em terra prontas; porém os tiros, que atirou a embarcação do inimigo ás nossas lanxas, enchêrão de confuzão a tropa inimiga, que guarnecia o forte da Mangueira, os quaes entregues ao descuido não discorrião no acerto: seguio a nossa tropa o destino da sua ordem para o forte da Trindade, e com brevidade fez o sinal com os tres foguetes.

13. No forte da Mangueira com estas reprezentações lavrava a guerra da confuzão, e por tal fórma que a embarcação, que atirou ás nossas lanxas, quando encalhárão, perdendo estas da vista com o escuro, entrou a atirar ao forte na consideração de que os nossos estavão n'elle, e suspendêrão o fogo aos repetidos clamores dos que n'elle se achavão.

14. Quando as ações trazem de Deus a felicidade, ainda o que se prepara para uma dezordem finda em um acerto. Punha-se a lua n'aquela madrugada pelas 5 horas e mais minutos, e encalharem as nossas lanxas antes das 4, que era a hora assinalada para o ataque, foi porque

correu uma neblina, que lhe encobrio a claridade uma hora antes, em fórma que, quando embarcou a tropa, já a lua não dava muita luz, e quando encalhárão na corôa, nenhuma, para d'esta operação proceder a confuzão n'aquele forte e no inimigo a nosso favor em tudo, e com especialidade no forte, e navio da Mangueira, porque o abandonárão sem mais trabalho que o temor d'elles.

15. As tropas inimigas, que guarnecião o forte do Mosquito, retiravão-se dezordenadas e cheias de temor, uns para a fortaleza da Barra e outros para o forte do Triunfo, bradando em altas vozes, que os Portuguezes levavão todos á espada sem compaixão.

16. As tropas da guarnição do forte da Trindade retiravão-se com a mesma confuzão e alaridos para o forte da Mangueira, em fórma que a uns e outros nas retiradas, que fazião, acompanhava o temor, e indo buscar azilo nos seus, encontrárão o rigor dos nossos : e é certo, que, a não suspenderem os oficiaes as espadas ás nossas tropas, poucos escaparião com vida, e comtudo respondeu um soldado ao oficial, que lhe suspendeu a espada : si pretendia com a sua compaixão tomar o inimigo melhoramento para fazerem aos nossos o que nós deixavamos de lhe fazer a elles, e as suas vidas se expunhão n'aquela ocazião para a victoria e não para a compaixão, que não havia ali lugar, e a victoria só se alcançava com a destruição do inimigo. E custou a socegar os granadeiros.

17. Voltárão logo as lanxas, as do forte do Mosquito para o lagamar, e as da Mangueira para o quartel do tenente-general, que era bem defronte, onde embarcou o coronel Sebastião Xavier com quatro companhias do seu regimento em socorro do sargento-mór Jozé Manoel para o forte da Trindade.

18. Nas lanxas do lagamar embarcou o brigadeiro Xixorro com quatro companhias do seu regimento para socorro do sargento-mór Manoel Soares Coimbra para o forte do Mosquito.

19. Emquanto se transportou este socorro, sendo ainda escuro, os nossos, que ocupavão o forte da Trindade, fizerão pontaria com uma peça para o forte da Mangueira, com tanta felicidade, que a bala lhe varou a caza da polvora ;

este tiro pôz o inimigo, que estava n'aquele forte, em grande confuzão e pavor, e logo fôrão abandonando o forte, encravando-lhe a artilharia e embarcando-se para a villa.

20. Ao romper d'alva do dia 1.º de Abril já as nossas lanxas se ião retirando do dezembarque das tropas do socorro, porque da fortaleza da barra do inimigo já lhes fizerão fogo, de modo que uma d'ellas se arrombou e quebrárão as pernas ambas a um dos homens, que ia n'ella.

21. Logo que deu lugar a luz do dia a verem-se uns aos outros, os fortes ocupados das nossas tropas entrárão a fazer fogo aos navios inimigos, os quaes, observando o dezigual partido, ignorando o estado, em que os seus estavão em terra, e vendo as embarcações da nossa armada já com as velas, largas para os acommeter, largárão as amarras por mão e se fizerão á vela para a barra, onde o vento lhes era mais a favor.

22. Toda a noite ventou pelo nordéste uma aragem, com a qual podião bem governar os navios; porém logo que correu a neblina, que cobrio a claridade da lua, foi acalmando em fórma que, quando os navios se fizerão á vela, o que foi dia claro, mal governavão, e só a correnteza da agua, que ia para baixo, os levava pelo canal.

23. Feitos á vela os navios inimigos, ao mesmo tempo sahião os nossos, e se retiravão as tropas inimigas do forte da Mangueira, atravessando o canalete em lanxas, e logo que chegavão á corôa, se lançavão ao mar com trouxas á cabeça, retirando-se para a villa: emquanto uns se transportavão, outros largavão fogo aos quarteis, e ás embarcações, que n'este lugar se achavão fundeadas, as quaes ardêrão e só não fizerão dano á polvora com temor de perigarem.

24. O forte do Triunfo, que está entre o Mosquito e a Trindade, atirava ao mesmo tempo aos seus navios, para que déssem fundo e sustentassem o combate, e os navios não lhe obedecêrão.

25. N'este mesmo tempo passava a nossa esquadra pelo forte do Ladino, que fez muito fogo, e com algum dano, pois, como os navios não tinhão vento, e a agua ia para baixo muito vagaroza, acertavão as pontarias.

26. Na mesma ocazião passavão pela nossa fortaleza da barra os navios inimigos, fazendo um horrorozo fogo a esta,

e contra as sumacas mercantes, que se achavão no lagamar, ás quaes fizerão algum dano; a nossa fortaleza fez muito pouco fogo. A este tempo achava-se ahi o tenente-general, que ordenou não atirassem aos navios, e mórmente depois que naufragárão.

27. Seis embarcações dos inimigos acommetêrão a barra, trez sahirão a salvamento e trez naufragárão no baixo do sul, como mostrão os mapas; a maior era de trez mastros; todos picou ao machado, o bergantim picou o de prôa, e a setia deixou todos em cima. Fizerão a diligencia por dezencalhar, porque lhe deixárão pela pôpa os viradores espiados, e vendo não tiravão proveito algum do trabalho, que em todo o dia tiverão, e se lhes metia a noite, transportárão a gente para os que se achavão a salvamento.

28. N'aquele mesmo tempo passava a nossa esquadra combatendo-se com o forte do Ladino, e chegando a nossa fragata *Graça* ao alcance do tiro do forte do Triunfo, lhe fez este fogo, deu a nossa fragata fundo, e logo que os da retaguarda passárão o Ladino, fez sinal para todos darem fundo, onde se achavão: os da retaguarda ainda se achavão no alcance das balas do forte do Ladino, e os da vanguarda no alcance das balas do forte do Triunfo, porém os do forte do Ladino suspendêrão o fazer fogo á esquadra, e fôrão largando-o aos armazens da polvora e quarteis; em fórma que n'este forte só ficou a artilharia; o mais tudo se reduzio a cinzas. Porém pelo contrario o forte do Triunfo fez fogo á esquadra até ás 5 horas da tarde, de sorte que obrigou as fragatas da vanguarda a espiarem para fóra do alcance das balas, e pelas 5 horas da tarde, vendo que as nossas tropas lhe formavão um cordão para o cercar, e que não tinha esperança de socorro, arriou a bandeira e dispaçou a driça, e a gente se pôz em retirada.

29. Pelas 8 para as 9 horas da manhan do dia 1.º de Abril já se achava ardendo fogo nas referidas partes, e os navios dos inimigos encalhados, o forte da Mangueira abandonado com artilharia encravada, a tropa inimiga marchando sem ordem para a villa, e sómente o Triunfo fazendo fogo á esquadra, e a fortaleza da barra inimiga fazendo fogo á nossa.

30. A nossa tropa do forte da Trindade mandou pelas ditas horas uma companhia das nossas formada tomar

conta do forte da Mangueira, e chegando a elle, fizerão alto na entrada, mandárão dentro dois cabos a tomar conhecimento do estado, em que estava, e logo entrárão todos a dezencravar a artilharia; o que se conseguio em breve tempo, de modo que atirárão alguns tiros para o porto, para onde se havia retirado o inimigo, que foi para a villa, em que ainda prezidião.

31. A fortaleza da barra do inimigo sustentou um sucessivo fogo contra a nossa até ás 8 horas da noite, quando suspendeu e o largou ao armazem da polvora, e encravou a artilharia, e se retirou com tambor batente.

32. Pelas 6 horas da tarde do dia 1.° de Abril, chegou uma lanxinha de mando do general espanhol a pedir ao nosso lhe désse trez dias para se retirar da villa; ao que respondeu o nosso, que lhe dava só trez horas, e que não lhe fizessem á villa o que aqueles oficiaes havião feito na Mangueira aos navios e armazens, pois só merecião ser castigados com a pena de acendetarios. Fôrão com esta resposta e pela meia noite mandárão outra vez; achárão ao nosso general recolhido, e dizendo-lhes o ajudante das ordens que S. Ex. estava descansando, e que pela manhan lá mandava a resposta, retirarão-se; e pela manhan, quando foi a resposta, achár..o dezerta a villa, mostrando os adversarios ir tão temerozos que deixárão tudo; até o general deixou a sua secretaria com os papeis de importancia.

33. Nô dia 2 de Abril, logo de manhan, entrárão as nossas tropas na fortaleza da barra e ao mesmo tempo na villa, e em ambas achárão a artilharia encravada; e no da villa muita quantidade de barris de polvora, que tinhão botado da muralha abaixo, e vinhão parar ao rio, onde se perdêrão: largárão bandeiras, e a fortaleza da barra salvou com 21 tiros.

34. No dia 3 de Abril pelas 3 horas da tarde se transportou o tenente-general para a villa, e logo se foi continuando a apossar de todas as bagagens precizas.

35. No dia 4 do mesmo mandárão buscar pelo rio acima as embarcações, em que os inimigos fizerão os seus transportes para o arroio, as quaes achárão arrombadas e alagadas, os mastros picados ao machado, e as conduzirão para a villa como puderão.

36. Dos nossos morrêrão em todo o combate de terra trez soldados, e na esquadra um soldado artilheiro do dezastre de arrebentar uma peça e um estilhaço d'ella o matou na corveta *Penha*, e na fragata *Graça* um ferido, e na lanxa da barra um com as pernas ambas fóra.

37. Nos fortes avançados das nossas tropas em cada um commandava um capitão, e querendo sustentar a avançada, fôrão ambos muito feridos de cutiladas das espadas, e alguns cabos e cadetes, que os acompanhavão, fôrão todos para o hospital da nossa villa do norte, onde morreu um dos capitães e cinco dos mais, e outro capitão já ia escapo com os mais e ficárão prizioneiros cincoenta.

38. Achou-se na villa muita fazenda e dos fortes e navios naufragados se tirou artilharia, que consta do mapa junto, fóra armas de mão; no forte do Triunfo encontrámos um grande armazem de aprestos de toda a qualidade para aparelhar navios com muita grandeza, e todos os fortes estavão com muita quantidade de balas á proporção dos calibres da sua artilharia.

39. A fortaleza da barra é feita com toda a arte da engenharia, com seu fosso e portão, e bem paramentada de tudo o que era precizo para um violento ataque, e no cazo de havel-o se despicarião com a bôa preparação de suas forças: os mais fortes erão abertos, excepto o da villa, que tambem tinha o preparo do da barra.

40. No dia 7 do mesmo foi domingo de pascoa; cantárão na igreja o *Te-Deum* em ação de graças, a que assistirão todos.

MAPA

Das embarcações que compuzêrão a armada naval, que sahiu da ilha de Santa-Catarina no dia 6 de Fevereiro de 1776 para o Rio-grande de São-Pedro, dirigida e commandada por Roberto M. Duval, xefe da esquadra do sul, e entrárão no dia 19 do dito mez e anno.

EMBARCAÇÕES	COMMANDANTES	PATENTES	PEÇAS	CALIBRE	HOMENS	INFANT.	QUANTID.
Frag. N. Sra. da Gloria....	Antonio José Pegado......	Capitão de mar e guerra.....	14	4	60	30	90
Frag. N. Sra. da Graça...	Frederico Kasselberg......	Cap.-tenente..	22	8	150	50	200
Corv. N. Sra. da Victoria.	JozéCorreia de Melo........	Cap.-tenente..	8/6	6/3	60	30	90
Corv. N. Sra. da Penha...	Agostinho da Roza Coelho.	Ten. do mar.	8	6	45	25	70
Sum. N. Sra. do Monte...	Bernardo Ribeiro........	Tenente da armada........	10	4	45	25	70
Sumaca Bom-Jezus.......	Francisco Lopes Xavier...	Tenente da armada........	10	4	45	25	70
Sum. N. Sra. de Belém...	Jozé Maria de Medeiros....	Ten. do mar pelo xefe....	10	4	45	25	70
Berg. Bom-sucesso.....	Manoel da Silva Duarte...	Prim. piloto..	8	3	30	10	40
Xalupa Expedição.......	Jeronimo da Silva........	Ten. do mar pelo xefe.....	12	6	70	....	70
9 embarcações que fazem a quantidade de..			110	....	600	170	770

MAPA

Das embarcações que compunhão a armada naval, que se achava fundeada no forte do Patrão-mór no porto do Rio-grande de São-Pedro, a qual assistio ao combate da tomada da terra da margem do sul do mesmo rio. Commandada pelo capitão de mar e guerra Jorge Hardecast.

EMBARCAÇÕES	COMMANDANTES	PATENTES	PEÇAS	CALIBRE	HOMENS	INFANTARIA	QUANTIDADE
N. Sra. da Graça.....	Jorge Hardecast.......	Capitão de mar e guerra....	22/8	8/3	200	50	250
Frag. N. Sra. da Gloria..	Antonio Jozé Pegado....	Capitão de mar e guerra....	14/6	4/2	60	30	90
Corv. N. Sra. da Victoria	José Correia de Melo......	Cap.-tenente..	8/6	6/3	60	30	90
Corv. Invencivel......	Pedro de Morens......	Cap.-tenente..	18	8	70	30	100
Corv. Belona.	Joaquim Jozé Cassão...	Cap.-tenente..	18	8	70	30	100
Corv. N. Sra. da Penha..	Agostinho da Roza Coelho	Ten. do mar.	8	6	45	25	70
Sum. S. Sacramento..	João Favila Bitancurt..	Ten. do mar.	14	4	45	20	65
Sum. N. Sra. do Monte..	Bernardo Ribº	Tenente da armada.......	10	4	45	25	70
Sumaca São-Jozé.......	João Ignacio.	Prim. piloto.	14	4	45	20	65
Corv. Dragão.	Mateus Ignacio........	Prim. piloto..	8	3	30	10	40
Berg. Bom-sucesso....	Manoel da Sa Duarte....	Prim. piloto..	8	3	30	10	40
Sum. N Sra. de Belém..	Jozé Maria de Medeiros..	Tenente do mar pelo xefe....	10	4	45	25	70
12 embarcações que fazem a quantidade de.			172	....	745	325	145

MAPA

Das embarcações que compunhão a armada espanhola, e se achavão no porto do Rio-grande de São-Pedro, no combate do dia 19 de Novembro de 1776, e na tomada da terra da margem do sul do mesmo rio no dia 1º de Abril do mesmo anno, e fim que tiverão na mesma ocazião.

EMBARCAÇÕES	COMMANDANTES	FIM QUE TIVERÃO	PEÇAS	CALIBRE	HOMENS
Gal. N. Sra. das Dôres..	D. Jozé Emparama.........	Naufragou ...	18/2	4/6	80
Berg. Santiago......	D. Francisco Xavier Molares.	Navega.......	18/2	4/6	80
Setia Mizericordia.....	D. Felipe Lopes.	Navega.......	20	4	60
Setia São-Francisco..	D. Francisco Idiaquez......	Naufragou....	20	4	60
Berg. Santa-Matilde....	D. Manoel Pando	Naufragou....	14/2	4/12	50
Berg. Pastoriza........	D. João Jozé Iriaga........	Queimou-se...	12/2	4/12	50
Sumaca Columbra....	Dezarmada.....	Navega.......	......	......	?
Sum. N. Sra. do Carmo.	Dezarmada.....	Queimou-se...	......	......	
8 embarcações com a quantia de............			110	......	402

MAPA

Da arilharia que se achou nos fortes e se tirou dos navios naufragados dos Espanhóes na tomada de terra da margem do sul do Riogrande de São-Pedro no dia 1.º de Abril de 1776 pelas tropas e armada de S. M. Fidelissima, sendo general o Exm. Sr. João Enrique Bueme.

FORTES	CALIBRES DE FERRO E BRONZE													
	24	18	16	12	9	8	6	4	3	PEDREIROS	4	3	MORTEIROS	QUANTIDADES
Barra	3	4	..	..	..	..	..	..	..	......	..	..	......	7
Mosquito	..	..	1	2	..	..	..	..	..	......	..	..	......	3
Triunfo	1	..	1	1	..	..	..	..	..	......	..	..	......	3
Trindade	2	2	..	..	..	..	..	..	..	......	2	..	......	6
Mangueira	..	2	..	2	..	2	..	..	..	......	..	..	......	6
Ladino	..	2	..	..	..	..	2	..	2	......	..	..	......	6
Villa	2	..	..	6	..	..	2	2	..	......	..	..	2	14
Arroio	..	..	..	..	3	..	..	..	3	......	..	..	......	6
Navios	..	..	..	2	..	..	..	19	6	4	4	2	......	37
Quantidades	8	10	2	13	3	2	4	21	11	4	6	2	2	88

TABOADAS

DE

LONGITUDES E LATITUDES

DE

GRANDE PARTE DO BRAZIL

OBSERVADAS PELOS ASTRONOMOS EMPREGADOS NA DEMARCAÇÃO (*)

(*) Este manuscrito pertenceo a João Carlos Augusto d'Oeinhausen, Marquez do Aracati, a quem foi dado pelo coronel Ricardo Franco d'Almeida Serra, segundo consta de uma nota de letra do mesmo João Carlos; sendo as longitudes e latitudes coligidas pelo dito coronel.

LOGARES	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO D'AGULHA N. PARA E.		
	G	M	S	G	M	S	G	M	ANNOS
Villa do Rio-grande de São-Pedro (1)..	32	1	45	326	2	36			
Forte de São-Jozé na barra do Rio-grande (1).........	32	7	....	326	2	54			
Santa Tecla (1).....	31	16	18	324	....	54			
Forte de São-Gonçalo (não existe já) (1).	32	....	....	325	36	50			
Ponta do norte da ilha de Santa Catarina (2).........	27	22	30						
Villa do Desterro na dita ilha (2).......	27	35	36	328	56	....	9	47	1781
Ribeirão, na dita ilha (2)...........	27	41	18						
Ponta do sul da dita ilha (2)...........	27	50	....	......					
V. de Guaratuba (2).	25	52	25	329	...	....	8	30	1791
Villa de Parnaguá (2)	25	31	30	329	6	....	8	8	1791
V. de Ararapira (2).	25	14	30	......					
Villa de Cananéa (2).	25	....	35	329	36	....	7	57	1791
Villa de Iguape (2).	24	42	35	330	....	....	7	25	1791
Villa de Itanhaen (2).	24	10	40	330	50	....	7	30	1791
Barra do rio Una (2).	24	26	50						
Barra de Santos na Estacada. (2)......	24	....	....	331	10				
Villa de Santos (2)..	23	56	15	331	9	30			
Villa de São-Sebastião (2)..........	23	47	40	332	30	....	6	45	1791
Villa de Ubatuba (2).	23	26	3	333	....	....	6	30	1791
Barra da Bertioga (2).	23	51	55						
Rio de Janeiro (2)..	22	54	15	334	19	....	6	40	1781
Cabo-frio (2)........	22	58	8	335	....	....	7	5	
Cid. de São-Paulo (2).	23	33	30	330	55	....	6	50	1790

(1) Estas observações são feitas na partida da demarcação do Rio-grande em 1780 e 1781.

(2) Estas observações são feitas pelos astronomos Francisco de Oliveira Barboza e Bento Sanches.

VARIANTES	LATITUDES			LONGITUDES		
Pelo astronomo Francisco d'Oliveira: observação do Rio de Janeiro e communicado pelo mesmo e pelo Exm. Vice-rei..................	22	54	15	334	15	
Bento Sanches na Gazeta de Lisbôa de 28 de Janeiro, n. 4, anno de 1786, publicou da mesma cidade.	22	54	13	334	21	30
Observação média das ditas.......	22	54	14	334	18	15
CIDADE DE SÃO-PAULO						
Pelo dito Francisco de Oliveira....	23	33	30	330	54	30
Pelo Dr. Francisco Jozé de Lacerda.	23	32	58	330	52	30
Média das ditas duas.............	23	33	14	330	53	30

Taboada de latitudes no Brazil pelos padres Diogo Soares e Domingos Capassi, matematicos regios em 1730 e 1731.

CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO	G	M	S
Santa Catarina de Moz, ultimo termo para norte	21	20	18
Parahiba do sul na barra....................	21	38	44
Cabo de São-Tomé...........................	21	59	
Praia de Carapebas.........................	22	14	35
Villa de São-Salvador no rio Parahiba	21	44	59
Aldêia dos Guaitacazes......................	21	50	53
Aldêia dos Campos novos no dito............	22	41	40
Aldêia de São-Pedro, na enseada de Cabo-frio.	22	50	57
Cidade de Cabo-frio.........................	22	52	37
Freguezia de Saquarema.....................	22	58	20
Freguezia de Maricá.........................	23	00	37
Cidade do Rio de Janeiro....................	22	35	20
Aldêia de Mangaratiba, na enseada da Ilha grande..................................	22	57	5
Villa de Angra dos Reis	22	59	1
Ilha-grande na Praia-vermelha...............	23	9	24
Villa de Parati, ultimo termo para sul.......	23	12	42
Villa de Macacú......	22	41	16
Aldêia de São-Barnabé, na enseada do rio...	22	43	46
Fazenda de Santa-cruz.......................	22	52	3
Passagem do Parahiba para as Minas, e termo para o certão..........................	22	9	18

Capitania de São-Paulo e costa do Brazil, pelos ditos padres Diogo Soares e Domingos Capassi em 1731, 1736 e 1737.

COSTA DO BRAZIL	LATITUDES		
	G	M	S
Villa da Laguna..............................	28	30	40
Campinas de Biracuera.......................	28	8	42
Villa da ilha de Santa Catarina.............	27	31	41
Baitepera, ponta do norte e enseada de Garopas.	27	5	21
Enseada e rio Gamberiuguame................	27	......	24
Enseada e rio Tajahi.........................	26	56	24
Enseada de Tapacroia	26	47	54
Villa de São-Francisco......................	26	13	16
Villa de Itanhaen...........................	24	11	6
Villa de Santos..............................	23	56	20
Villa de São-Vicente.........................	23	58	42
Fortaleza de Santo Amaro, na barra de Santos.	23	59	37
Villa de São-Sebastião.......................	23	48	11
Villa de Ubatuba, ultimo termo para norte....	23	24	15

Capitania de São-Paulo e costa do Brazil, pelos padres Diogo Soares e Domingos Capassi, em 1731, 1736 e 1737.

PELO CENTRO	LATITUDES		
	G	M	S
Arraial da Piedade	22	41	30
Villa de Guaratinguetá	22	46	
Villa de Pindamonhangaba	22	55	
Villa de Tabuaté	22	55	
Villa de Mogi	23	29	50
Aldêia de Nossa Sra. da Graça	23	25	34
Cidade de São-Paulo	23	33	10
Villa de Parnahiba	23	32	6
Aldêia e capela do Tiété	23	30	24
Villa de Sorocaba	23	31	14
Fazenda de Arassariguama	23	31	6
No sitio do Pedrozo	23	48	20
Fazenda de Itanguá	24	1	14
Villa de Itú	23	27	2
Villa de Curituba	25	25	43

OBSERVAÇÃO

1.ª As transcritas latitudes dos padres Diogo Soares e Domingos Capassi têem alguma diferença das determinadas pelo astronomo Francisco de Oliveira; comtudo as d'este ultimo devem-se preferir ás dos primeiros, tanto por terem melhores instrumentos, como pela maior exactidão das modernas taboadas das amplitudes e declinação do sol.

2.ª As latitudes são austraes.

3.ª As longitudes são contadas, supondo o meridiano da ilha do Ferro, 20 gráos a oéste do observatorio de Pariz, por assim as contarem, com os geografos ainda modernos, os astronomos da partida do Amazonas, e outros, os quaes, por ser a distancia entre Pariz e o burgo da ilha do Ferro de 19 gráos 51 minutos e 30 segundos, fixárão em conta redonda o 1º. meridiano a 20 gráos d'aquele observatorio; comtudo a partida de São-Paulo, com outros modernos, o fixão a 20 gráos e meio, por ser esta a distancia da ponta ocidental da mesma ilha.

Observações pelos astronomos empregados na demarcação de limites dos annos de 1750 e 1777.

RIO AMAZONAS	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO D'AGULHA N. PARA E.		
	G	M	S	G	M	S	G	M	ANNO
Cidade de São-Luiz do Maranhão.	2	30	..	333	38	45			
Môxa ou villa de Oeiras	7	..	..	335	39	30			
Cidade do Pará...........................	1	27	2	329	2	..	4	18	1781
No porto da cidade do Pará a altura que têem as marés nas aguasvivas e preamares dos equinocios é de palmos 18 $^3/_8$. Altura da maré nos solsticios 16 $^3/_4$ palmos. O estabelecimento é pelas 11 horas. Tem 5 horas de enxente e 7 e 2. 4. de vazante.									
Macapá, margem do norte.............	..	3	..	326	38	..	..	..	Bor.
Mazagão, margem do norte............	..	22	..	326	15	..	..	..	Aust.
Cazaforte no rio Guaman...............	1	34	30	....	..	..	..	..	1753
Portel, villa no Pacajás.................	1	53	..	....	..	..	..	..	1753
Furo do Limoeiro, ponta occidental da foz do rio Tocantins..............	1	52	41	....	..	..	4	..	1781
Boca do rio das Areias..................	1	9	39	....	..	..	..	..	1781
Villa de Gurupá...........................	1	23	37	....	..	..	..	..	1781
Barreiras de Gussari	2	18	3	....	..	..	5	21	1781
Pauxis ou Obidos	1	55	..	....	..	..	6	7	1781

RIO AMAZONAS EM 1781	LATIT.			LONG.			MARG. DO RIO
	G	M	S	G	M	S	
Boca do rio Xingú na sua margem oriental..	1	29	45	....	..	..	Aus.
Vilarinho do Monte no dito Xingú..............	1	34					
Porto de Moz no dito rio...........................	1	41	45				
Villa de Santarem, foz do Tapajós.............	2	24	50	323	14	30	Sul
Alter do xão no dito Tapajós......................	2	29					
Variação da agulha de n. para nasc. 5° e 32'							
Barreiras de Paricatuba............................	2	6	52	....	..	..	Sul
Forte de Pauxis, ou Obidos.......................	1	55	..	....	..	..	Sul
(Pauxis é o lugar mais estreito do maximo rio Amazonas; a sua largura aqui é de 813 braças e de mais de 100 de fundo a fluxo e refluxo das marés; é n'este lugar assás sensivel, apezar de ficar 200 leguas distante da costa no oceano.)							
Variação da agulha 6° e 7' N. E.							
Foz do rio Madeira na ponta ocidental........	3	23	43	318	52	..	Sul
Variação da agulha 6° e 44' N. E.							

N. B.—Da foz do Madeira são 28 leguas de navegação até á do Rio-negro, grande confluente do lado setentrional do Amazonas, a que chamão Solimões d'aqui para cima.

CONTINUAÇÃO DO RIO AMAZONAS OU SOLIMÕES	LATIT. G	LATIT. M	LATIT. S	LONG. G	LONG. M	LONG. S	ANNOS
Villa Arvelos, ou Coari, sobre a margem oriental d'este rio, 4 leguas acima da sua foz no Amazonas	4	..	9	...	..	..	1754
Villa de Ega na margem de éste do rio Tefé, confluente do lado meridional	3	20	..	312	41	..	1782
Nogueira, ou Paraguari, villa fronteira a Ega no rio Tefé	3	19	..	312	45	..	1782
Variação da agulha de N. para E.	..	..	..	...	..	..	7°
Lugar de Fonte-bôa, margem do sul do Amaz.	2	30	..	...	..	..	1782
Boca do Auati-paraná, no lugar em que se erigiu o marco de limites, o qual se toma pela boca mais ocidental do Jupurá	2	31	..	310	18	30	1782
Castro d'Avelans, margem do sul do Amazonas.	3	20	30	...	..	..	1782
Marco interino do Javari, a léste da sua foz 1.815 braças, e na margem aust. do Amaz.	4	17	30	308	6	30	1782
Boca do Javarí, rio da Extrema	4	18	30	308	4	45	1782
Olivença antes do Javarí	3	27	30	...	..	..	1782
Dentro Javarí, 70 leguas acima da sua foz	4	30	45	306	12	15	
No mesmo Javarí, 60 leguas mais acima	5	17	20				
Tabatinga, fronteiro a Javari	4	11	..	308	8	..	1782

O lugar de Tabatinga, na margem do norte do Amazonas, e fronteiro da foz do Javari, é o ultimo e mais ocidental estabelecimento portuguez do Amazonas, distante 540 leguas de navegação da cidade do Pará, e 410 em linha recta.

RIO JUPURA, GRANDE CONFLUENTE DA MARGEM BOREAL DO AMAZONAS EM 1782	LATITUDES			LONGITUDES		
	G	M	S	G	M	S
Aldêia de Santo Antonio de Marapí, 5 leguas abaixo da boca superior do Auati-paraná............................	1	52				
Aldêia Macupirí, acima da dita boca.	1	59				
Foz do rio Apapuris, entra no Jupurá por norte.......................................	1	22	....	308		
·Caxoeira do Cupatí, no Jupurá	1	18				
Mamiearú, aldéia dos Tabocas no Jupurá	1	32				
Foz do rio dos Enganos, dezagua por norte	. ..	36	....	305		
Caxoeira grande, no Jupura, a primeira da boca do rio dos Enganos para cima....................................	....	38				
Primeira caxoeira invadeavel no rio Apapuris..	....	55				
Primeira caxoeira grande no rio dos Enganos..	....	15				
Segunda caxoeira grande no rio dos Enganos..	....	12	....	304	37	
Caxoeira 1ª, invadeavel no rio Cunhari, braço do norte do rio dos Enganos. Lat. boreal..................................	....	20				
Rio Aurá, braço de Cunharí, no logar a que se chegou em 1781. Boreal.....	....	2				

Todas as observações no Solimões, e no rio Jupurá e seus braços, são feitas pelos astronomos os Drs. Victorio e Simões em 1781 e 1782.

N. B. O lugar a que chegárão dista apenas 100 leguas do meridiano de Quito, e ainda menos das altas montanhas que lhe ficão ao nascente.

OBSERVAÇÕES FEITAS NO RIO-NEGRO EM 1781	LATITUDES			LEGUAS DE UNS A OUTROS LUGARES
	G	M	S	
Forte de São-José, margem do norte, duas leguas acima da sua foz no Amazonas	3	9	....	2
Villa de Moura, na margem do sul...	1	26	45	52
Pedras grandes, na margem do sul...	1	23	23	
Lugar de Poiares, ou Cumaru, margem do sul	1	7	8	22
Lugar de Carvoeiro, ou Aracari, margem do sul	1	28		
Longitude média 315º 30m do dito.....	....	....	....	6
Barcelos, va., ou Mariuá, margem do sul	....	58		
Long. 314º 45m. Variação d'agulha 7º 16'				
Lugar de Moreira ou Cumaru, dito lado.	....	35	....	16
Villa de Tomar, ou Bararua, dito.....	....	24	....	15
Lugar de Lamalonga ou Dari, dito...	....	18	....	2
Boca do rio Urubaxi, margem do sul.	....	26	....	25
Boca do Uncuhixi, dita margem.......	....	27	....	6
São-João Neponuceno, lugar............	....	23	30	41
São-Gabriel, fortaleza sobre a caxoeira	....	5	....	10
São-Joaquim ou boca do rio Uaupes.	....	3	30	4
Somma das leguas.......	....	....	....	201

N. B. Na foz do rio Uaupes, grande braço ocidental do Rio-negro, finda este o seu rumo geral de éste a oéste com 510 leguas de navegação desde a cidade do Pará e da boca do Uaupes para cima, corre o Rio-negro de norte, e a este rumo se navegão mais 42 leguas até Marabitanas, ultimo estabelecimento portuguez d'este grande rio : d'elle ainda se navegão mais 20 leguas a norte até os fortes espanhóes de São-Carlos e Santo Agostinho, um fronteiro ao outro sobre as opostas margens do rio pela latitude de 2 gráos de norte ; logo acima d'estes fortes faz barra na margem de norte do Rio-negro o celebre furo Caciquiari, o Rio-negro até esta junção corre desde as serras de Popaian, e pelo paralelo de 3 gráos directamente a léste por mais de 120 leguas, sendo o seu curso total de 400.

O furo Caciquiari vem de norte com rapida corrente dezaguar no Rio-negro, com grande cabedal de aguas, por seis rios que recebe, além das aguas que pela sua boca superior lhe lança o grande Orinoco, que por este furo se communica com o Rio negro.

D'està configuração e certeza geografica rezulta, que o tronco principal do Orinoco, o furo Caciquiari, o Rio-negro e Amazonas, e a larga costa do oceano comprehendida entre as amplas barras do Amazonas e Orinoco formão por tantas aguas contiguas e communicadas uma grandissima ilha de 400 leguas de comprido de nascente a poente, e de 200 de largo de norte a sul, ilha que comprehende ou se divide em Guiana franceza, olandeza, espanhola e portugueza.

O rio Uaupes, ou Cajari, é um grande confluente do Rio-negro ; correndo ambos, desde as suas vizinhas fontes, paralelos e com igual extensão, até se unirem ; em 1781 foi configurado por 50 leguas de navegação, paralelamente e a sul da equinocial, até á grande caxoeira Ponaré, e em 1787 foi reconhecido até perto das suas origens.

RIO BRANCO OU URARICUÉRA	PELO DR. PONTES EM 1781						PELO DR. SIMÕES EM 1787					
	LATIT.			LONG.			LATIT.			LONG.		
	G	M	S	G	M	S	G	M	S	G	M	S
Boca do Rio-branco	1	24										
Boca superior do furo Amarau, que fórma o braço mais ocidental do Rio-branco	..	57	6	...	.	..	..	57				
Pesqueiro real	..	..	..	...	.	..	..	22				
Aldêia do Carmo. B	..	17	..	...	..	..	..	18	30			
Foz do Anáuáú. B	..	.	..	..	.	.	..	56				
Ilha do Tejupar. B	1	51	40									
Meio da serra Carumani. B	2	34	43									
Foz do Mariuani. B	..	..	..	...	..	..	2	37				
Santa Barbara, aldêia. B	2	55										
Forte de São-Joaquim. B	3	1	30	316	26	..	3	1				
Foz de Parime, que entra por norte. Boreal	3	29	30	...	..	..	3	24				
Parime dentro. B	3	36										
Origem do Parime	3	50	20									
Foz do rioMajari,entra porN.B.	..	..	..	...	.	..	3	29				
Caxoeira Aruá, 1ª. grande do Majari. B	3	45										
Caxoeira ultima e 20ª. do dito Majari. B	3	55										
Aldêia da Conceição. B	3	27	..	316	25	30						
Foz do Maracá, dezagua pela de sul. B	..	.	..	..	.	..	3	22				
Penedo da Boavista. B	3	23										
Foz do Cauarápurú. B	3	31	..	...	..	..	3	32				
Caxoeira das Cordas. B	..	..	..	...	.	..	3	31				
Foz do Uraricapará, que entra por norte no Uraricuéra	3	24	..	...	.	..	3	21	..	315	24	B
Santa-Roza, tapera. B	3	41	..	314	44	38	3	47				
Vale da Inundação. B	..	..	..	...	..	.	4	3	30	314	21	

N. B.—O Rio-branco ou Parime se sobe desde a sua boca na margem setentrional do Rio-negro com 104 leguas de navegação a rumo geral de sul a norte, inclinando 30 gráos para nascente até á fortaleza de São-Joaquim, onde em dois braços chamados Tacutu, que vem de nascente, e Uraricuéra, que corre ponte, se divide n'estes ramos principaes, que fórmão o seu tronco.

Dezoito leguas acima da foz do Uraricapará, está sobre a margem do norte a tapera de Santa-Roza, onde se estabelecêrão em 1775, e em outros lugares do Uraricuéra e rio Malne e onde fôrão aprehendidos os Espanhóes, os quaes entrando do Orinoco no Caroni, d'este no Parauá, e do Parauá no Parauá-mussi, braços sucessivos uns dos outros. Da origem do Paraná-mussi, que é o mesmo Vale da Inundação observado pelos Portuguezes em 1787, atravessárão a rumo de sul a grande serra Pacarahina, de que nasce, até encontrarem na oposta face as origens do Uraricapará, 6 leguas acima de Santa-Roza.

Continuação do Rio-branco pelos ditos astronomos nos ditos annos

RIO TACUTU	LATITUDES BOREAES			LONGITUDES			
	G	M	S	G	M	S	
Praia Urububani, perto da foz do Xurumu	3	22	......	......	......	......	Pontes
Foz do rio Xurumu que entra por oéste no rio Tacutu	3	25	......	......	......	......	Simões
Foz do rio Mahu, no Tacutu por oéste	3	34	......	......	......	......	Pontes
Penedo Camiú no Tacutu	3	21	......	......	......	......	Pontes
Ponta de oéste da serra proxima do Tacutu, a éste da qual corre o Repunuini	3	20	31	317	16	......	Pontes
No mesmo Tacutu, mais acima do dito	3	4	......	317	36	......	Simões
Pouco mais de um dia de navegação acima do lugar antecedente entra pelo poente no Tacutu o igarapé Saraurú, pelo qual em meio dia se chega á lat. de	3	10	......	......	......	......	Simões
Caxoeira das Ubás, 2 dias acima no dito	3	7	50	......	......	......	Simões
D'este lugar mais um dia de navegação pelo mesmo Saraurú, saltando em terra pantanoza, com uma legua de caminho a léste, se chega ao rio Repunuini. Observação n'este lugar	2	53	29	318	6	......	Simões
RIO MAHU							
4 leguas da boca do Mahú lhe entra pela margem oriental o pequeno rio Pararacacu, do Pirará ½ legua acima da sua boca	3	29	......	......	......	......	Pontes
Lago Amacunás, cabeceira do Pirara, 6 leguas a léste da sua foz	3	29	20	317	15	......	Pontes

N. B.—Do lago Amacunás são outras seis leguas de caminho paludozo, no rumo de léste até o rio Repunuini, grande e mais ocidental braço do rio Essequeb da Guiana olandeza.

Continuação do rio Mahú pelo Dr. Pontes em 1781

RIO MAHU	LATITUDES		
	G	M	S
Acima da 1ª. caxoeira do Caldeirão. B..........	3	48	
Boca do igarapé Maripa, abaixo da 4ª cax. B.	4	1	
N. B.—O rio Mahú e o Majari nascem e correm na maior parte entre altas montanhas.			
OBSERVAÇÕES DO DR. SIMÕES EM 1781			
Foz do Xurumú, braço ocidental da Tacutu. B.	3	25	
No Xurumu, pouco mais acima da sua boca. B.	3	29	11
Dois dias de navegação mais acima entre serras.	3	51	45
Outros 2 dias mais acima, tendo-se passado 21 caxoeiras, junto da grande serra Cuanuarú. B.	4	5	
Foz do igarapé, que por léste entra no Xurumú. B..	3	35	30
Ponto na margem do dito, junto á serra dos Cristaes...	3	50	45
N. B.— Os Olandezes passão, no tempo das cheias, em canôas, e no das secas por terra do rio Repunuini a Tacutu, e d'este ao Xurumú para extrahirem da serra dos Cristaes estas pedras, os quaes são bellos pingos d'agua e topazios.			
RIO UANAUAU, BRAÇO ORIENTAL DO RIO-BRANCO			
Foz do Uanauau de 12 braças de largo. B....	....	56	
Acima da sua foz tres dias de navegação. B.	....	55	45
Oito dias mais acima, onde o rio tem só 7 braças de largo. B..	1	19	29
O rio Uanauau, d'aqui para cima, corre na direção geral de nordeste, por cima de uma calçada de pedras, e por um inclinadissimo plano, que fórma immensos secos e 50 trabalhozas caxoeiras até o lugar em que foi visto, já perto da serra do Assari, de que nasce, ao norte das quaes nasce o Repunuini.			

RIO CARATIRIMANI, BRAÇO OCIDENTAL DO RIO-BRANCO. EM 1787 DR. SIMÕES	LATITUDES		
	G	M	S
Foz do rio Caratirimani. Boreal	....	26	
Aos sei sdias de navegação na 2ª. boca do furo que o communica com o rio Sereveni, e este com o Rio-negro	1	1	
Porto das Cordas, cinco dias acima. B	1	11	
Grande caxoeira Uruparú, 2 dias acima. B	1	29	
Porto dos Paráuanas, 5 dias acima. B	1	46	
Tres dias de navegação mais acima da foz do Atarú. B	1	49	30
Longitude d'este lugar, por aproximação, 314º e 45'			

As observações feitas pelo Dr. Simões em 1787 diferem em alguns pontos das calculadas em 1781 pelo Dr. Pontes. Eu prefiro as de 1787 ás antecedentes, tanto porque o Dr. Simões, tendo as primeiras, não devia produzir outras sem um precizo escrupulo, como por se conformarem ellas mais com a configuração do mapa, que levantei do Rio-branco em 1781.

O Rio-branco, formado por mais de 20 rios, é um belo, grande e interessante paiz ; abundante em todos os efeitos privativos do amplissimo Amazonas, sem os incommodos dos insectos e do nimio calor e grande humidade do vasto terreno de que elle é parte; os seus belos campos cobertos de mimoza relva, e de sal montieno, elles se estendem da latitude boreal de 1 gráo até a de 4, e de nascente a oeste ainda por maior extensão desde o Repunuini, e d'este rio e pela latitude de 4 gráos se estende directamente para poente uma alta e grossa cadêia de montanhas com 80 leguas de extensão, das quaes nascem para sul os superiores braços do Rio-branco, e na sua continuação outros muitos rios, que vão á margem do Rio-negro, e para norte nascem d'ella o Orinoco, e outros, etc.

RIO MADEIRA EM 1781	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO D'AGULHA	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Ponta ocidental da foz do Madeira..	3	23	43	318	52	..	6	44
Villa de Borba no dito rio............	4	23	..	318	7	15	6	55
Ponta de sul da ilha Mandiúba......	4	36	41	317	46	3		
Ponta de sul da ilha Matupiri.......	5	36	47					
Boca do rio dos Marmelos............	6	3	31	....	..	..	7	46
De uma pequena ilha 3 leguas acima e a oeste do rio Aruápiara.	6	13	..	....	..	..	8	13
Ponta de norte da ilha dos Muras...	6	34	15	315	55	15		
Por outra observação..................	6	34	..	316	33	15		
A primeira é mais conforme com a configuração, e por isso a sigo.								
Meia legua acima das ilhas d'Arraias....................................	7	14	2					
Boca do rio Maxado....................	8	5						
Tres leguas acima e a sudoeste do dito rio na ponta de duas ilhotas.	8	9	42	315	19			
1ª. Caxoeira de Santo Antonio.......	8	48						
2ª. Caxoeira do Salto do Teotonio...	8	52	..	313	39	30		
5ª. Salto do Giráo........................	9	21						
8ª. Caxoeira da Pederneira...........	9	31	21	....	..	..	8	
10. Cauda da caxoeira do Ribeirão..	10	10	..	....	..	..	8	15
Cabeça do dito ribeirão...............	10	14	..	....	..	..	8	21
Junção do Mamoré no Madeira......	10	[illegible]2	30	312	10	30		

Na confluencia d'estes dois grandes rios, a largura do Madeira é de 494 braças, e a do Mamoré de 440 braças, sendo o total do canal dos dois rios de 900 braças. A velocidade do Madeira no tempo das cheias em uma hora é igual a 2.961 braças, e sahindo-se em um bote de cinco remos por banda, se navegão em uma hora 1.357 braças e meia.

RIO MAMORÉ EM 1781, PELOS DRS. PONTES E LACERDA, E OS DO MADEIRA.	LATIT.			LONGIT.			VARIAÇÃO DE N. PARA E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Cauda das 15 caxoeiras da Banana.	10	35						
Cabeça da mesma Bananeira........	10	37						
Ilha das Capivaras........................	11	14	30					
Confl. do Guaporé com o rio Mamoré	11	54	46	312	28	30	9	11

Nos dois tratados de limites, de 1750 e 1777, no art. 7º do primeiro, e 10º do segundo, se supõe, que o canal das aguas unidas dos rios Guaporé e Mamoré é que fórmão o rio Madeira, quando este, que se considera não existir, é maior que os outros dois.

O ponto médio entre a confluencia do Mamoré com o Guaporé, e boca do Madeira no Amazonas, para d'elle se tirar a linha de nascente a poente até á margem do rio Javarí, linha extrema e danoza aos Portuguezes, fica o dito medio na latitude de 7 grãos 54 minutos e 14 e 1/2 segundos.

RIO GUAPORÉ EM 1782	LATIT.			LONGIT.			VARIAÇÃO DE N. PARA E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Boca do rio Cautarios........................	12	13	30	....	...	...	9	12
Forte do Principe da Beira..........	12	26	...	312	57	30	9	14
Destacamento das Pedras.	12	52	35	314	37	30		
Vizeu ou boca do rio Curumbiara..	13	14	30	....	...	...	8	37
Porto dos Guarajús......................	13	29	30	315	55	30		
Por posterior observação, Guarajús.	13	29	40	315	44			
Média das duas, chegada a configuração.	13	29	35	315	49	45		
Arraial dos Guarajús..................	13	36						
Boca do rio Paragaú.	13	33						
Morro do Barreiro dentro do Paragaú, no campo da Melgueira........	13	56	...	316	7			
Terra firme do Jacarandá no rio Turvo, braço oriental do Paragaú.	14	45						
Torres, morro na margem occidental do Guaporé	13	39						
Boca do Rio-verde, na mesma marg.	14	...	...	....	...	...	9	20
Porto do Cubatão.	14	31						
Barra do rio Capivarí.	14	39	35					
Foz do rio Sararé....	14	51						
Villa-Bela.........	15	...	...	317	42	...	9	55

CAPITANIA DE MATO-GROSSO. PELO DR. PONTES EM 1782 E 1783.	LATIT.			LONG.			VARIAÇÃO DE N. PARA E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Cazalvasco, na margem oriental do rio Barbados	15	19	46	317	43	30	9	54
Capão da Egoa, no mesmo rio Barbados, e a sul de Cazalvasco	15	35						
Morro das Salinas	15	46	...	317	20	...	9	53
Passagem do rio Paragaú, 7 leguas a oeste do morro das Salinas, e na estrada para Santo-Ignacio de Xiquitos	15	45						
Monte da Baliza, uma legua a léste do Paragaú	15	48	...	316	50	..	9	51

N. B.— O morro das Salinas, em que terminão pelo occidente os campos do rio Barbados, existe 7 leguas a poente da vargem das Salinas, as quaes ficão a sul de Cazalvasco outras 7 leguas.

CAPITANIA DE MATO-GROSSO EM 1784. PONTES	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO D'AGULHA	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Arraial da Xapada...............	14	47						
Arraial de Sant'Anna..........	14	45						
Arraial de São-Vicente........	14	30						
Engenho do Bomjardim a éste, legua e 1/4 da ponte do Guaporé.....................	15	16						
Face setentrional da serra do Aguapehi, 4 leguas a sul de Santa-Barbara.............	15	56	......	......	......	......	11	
Salinas do Jaurú, tapera do Almeida.........................	16	19	......	......	......	......	9	36
No Páo-a-pique, e Pantanal, de fronte da extremidade da serra, que lhe fica contigua e a poente, cuja ponta é a da serra de São-Vicente	16	21						
Estiva ou borda oriental do mato da Lavrinha............	15	27	33					
Registro do Jaurú..............	15	44	32	......	......	......	10	45
Fazenda da Caissara...........	16	4	42	319	58	36	9	15
Villa-Maria, no lado de nascente do Paraguai...........	16	3	33	320	2	15	8	38
PARAGUAI EM 1786 PELOS DRS. PONTES E LACERDA								
Marco na foz do rio Jaurú, isto é, meia milha abaixo no rio Paraguai..............	16	23	......	......	......	......	11	44
Pelo astronomo Miguel Antonio Ciera........................	16	25	......	320	10	......	9	40
Serra do Escalvado, onde finda a serrania da margem oriental d'este rio e que vem da sua origem........	16	42	58					

N. B. Por carta do commissario Jozé Custodio de Sá Faria, de 23 de Janeiro de 1754, escrita ao Sr. Conde de Azambuja, quando colocou aquele marco, consta esta observação.

PARAGUAI	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO DE N. PARA E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Ponta de norte da serra da Insua e principia a que acompanha o lado ocidental do Paraguai......................	17	33						
Serra do Letreiro, que com a ponta de sul da da Insua fórma a boca da bahia da Gahiba..	17	43	......	......	......	......	10	30
Foz do rio de São-Lourenço no Paraguai.....	17	55						
Pedras de Amolar, extremidade do sul da serra da Gahiba........	18	1	44	320	13	30	10	30
Povoação de Albuquerque..........................	19	......	8	320	3	14	10	15
Prezidio de Coimbra......	19	55	......	320	1	45	10	3
Boca do rio Cuiabá no de São-Lourenço ou Purrudos......................	17	19	43	320	50	......	10	
Boca de baixo do furo Pirahim....................	16	28	52					
Villa de Cuiabá............	15	36	......	321	35	15	9	55
São-Pedro d'El-rei........	16	16	......	321	2	15	9	30
LACERDA EM 1783								
Barranquinho, braço do Itanamos..................	13	8	4					
Missão da Magdalena, 30 leguas de navegação remontando o rio Itanamos, que entra no Guaporé 4 milhas acima do forte....................	13	21						

EM 1788. PELO DR. LACERDA NA DERROTA QUE FEZ PARA SÃO PAULO	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO N. E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Foz do rio Taquari, no Paraguai	19	15	16	320	28	18	9	37
Duas leguas abaixo do Pouzo-alegre, no Taquari	18	12	58					
Boca do rio Coxim, no Taquari	18	23	58	322	37	18		
No Coxim, 2 leguas acima do ribeirão do Barreiro	19	3	16					
Fazenda de Camapuan	19	35	14	323	38	45	9	27
Varadouro de terra de Camapuan, 6.230 braças.								
Salto do Curaú, no Rio-pardo	20	5						
No rio Tieté em uma pequena ilha que fica a igual distancia entre as caxoeiras Tambaú-guassú e Tambatiririca	21	45	21	328	21	30		
Cidade de São-Paulo	23	32	58	330	52	30	7	15
EM 1790. PELO DR. PONTES, NOS CAMPOS DOS PARICIS								
Engenho-de-cima do capitão Jozé Ferreira, 1 legua a éste do arraial de Sant'Anna	14	44	..	318	9	..	10	
Cabeceira do rio Juruena, o mais superior, grande e ocidental braço do Tapajós, 20 leguas a éste de Villa Bela	14	42	40					
Guaporé, na estrada velha, legua e meia abaixo da sua fonte, e 2 1/2 a léste da do Juruena	14	39	54	318	39	..	10	10
Sepultura, braço oriental do Guaporé, 2 1/2 leguas a léste	14	40	..	318	46	..	10	10
Passagem do rio Jaurú 1 1/2 legua a sul da sua 1ª. ponte	14	31	..	319	3	..	10	12

Capitania de Minas-geraes, pelos padres Diogo Soares e Domingos Capassi

COMARCA DE VILLA-RICA E OURO-PRETO	LATITUDES		
	G	M	S
Passagem de Parabuco, ultimo termo para sul.	22		
Passagem do rio de Carandahi e engenho de Miguel da Costa	20	57	52
Registro da Borda do Campo	21	15	34
Arraial do Assussuhi, termo para o Rio das Mortes	20	37	14
Passagem de Congonhas, na Conceição	20	32	14
Passagem de Congonhas, no Peixoto	20	31	49
Engenho do capitão-mór Manoel de Seixas	20	34	14
Engenho do capitão-mór Domingos Moreira.	21	31	50
Arraial de Congonhas do Campo	20	30	
Arraial do Ouro-branco	20	29	45
Arraial de Nossa Senhora da Soledade	20	29	34
Arraial da Itatiaia	20	28	30
Xiqueiro	20	28	52
Arraial de Santo Antonio do Morro	20	27	30
Arraial das Lavras-novas	20	26	41
Villa-rica do Ouro-preto	20	23	56
Arraial da Caxoeira	20	22	4
Arraial de São-Bartolomeu	20	21	3
Morro de Itambira	20	17	59
Gravato, ultimo termo para norte	20	16	7
COMARCA DA CIDADE DE MARIANNA			
Ribeirão do Carmo, cidade de Marianna	20	21	27
Arraial de São-Sebastião	20	19	58
Arraial de São-Caetano	20	19	58
Arraial do Bom-Jezus do Furquim	20	20	
Arraial de Antonio Pereira	20	17	58
Barra de Gualaxo, e passagem de Gualaxo do sul	20	30	14
Arraial de Guarapiranga	20	40	40
Arraial do Pinheiro	20	32	5
Arraial dos Camargos	20	15	13
Arraial do Inficionado	20	9	58
Arraial das Catas-altas, e termo para Caeté.	20	4	54

COMARCA DO CAETÉ	LATITUDES		
	G	M	S
Villa do Caeté	19	54	49
Arraial de Santa Barbara	19	56	48
Barra do Caeté	19	57	55
Arraial do Brumado	19	58	13
Arraial de São-Miguel	19	54	3
Rio de São-Francisco-mirim	19	55	33
COMARCA DO SABARÁ			
Gravato, ultimo termo para sul	20	16	7
Ribeiro dos Maxados	20	6	45
Arraial dos Rapozos	19	57	15
Villa do Sabará	19	52	36
Roça-grande	19	53	48
Curral d'El-rei	19	56	3
Arraial das Congonhas	19	59	32
Lavras do dezembargador Diogo Cotrim	19	47	22
Arraial de Santa-Luzia	19	45	38
Convento das Mocuúvas	19	41	11
Trez-barras	19	25	20
Tacoarussú	19	36	
Tacoarussú-mirim	19	19	40
Rotaço	19	17	22
Rio Cipó, ultimo termo para norte	19		
COMARCA DE PITANGUI			
Villa de Pitangui	19	41	7
Bernardo Vieira	19	59	59
Tenente Borba	19	58	24
Encruzilha, passado o córgo das guardas	19	45	
Passagem da Parupeba	19	0	12
Pompeu	19	21	57
Almas	18	53	27
Prazeres	18	37	47
Morro da Garça	18	34	18
Arraial de Santo Antonio	18	42	27
Riaxo-fundo	19	52	12
Rodeadouro	19	5	27
Pegabem	19	15	37
Sete-lagôas	19	25	57
Buruti	19	37	12
Bento Gonçalves	19	46	27
Itiaiassú, talvez 20°	10	10	57
Vera-cruz	20	3	29
Parupeba	20	10	

COMARCA DO SERRO-FRIO E MINAS-NOVAS	LATITUDES		
	G	M	S
Serra da Lapa	19	6	40
Pé da serra	18	51	
Piraúna	18	38	33
Arraial do Milho-verde	18	29	3
Arraial do Tijuco	18	14	3
Caeté-mirim	18	14	30
Passagem do Giquitinhonha	18	7	56
Ribeiro-manso	18	3	18
Capão-grosso	17	51	36
Pé do morro	17	41	36
Curralinho	17	34	48
Villa de Nossa Senhora do Bom-sucesso do Fanado	17	14	48
Xapada	17	6	37
Agua-suja	16	59	8
Contagem	16	47	36
Passagem do Giquitinhonha	16	44	12
Morros de Xucambira	17	15	45
Córgo de São-Domingos	16	48	42
Passagem do rio Socoroes	17	....	17
Engenho de Pedro Paulino	17	6	37
Olhos d'agua	17	21	20
Caitava	17	11	
Sant'Anna	17	11	30
Bigodes, ultimo termo para o sertão da Bahia.	17	31	15
Villa do Principe	18	37	28
Arraial dos Córgos	18	55	27
Arraial de Nossa Senhora da Conceição	19	4	39
Arraial do morro de Gaspar Soares	19	14	58
Arraial do Itabaraba	29	30	50
COMARCA DO RIO DAS MORTES			
Catas-altas da Noruega	20	40	30
Lagôa-dourada	20	55	22
Passagem de Camapuan	20	42	20
Villa de São-Jozé	21	5	30
Prados	20	58	
Villa de São-João d'El-rei	21	7	40
Rio das Mortes, pequeno	21	10	50
Rio-grande nas Passagens	21	19	20
Encruzilhada da Jeruoca	21	50	55

CONTINUAÇÃO DA COMARCA DO RIO DAS MORTES	LATITUDES		
	G	M	S
Arraial de Jeruoca	21	57	56
Arraial da Lagôa	22	2	
Arraial de Baiaperide	21	55	56
Sungo	22	6	42
Rio-verde	22	17	57
Serra da Mantiqueira, ultimo termo para sul	22	30	
Arraial de Paracatú	17	37	
CAPITANIA DE GOIAZ			
Villa-Bôa	16	19	
Longitude pelo P. Digo Soares, 329° e 40'.			
Por outro calculo mais seguido, 329° e 10'.			
Arraial dos Arrependidos	16	48	
Arraial de Santa-Luzia	16	49	
Meia-ponte	15	50	
Corgo de Jaguara	15	48	
Arraial da Anta	15	51	
São-Miguel	14	46	
Arraial de Quirixás	14	14	
Arraial dos Guarinos	14	15	
Arraial do Pilar	14	17	
Amaro Leite	13	10	
Arraial do Buruti	14	47	
Agua-quente	14	21	
Arraial do Cocal	14	25	
Arraial de Trahiras	14	16	
Arraial de São-Jozé	14	13	
Arraial de Santa-Rita	14	11	
Arraial de São-Felix	13	10	
Xapada de São-Felix	13	00	
Barra da Palma	12	00	
Arraias	12	23	
Arraial da Conceição	11	59	
Arraial da Natividade	11	21	
Xapada	11	16	
Arraial do Carmo	10	54	
Arraial do Pontal	11	30	
São-Miguel e Almas	11	19	
Taboca	11	20	
Duro	11	12	
São-Domingos	13	15	
Cavalcante	13	28	
Flôres	14	8	
Itiquira	15	20	

Capitania de Goiaz

LATITUDES G	LATITUDES M	TRONCO DE LEGUAS QUE HA DE VILLA-BOA AOS ARRAIAES DA CAPITANIA, SEGUINDO OS SEUS CAMINHOS	LEGUAS
16	19	De Villa-Bôa ao:	
15	50	Arraial do Pilar	30
14	16	Do Pilar ao arraial da Traição	40
14	13	Do dito ao de São-Jozé	2
13	15	Do dito ao de São-Felix	28
13	00	Do dito á xapada de São Felix	7
12	25	Do dito ao das Arraias	33
		Registro do dito ao registro da Tabatinga	22
12	21	Das Arraias á Natividade	34
11	21	Da Natividade a São-Miguel e Almas	17
		ARRAIAES DE MENOR GRANDEZA	
17	48	Da Natividade ao de Santa-cruz	36
16	29	Á Santa-Luzia	26
15	48	Do dito ao córgo de Jaraguá	11
15	25	Do dito ao de Cocal	5
14	11	Do de São-Jozé a Santa-Rita	3
13	28	Do de São-Felix ao Cavalcante	16
12	4	Do dito á barra da Palma	24
11	59	Do dito ao da Conceição	12
11	21	Da dita á Natividade	46
11	18	Da Natividade á Xapada	2
10	55	Ao Carmo	20
10	25	Da dita Xapada ao Pontal	47
11	19	Da Natividade á Taboca	25
11	9	Da Taboca ao Duro	9
		Principiando outra vez da capital a distancia de leguas que ha de uns a outros arraiaes.	
16	19	De Villa-Bôa:	
15	51	Ao arraial da Anta	14
16	15	Da villa ao da Barra	5
16	18	Da villa ao do Ferreiro	1
16	21	Da villa a Ouro-fino	3
14	14	Do de São-Miguel ao de Crixás	16
14	17	Do de Crixás ao do Pilar	12
14	47	Do Pilar ao Buruti-queimado	10
14	21	Do Buruti-queimado á Agua-quente	7
14	48	Da Anta ao de São-Miguel	24
14	18	Do de Crixás ao de Guarinos	9
14	18	Do Pilar a Guarinos	3
13	10	Do Pilar a Amaro Leite	30
14	25	Da Agua-quente ao de Cocal	5
14	8	De Villa-Bôa ás Flôres, ribeira do Paraná	95
13	15	Das Flôres a São-Domingos	36
13	28	Das Flôres ao de Cavalcante	20
15	27	De Villa Bôa ao arraial dos Couros	68

Latitudes e longitudes calculadas em 1791 por Francisco de Oliveira Barboza, as quaes elle me communicou em São-Paulo no anno de 1807 (*)

LOGARES	LATITUDES		LONGITUDES		VARIAÇÃO N. E. D'AGULHA	
Cidade de São-Paulo.........	23°	33'	331°.	23'	7°:15	1788
Villa de Ubatuba............	23	26	333	30	6:30	1791
Villa de São-Sebastião.......	23	48	333	0	6:45	1791
Villa de Itanhaen	24	11	331	20	7:25	1791
Villa de Iguape...............	24	43	330	30	7:30	1791
Villa de Cananéa............	25	0	330	6	7:57	1791
Villa de Paranagoá...........	25	32	329	36	8:8	1791
Villa de Curituba............	25	52	329	30	8:30	1791
Serra de Curupaci...........	23	43				
Serra de Bertioga	23	52				
Serra grande de Santos e São-Vicente....................	24	0	331	40	6:50	1791
Serra do rio Una.............	24	27				
Serra do mar de Ararapira...	25	15				

N. B. Todas estas longitudes são contadas da ponta ocidental da Ilha do Ferro.

(*) Esta taboada está escrita por letra de João Carlos, Marquez do Aracati. *N. da R.*

Taboada do nascimento e ocazo do sol em Villa-Bela, calculada astronomicamente pelo Dr. Lacerda. (*)

MEZES	DIAS	NASCIMENTO		OCAZO	
		HORAS	MINUTOS	HORAS	MINUTOS
Janeiro	7	5	30	6	30
	22	5	36	6	24
Fevereiro	7	5	42	6	18
	22	5	48	6	12
Março	7	5	54	6	6
	22	6	0	6	0
Abril	7	6	6	5	54
	22	6	12	5	48
Maio	7	6	10	5	42
	22	6	24	5	36
Junho	7	6	30	5	30
	22	6	36	5	24
Julho	7	6	30	5	30
	22	6	24	5	24
Agosto	7	6	18	5	42
	22	6	12	5	48
Setembro	7	6	6	5	54
	22	6	0	6	0
Outubro	7	5	54	6	6
	22	5	48	6	12
Novembro	7	5	42	6	18
	22	5	36	6	24
Dezembro	7	5	30	6	30
	22	5	24	9	36

Latitude de Villa-Bela 15°
Longitude............ 317°—42'—0

(*) Esta taboada está escrita por letra de João Carlos, Marquez do Aracati.
N. da R.

APONTAMENTO SOBRE A CAPITANIA DE GOIAZ (*)

Sua demarcação—Barra do Rio-pardo, e por elle acima até as suas cabeceiras; d'estas até as cabeceiras do Araguaia, e por elle abaixo até a barra no Tocantins; d'esta barra pelo Tocantins acima até a barra do Manoel-Alves; d'ali á ponte da serra da Cordilheira, e pelo cume d'ella até a de Lourenço Castanho, Arrependidos, Escuro, serra da Canastra, Marcela até a barra do Sapucahi e Rio-grande abaixo até a barra do Rio-pardo.

Villa e Barra........	latitude..........	16°20'
	longitude.........	329°10'
Julgados.................................		13
População................................		

(*) Este apontamento é de letra de João Carlos, Marquez do Aracati.
N. DA R.

TABELA DAS ALTITUDES

SOBRE O NIVEL DO OCEANO

DOS

PRINCIPAES LUGARES E MONTES

DA

CARTA TOPOGRAFICA DE MINAS-GERAES

PELO

Dr. Franklin Massena

	Lugares	Altitude: expressão em mts.
(a)	Pico do Itatiaia-ussú d'Aiuruoca	3180
(s)	Mairinko ou orgão do Itajubá	2409
(a)	Papagaio d'Aiuruoca	2310
(a)	Pedra do Bispo d'Aiuruoca	2300
(b)	Serra da Piedade do Sabará	1783
(c)	Itaculumi do Ouro-preto	1750
(a)	Parricida da Bocaina, no Rio-grande	1693
(a)	Salto do Inferno, na baze do Itatiaia d'Aiuruoca	1665
(d)	Pico da Itabira do Mato-dentro	1520
(x)	Serra da Moeda	1429
(a)	Trez Irmãos d'Aiuruoca	1401
(x)	Cabeceira do São-Francisco	1462
(a)	Mantiqueira, no Passa-vinte	1371
(a)	Morro-grande, em São-Domingos de Barbacena	1361
(d)	Mantiqueira, em Mata-caxorro	1347
(a)	Rio-preto, na Bocaina	1320
(k)	Pico do Itambé	1316
(a)	Serra do Amparo (Rio-preto)	1288
(c)	Mantiqueira, em Barbacena	1283
(a)	Serra dos Macacos, no Livramento	1268
(a)	Alagôa d'Aiuruoca	1228
(a)	Mantiqueira, no Bomjardim	1262
(c)	Alto de Dona-Vicencia	1260

(a)	Morro do Governo no Bomjardim	1260
(g)	Itatiaia do Ouro-preto	1242
(q)	Deos-te-livre (morro do)	1241
(a)	Livramento	1240
(a)	Aiuruoca (Castelo, largo de Santo Antonio)	1222
(a)	Serranos (ponte)	1218
(k)	Arraial do Itambé	1165
(a)	Conceição de Ibitipoca	1155
(k)	Serra do Rio-branco	1154
(x)	Serra do Corrego do Mel	1141
(c)	Ouro-preto	1145
(g)	Alto das Taipas	4137
(g)	Diamantina	1132
(a)	São-Vicente	1132
(a)	Baependi	1125
(d)	Bomjardim	1120
(x)	Serra do Pinhohi	1127
(a)	Villa-Bella do Turvo	1101
(a)	Alto da Victoria em São-João	1078
(g)	Barbacena	1076
(d)	Morro do Diamante	1063
(d)	Milho-verde	1058
(a)	São-Joaquim da Barra-mansa (Rio)	1050
(x)	Serra da Caxoeira	1037
(g)	Cabeceiras do Rio do Peixe	....
(x)	Serra da Caxoeira	1043
(d)	Arraial da Caxoeira	1037
(a)	Caxoeira da Ibitipoca	1010
(g)	Cabeceiras do Rio do Peixe	994
(a)	Passa-vinte (Arraial)	994
(a)	Rio-preto na Caxoeira dos Oculos	984
(g)	Oliveira (São-João Baptista)	994
(x)	Campo-bello	985
(c)	Ouro-branco	981
(x)	Peres	977
(a)	Cabeceiras do Sapucahi	974
(a)	Mantiqueira, no gampo do Lima	970
(x)	Rio-manso	969
(g)	Queluz	954
(a)	Ponte do Saco	951
(g)	Arraial das Bicas	943
(x)	Serra Vertente, na mata	940
(d)	Sassuhi	938
(g)	Serro	940

(d)	Serra da Mira, no Passa-vinte	937
(a)	Capela do Angahi de Lavras	937
(d)	Sassuhi abaixo	...
(x)	Serra do Jacú	936
(a)	Campanha	929
(d)	Ponte-nova	914
(x)	Retiro do Rio-grande	913
(x)	Caza-branca	913
(a)	Lambari (Poços)	913
(x)	Camapuan (serra)	909
(x)	São-Roque	900
(a)	Balaio, morro do Vintem (Pouzo-alegre)	898
(d)	Tijuco	896
(g)	Brumado	888
(c)	Quartel de Santa-cruz	886
(g)	Oliveira	879
(x)	Ponte-alta, no Brumado	878
(d)	Itabira do Campo	870
(k)	São-Gonçalo	860
(k)	Trez-corações	859
(x)	Conquista	857
(d)	Congonhas do Campo	853
(l)	Lagôa-santa	850
(x)	Serra dos Veados	843
(k)	Cambuhi	837
(g)	Arraial do João-Gomes	813
(k)	Jaguari	813
(d)	Fabrica de ferro do Girau	806
(k)	Pouzo-alegre	803
(a)	Itajubá	799
(x)	Patafucio	790
(g)	Sant'Anna do Indaiá	790
(g)	Villa do Pará	789
(g)	Serra de São-Geraldo	783
(a)	Caldas	781
(x)	Fabrica de Monlevade	781
(x)	Camargos	781
(a)	São-Vicente da Aldeia (Rio)	765
(d)	Cocaes	762
(d)	Santa-Barbara	756
(g)	Mateos-Leme	754
(a)	Lavras	753
(x)	Buriti	748
(x)	Tamanduá	747

(d)	Santa-Margarida	743
(g)	Marianna	728
(b)	Santo-Antonio do Rio acima	720
(k)	Catas-altas	717
(x)	Lapa-grande da Formiga	711
(x)	Alto da Arribada	709
(x)	Antonio-Moreira	709
(d)	Boqueirão do Maia	707
(g)	Sabará	701
(x)	Serra da Canastra	693
(a)	Onça (São-João d'El-rei)	683
(k)	Itabira do Mato-dentro	676
(g)	Xapéo d'Uvas	673
(d)	Brumado	670
(x)	Barra d'Anta	668
(x)	Santo-Eloi	671
(x)	Tamanduá	660
(x)	Lageado	648
(x)	Dôres do Aterrado	646
(x)	Formiga	641
(g)	Pitangui	640
(k)	Montes-claros	635
(g)	Santa-Rita do Turvo	631
(a)	Santa-Rita da Ibitipoca	628
(x)	São-Caetano	622
(x)	Parahibuna	607
(d)	Barra do Bacalháo	600
(x)	Arroio da Xapada	598
(g)	Pompêo (arraial)	584
(d)	Santa-Rita do Jacutinga	576
(g)	Barra do Pará	571
(x)	Monte-santo	567
(x)	Curimatahi	552
(d)	Abre-campo	552
(g)	Arraial do Espirito-santo	543
(b)	Paulo-Moreira	543
(x)	Becaúbas	537
(x)	Figueira	536
(g)	Prezidio (arraial)	533
(e)	Guaicuhi	520
(d)	Ponte do Pereira (Rio-preto)	417
(a)	Quatis (Rio)	439
(g)	Mar de Espanha	435
(d)	Ponte de Santa-Clara	427

(d)	Sant'Anna dos Turvos	426
(d)	Villa do Pio-preto	405
(g)	Parahibuna (nivel do rio)	396
(d)	São João d'El-rei	394
(x)	Parahiba em Valença (Rio)	396
(x)	Ericeira (porto)	339
(x)	Registo do Parahibuna	277
	Projeto da estrada de ferro (Mar de Espanha)	293
(g)	Porto da Piracema	275
(x)	Barra do ribeirão Santo-Antonio	271
(c)	Porto do Xiador	265
(x)	Sapucaia (recebedoria)	257
(x)	Barra do rio Conceição	163
(x)	Porto-novo do Cunha	161

Indicação dos geodezicos

(a) O autor,
(b) Liais.
(c) Gerber.
(d) Aroeira.
(e) Halfed Pai.
(g) Eschewege.
(k) Spix e Martius.
(l) Dr. Lund.
(s) Sellon.
(x) Diversos ou incognitos.
A palavra (Rio) significa Rio de Janeiro,

Rio de Janeiro 30 de Maio de 1867.

DR. JOZÉ FRÂNKLIN MASSENA

LATITUDES E LONGITUDES

de diferentes lugares das provincias de São-Paulo, Goiaz e de Mato-grosso, segundo o roteiro de viagem de Luiz d'Alincourt.

LUGARES	LATITUDES AUSTRAES	LONGITUDES
Entrada da barra de Santos.	24° 2' 49"	331° 39' 30" (1)
Villa de Santos (hoje cidade).	23° 56' 15"	331° 39' 30" (1) 45° 24' 30" (2)
Cidade de São-Paulo........	23° 33' 0" 23° 15' 0"	331° 25' 0" (3) 333° 50' 0" (4) 46° 36' 0" (5)
Villa de Jundiahi	23° 6' 40"	46° 57' 0" (5)
Villa de Campinas..........	22° 50' 0"	47° 20' 0" (5)
Villa de Mogi-mirim	22° 22' 0"	47° 22' 0" (5)
Freguezia de Nossa Senhora das Dôres da Caza-branca .	21° 29' 0"	47° 28' 0" (5)
Arraial da Franca	20° 28' 0"	47° 26' 0" (5)
Arraial do Bomfim	16° 48' 0"	47° 23' 0" (5)
Arraial da Meia-ponte	15° 50' 0"	47° 30' 0" (5)
Arraial do corrego de Jaraguai	15° 53' 0"	47° 51' 0" (5)
Cidade de Goiaz	16° 20' 0"	48° 30' 0" (5) 320° 40' 0" (1)
Confluencia do Rio-grande ou Araguaia, e o rio Tocantins......................	5° 40' 0"	
Entrada do Araguaia no rio Amazonas..................	1° 40' 0"	
Cabeceiras do rio São-Lourenço	15° 0' 0"	
Aldêia de Sant'Anna ou lugar de Guimarães	15° 33' 0"	322° 0' 0" (1)
Cidade de Cuiabá...........	15° 36' 0"	321° 35' 15" (1)
Caxoeira de Santo Antonio no rio Madeira............	8° 48' 0"	
Fontes do rio Igatimi	23° 20' 0"	
Prezidio de Miranda........	20° 50' 0"	321° 40' 32" (1)
Confluencia do Paraná e Paraguai.....................	26° 27' 0"	
Forte de Coimbra...........	19° 55' 0"	320° 1' 45" (1)
Fexo dos Morros	21° 22' 0"	
Forte Olimpo	21° 0' 0"	
Albuquerque (povoação).....	19° 0' 8"	320° 3' 14" (1)
Barra do rio São-Lourenço ..	17° 55' 0"	

(1) Meridiano da ilha do Ferro.
(2) Meridiano de Greenwich a O.
(3) Meridiano da ilha do Ferro. Observ. de Franc° d'Oliva Barboza.
(4) Idem, conforme M. Echard.
(5) O. de Greenwich.

(CONTINUAÇÃO)

LUGARES	LATITUDES AUSTRAES	LONGITUDES
Boca do canal que communica a lagôa Guahiba com o rio Paraguai...........	17° 43' 0"	
Morro-Escalvado............	16° 43' 0"	
Marco dos nossos limites plantado em 1754.............	16° 24' 0"	319° 52' 30" (1)
Villa-Maria.................	16° 3' 0"	320° 2' 0" (1)
Campos do posto avançado das Salinas................	16° 20' 0"	
Fontes do rio Alegre.........	16° 0' 0"	
Povoação de Cazalvasco.....	15° 19' 46"	317° 42' 0" (1)
Cidade de Mato-grosso......	15° 0' 0"	317° 41' 0" (1)
Lugar onde principia a ser montanhoza a margem ocidental do rio Paraguai....	17° 33' 0"	
Confluencia do rio Guaporé e o rio Sararé.............	14° 51' 0"	
Nascentes do rio Guaporé...	14° 39' 48"	318° 39' 0" (1)
Nascentes do rio Sararé.....	....	318° 25' 30" (1)
Principio das serras notaveis de Mato-grosso...........	16° 21' 0"	
Barra do rio Piolho..........	13° 39' 0"	
Foz do rio Paragaú..........	13° 33' 0"	
Nascentes do mesmo rio.....	17° 0' 0"	
Nascentes do rio Baures.....	17° 0' 0"	
Missão da Magdalena.......	13° 21' 40"	313° 13' 30" (1)
Forte do Principe da Beira...	12° 26' 0"	312° 57' 30" (1)
Cabeça da caxoeira do Ribeirão....................	10° 14' 0"	
Confluencia dos rios Mamoré e Madeira................	10° 22' 30"	
Cabeceiras do rio Madeira...	13° 0' 0"	
Cabeceiras do rio Mamoré..	18° 0' 0"	
Lugar do destacamento das Pedras....................	12° 52' 35"	314° 37' 30" (2)
Lugar do destacamento de São-Luiz................	8° 52' 0"	
Nascentes do rio Alegre.....	16° 0' 0"	

(1) Meridiano da ilha do Ferro.

(2) Idem idem. Excelente pozição para um prezidio.

MEMORIA

SOBRE O MELHOR PLANO DE SE ESCREVER

A historia antiga e moderna do Brazil

Segundo a propozição do Instituto Historico e Geografico Brazileiro

NA 4.ª SESSÃO ANNIVERSARIA EM 27 DE NOVEMBRO DE 1842

PLANO DE SE ESCREVER A HISTORIA ANTIGA E MODERNA DO BRAZIL, COMPREHENDENDO AS SUAS PARTES POLITICA, CIVIL, ECLEZIASTICA E LITERARIA.

O plano, que parece mais acertado, de se escrever a historia do Brazil é seguramente o mesmo, que seguiu Tito Livio, João de Barros, e Diogo do Couto, isto é, pelo sistema das décadas, narrando-se os factos acontecidos dentro de periodos certos.

D'esta maneira vão os sucessos bem encadeados, e quando aconteça acharem-se lacunas, estas não serão sensiveis, si fôrem de um até dois annos, e estas lacunas, seja qualquer que fôr o metodo que se adote para se escrever uma historia qualquer, sempre hão de existir na falha dos factos, que se não memorárão, como de ordinario acontece, quando principia um tempo historico, que se vai descrever seculos depois ; porém, para clareza e percepção, parece, que este metodo das décadas é o mais preferivel.

N'este sentido, antes que se principiem a narrar os factos historicos, deve preceder uma introdução descriptiva das nações indigenas, que habitavão as costas do Brazil na ocazião do descobrimento.

Finda esta introdução, principia então a historia com o descobrimento do Brazil em 1500 por Pedro Alvares Cabral

até 1510, época do naufragio de Diogo Alvares Corrêa, o Caramurú. Esta é a 1.ª década, em que apenas ha a descrever as viagens dos Portuguezes e estrangeiros á terra da Vera-cruz, e a mesma materia ha de ser a da 2.ª década desde 1511 até á morte de el-rei D. Manoel em 1521. Na 3.ª já a historia oferece bastante materia ao seu dezenvolvimento.

Assim por diante póde a historia do Brazil chegar até á independencia e coroação do Sr. D. Pedro Primeiro.

Parece justo, que a historia termine aqui, porque escrever a historia contemporanea nenhum historiador nacional o deve fazer para se não expôr a juizos temerarios, e a outros inconvenientes, que trazem comsigo os respeitos humanos. Archivem-se os documentos, e o tempo virá.

O texto d'esta historia projetada deverá conter a parte politica, que é a principal. Quanto ás partes civil, ecleziastica e literaria, deve tratar-se d'ellas no fim de cada uma década em artigo separado, que sirva como de observações ao texto. Este metodo não é novo, sendo seguido pelo abade Milot na historia de França no fim de cada reinado.

Tal é o sistema, que parece suficiente ao fim, a que se propõe a historia, descrevendo-a em décadas, e a este mesmo sistema é certamente a que se póde atribuir o bom sucesso, que tiverão as obras dos autores citados no principio d'esta memoria, cujo autor se dará por bem recompensado, si merecer a atenção do Instituto Historico e Geografico Brazileiro, sujeitando a sua opinião a melhor juizo.

Rio de Janeiro 30 de Setembro de 1843.

Julio de Wallestein.

OBSERVAÇÃO CRONOLOGICA

ACERCA DO DIA

EM QUE FOI DESCOBERTO O BRAZIL (*)

CAPITULO I

Dia do descobrimento

§ 1. Depois da tomada de Ceuta em Africa por D. João 1º do nome, e 10º rei de Portugal, em 21 de Agosto de 1415, proseguindo seu filho o infante D. Henrique em seus projetos dos descobrimentos e emprezas maritimas, a que já em 1412 tinha dado principio em idade de 18 annos, mandou dobrar o cabo Bojador para o sul, insistindo n'este empenho obra de 12 annos, até efectivamente ser franqueado por Gil Eannes, natural de Lagos, pelos annos de 1429 ou 30, e continuou emquanto viveu, que foi até 1460, em que morreu a 13 de Novembro. (1)

§ 2. Não cessárão os descobrimentos no reinado d'elrei D. Afonso 5º, suposto que não com tanta eficacia; porém D. João 2º do nome, 13º rei, concebendo a extensão e grandeza das idéias do illustre infante seu tio, no mesmo anno, em que subio ao trono por falecimento de seu augusto pai em 1481, progrediu ; e em 1486 mandou ao descobrimento do grande cabo, que termina a Africa ao sul, uma expedição confiada a Bartolomeu Dias, que sahindo do Tejo no fim de Agosto d'este anno de 86, o

(*) Veja-se na Revista Trimensal de 1869: Breve discussão cronologiga acerca da descoberta do Brazil por Henrique de Beaurepaire Rohan.

N. da R.

dobrou sem o vêr, e chegou ao rio, a que se deu o nome de Rio do Infante; mas no retrocesso o avistou, e denominou das Tormentas entrando em Portugal em Dezembro de 1487, havendo 16 mezes e 17 dias que tinha sahido, el-rei o chamou da Bôa Esperança, nome que conserva. (2)

§ 3. Não estava porém destinado para este magnanimo principe o descobrimento da India, alvo de tantas, tão assiduas, e tão prolongadas fadigas. Coube essa ventura a seu primo co-irmão e sucessor el-rei D. Manoel; o qual despedindo para esse fim a Vasco da Gama, sahiu este do Tejo em 8 de Julho de 1497, e dobrado o cabo e vencidos os mais obstaculos, surgiu á vista de Calecut, (destino da sua navegacão), em 20 de Maio de 1498; e d'aqui partiu de volta para o reino em 29 de Agosto d'este mesmo anno, e entrou no Tejo a 29 de Julho (ou Agosto) de 1499, tendo antes chegado Nicoláo Coelho em 10 do mesmo mez de Julho e anno. (3)

§ 4. No anno seguinte determinou el-rei (D. Manoel) mandar em segunda expedição uma armada á India, que, compondo-se de 13 vélas, a entregou a Pedralvares Cabral, fidalgo de sua caza, filho de Fernando Cabral, senhor de Azurara, governador da provincia da Beira, e alcaide-mór de Belmonte, nomeando-o capitão-mór d'ella, o qual, tendo recebido no dia 8 de Março (de 1500) da mão do mesmo rei o estandarte ou bandeira da cruz e ordem de Christo, depois de benzida, em Rastelo, na ermida de Nossa Senhora de Belem fundada pelo infante D. Henrique, onde hoje existe o mosteiro de S. Jeronimo levantado pelo sobredito rei, dezancorou e seguio viagem em 9. (4).

§ 5. Navegando felizmente até ás ilhas de Cabo-verde, ahi dando por falta de um dos vazos da armada, andou pairando por espaço de 2 dias, e fazendo diligencia por descobril-o, mas inutilmente: e para evitar as calmarias de Guiné, vio-se forçado a empegar-se, seguindo o rumo de oeste (5); e aparecendo no dia 21 de Abril, terça-feira do oitavario da pascoa, sinaes de proximidade de terra, foi esta com efeito avistada em 22 do mesmo mez, quarta-feira do mesmo oitavario a horas de vespera:

surgio a 6 leguas de distancia d'ella, dando a um alto monte que se divisava o nome de — Monte Pascoal; depois de fazer observar a costa e praias, ancorou aos 25 na paragem, a que deu o nome de Porto Seguro, por lhe dar acolheita e favoravel abrigo de escapar ás tormentas e perigos ameaçadores do maior naufragio. (6)

§ 6. Aqui no domingo de pascoela, 26 de Abril, fez dizer missa com prégação, e no 1º de Maio xantou uma cruz com as armas e diviza d'el-rei, ficando á região o nome de — Vera-cruz, que depois passou ao de—Santa-cruz, e ultimamente ao de Brazil, que subsiste (7); e seguio.

§ 7. Dada esta sucinta noção historica, e cronologica dos descobrimentos pelos Portuguezes até ao da terra do Brazil, e pondo eu como certo ter sido este no dia 22 de Abril de 1500, cumpre, que, mostrando a variedade de opiniões de tantos e tão abalizados autores, que sobre este objeto escrevêrão, dos quaes me afasto, exponha os fundamentos da exactidão da minha, patenteando assim o erro das suas. (8)

§ 8. Jeronimo Ozorio, bispo de Silves (9), Damião de Goes (10), Sebastião da Rocha Pita (11), Fr. Rafael de Jezus (12), Fr. Gaspar da Madre de Deos (13), Afonso de Beauchamp (14), Pedro de Mariz (15), Luiz Coelho de Barbuda (16), o autor do artigo — Cabral na Biografia Universal (17), o autor da Historia dos descobrimentos e conquistas dos Portuguezes no Novo-mundo (18), e tambem Damião Antonio de Lemos no 6º tom. da Politica moral e civil á pag. 415, edição de 1754, e Francisco de Brito Freire, Nova Luzit. liv. 1 § 18, dizem, que foi no dia 24 de Abril.

§ 9. Fernão Lopes de Castanheda (19), assim como João de Barros (20) dão tambem o mesmo dia 24, mas acrecentão a circunstancia, aquelle de ser a derradeira oitava, e este a segunda oitava da pascoa: o piloto portuguez, que escreveu a navegação de Pedro Alvares Cabral, tambem concorda no dia, e declara, que era uma quarta-feira do oitavario da pascoa. (21)

§ 10. O autor da Noticia do Brazil (22), e D. Antonio Caetano de Souza (23), dizem, que no dia 25 de Abril; Fr.

Bernardo de Brito, que em 27 de Abril; e Damião Antonio de Lemos de Faria Castro, que em 8 de Maio. (24) (25)

§ 11. Antonio Galvão (26), o Padre Antonio de Vasconcelos (27), Bernardo Pereira de Berredo (28), Baltazar Telles (29), Manoel de Faria Souza (30), e Fr. Antonio de São-Romão (31) não dezignão dia.

§ 12. Manoel Aires do Cazal (32), Jozé de Souza Azevedo Pizarro (33), Ferdinand Denis (34), e D. Fr. Francisco de São-Luiz (35) assinão e marcão o dia 22 de Abril. Abreu Lima é da mesma opinião: e tambem Ximeier Bellegarde, e Salvador d'Albuquerque com os autores da obra intitulada os Portuguezes em Africa, Azia, America e Oceania, Lisbôa, 1848, tom. 2°, pag. 97.

§ 13. Os autores do § 12 precedente são os que fixão com exactidão o dia do descobrimento do Brazil: o famigerado Aires do Cazal, a quem o illustrado Ferdinand Denis segue, e o erudito Azevedo Pizarro estribão-se na autoridade de Pero Vaz de Caminha, e o bem conhecido D. Fr. Francisco de São-Luiz não só n'esta, mas tambem na do piloto pertuguez, que escreveo a navegação de Pedro Alvares Cabral; e eu sou da mesma opinião d'estes insignes escritores, por ser a verdadeira, como passo a mostrar.

§ 14. Pedro Vaz de Caminha ia por escrivão da armada, e o que escreveo a navegação de Pedro Alvares Cabral era piloto da mesma armada; ambos portanto testimunhas prezenciaes e de vista, e por isso merecedores de toda a fé; mormente atendendo-se á singeleza e minuciozidade de sua narração (maxime do primeiro), e ao que a tal respeito pondera Ferdinand Denis no seu—*Brésil,* na not. á pag. 2.

§ 15. Verdade é, que parece não serem concordes, quando o primeiro dezigna o dia 22, e o segundo o dia 24 de Abril como o do descobrimento: porém note-se, que ambos asseverão ser quarta-feira do oitavario da pascoa. Examinada a Arte de verificar as datas, Paris 1770, á pag. 30., ahi se vê no calculo feito, que a pascoa no anno de 1500 cahio em 19 de Abril, e portanto o dia 22 foi quarta-feira, errando assim o piloto no algarismo, concordando todavia com Pero Vaz de Caminha no dia. Veja-se adiante o cap. final.

§ 16. Á vista do exposto no § antecedente é manifesto o erro de Fernão de Castanheda, de João de Barros e do padre Simão de Vasconcelos (36), no qual cahirão talvez, ou por não terem noticia dos citados documentos, proximamente dados á luz, ou e sobretudo por não terem feito o calculo retrogrado do tempo; porque, si o fizessem, conhecerião, que a derradeira oitava, como diz o primeiro, e a segunda outava como diz o segundo, a quem segue o terceiro, não podia ser o dia 24, mas seria, como foi, o dia 21 de Abril.

§ 17. Similhantemente errárão os autores indicados no § 10, si bem que se possa dizer, que o autor da Noticia do Brazil, e D. Antonio Caetano de Souza contão dia do descobrimento o em que a armada fundeou em Porto-seguro; porém não é este o ponto da questão, e por isso insisto na afirmativa de seu erro, assim como dos outros dois escritores no mesmo § contemplados, por não haver declaração do fundamento de suas opiniões, assim como a não ha das dos autores do § 8.

§ 18. Tendo mostrado com exactidão o dia certo do descobrimento do Brazil, e o erro dos autores, que marcão outro, darei aqui por curiozidade uma sinopse cronologica da carta de Pero Vaz de Caminha (37), combinada com a expozição do piloto portuguez sobre o mesmo objeto na navegação de Pedro Alvares Cabral, por serem as duas testimunhas, que fizerão conhecer o erro de tão celebres e acreditados escritores.

CAPITULO II

Sinopse cronologica da carta que Pero Vaz de Caminha escreveo a el-rei D. Manoel em 1500

§ 1. Pero Vaz de Caminha dá a partida da frota (*) de Belem em 1500 na segunda-feira 9 de Março, e diz, que sabado 14 do mesmo mez entre as 8 e 9 horas se achavão entre as Canarias, mais perto da Gran-Canaria, e ahi andarão todo aquelle dia em calma á vista d'ellas obra de 3 ou 4 legoas.

§ 2. Domingo 22 do dito mez ás 10 horas pouco mais ou menos, houverão vista das ilhas de Cabo-verde, e á noite seguinte a segunda-feira lhes amanheceu (38) se perdeo da frota Vasco de Atahide com a sua náo, sem ahi haver tempo forte, nem contrario para poder ser.

§ 3. Feitas pelo capitão suas diligencias para o achar, e não aparecendo mais, seguirão por este mar de longo até terça-feira d'outavas de pascoa, que fôrão 21 dias de Abril, que topárão alguns sinaes de terra. (**)

§ 4. E na quarta-feira seguinte (39) a horas de vespera ouverão vista de terra; primeiramente de um grande monte muito alto e redondo, a que poz nome— Monte Pascoal, e de outras serras mais baixas ao sul d'elle, e de terra xan com grandes arvoredos, á qual pôz o de

(*) Era composta de 10 caravelas e 3 navios redondos: capitão-mór Pedro Alvares Cabral; e outros capitães erão—Sancho de Toar, Nicoláu Coelho, Simão de Miranda de Azevedo, Aires Gomes da Silva, Vasco de Atahide, Simão de Pina, Nuno Leitão, Pedro de Atahide, Luiz Pirez, Gaspar de Lemos, Bartolomeu Dias, Diogo Dias, seu irmão. A este ultimo dão o nome de Pero ou Pedro Dias, Damião de Goes na *Cron. d'el-rei D. Manoel* á pag. 67, João de Barros na *dec.* 1ª á fl. 87, Faria Castro na *Hist. ger. de Port.* tom. 9 á pag. 107, Faria Souza na *Azia Port.* tom. 1 á pag. 44 e tom. 3 á pag. 531; porem Fernão L. de Castanheda no tom. 1 á pag. 96 lhe dá o mesmo nome que Aires do Cazal na *Corogr. Braz.* tom. 1 á pag. 9 e 10, que é comprovado pela carta de Pero Vaz de Caminha.

(**) Houverão duas ancoragens: uma a 6 legoas de terra, depois que a avistirão, e outra, no dia seguinte, meia legoa da boca de um rio (§ 5 do cap. 1); e por isso pelo conteuto da expozição do piloto parece confundir este a 1ª com a 2ª por dizer— na boca de um rio,— mas pelo que se segue convence-se, que ha concordancia. *V.* nota.

terra da Vera-cruz, e ao sol posto obra de 6 legoas de terra surgirão ancoras.

§ 5. Ali jouverão (40) toda aquella noite (41), e na quinta-feira (42) pela manhan fizerão véla, e seguirão direitos á terra, até meia legua d'ella, onde lançárão ancoras em direito da boca de um rio, e chegarião a esta ancoragem ás 10 horas pouco mais, ou menos; vierão logo todos os capitães das náos á do capitão-mór, e o capitão mandou no batel em terra Nicoláo Coelho para ver aquelle rio.

§ 6. A noite seguinte (43) ventou tanto sueste com xuvaceiros, que fez cassar as náos, e especialmente a capitanea.

§ 7. Na sexta-feira (44) pela manhan ás 8 horas pouco mais ou menos, mandou o capitão levantar ancoras, e fazer vélas, e fôrão de longo da costa, para vêr se achavão alguma abrigada, e bom pouzo, onde jouvessem (45) para tomar agua e lenha; e indo assim, mandou o capitão aos navios pequenos, que fôssem mais chegados á terra e que si achassem pouzo seguro para as náos, que amainassem, e sendo pela costa obra de 10 legoas, d'onde se levantárão, achárão um recife com um porto dentro muito bom e muito seguro com uma mui larga entrada, e metterão-se dentro, e amainárão, e as náos arribárão sobr'eles, e um pouco ante sol posto amainárão obra de uma legoa do recife, e ancorárão-se.

§ 8. Foi logo o piloto Afonso Lopes por mandado do capitão sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dous homens da terra mancebos e de bons corpos, trazendo um d'elles um arco e 6 ou 7 setas, andando na praia muitos com seus arcos e setas; e os trouve logo já de noite ao capitão e dormirão a bordo.

§ 9. Sabado (46) pela manhan por mandado do capitão se fizerão á vela, e fôrão demandar a entrada, que era mui larga e alta, e entrárão todas as náos dentro, e ancorarão-se; e tanto que as náos fôrão pouzadas, e ancoradas, vierão os capitães todos á do capitão-mór, e este mandou Nicoláu Coelho e Bartolomeu Dias, que fôssem em terra e levassem aquelles homens, e os leixassem (47) ir com seu arco e setas; e mandou com elles para ficar lá

um mancebo degradado, de nome Afonso Ribeiro, criado de D. João Tello, para andar com elles, e saber de seu viver, e maneira; e assim com Nicoláo Coelho.

§ 10. Fomos de frexa (48) direitos á praia, onde acudirão logo obra de 200 homens nús, e com arcos e setas nas mãos: afastando-se e pondo os arcos em consequencia dos acenos, que lhe fizerão aquelles que nós levavamos; estes sahirão e com elles o mancebo degradado, porém corrêrão e não pararão mais; e passando um rio, só pararão entre umas moutas de palmas, onde estavão outros, e o degradado foi com um homem, que logo ao sahir do batel o agazalhou, e levou-o até (49) lá; e logo o tornárão a nós, e com elle vierão os outros que nós levamos e não quizerão, que o degradado ficasse lá com elles.

§ 11. A tarde (50) sahio o capitão em seu batel com todos nós outros, e com os outros capitães das náos em seos bateis a folgar pela bahia acaram (51) da praia mas ninguem sahio em terra; sómente sahio elle com todos em um ilhéo grande, que na bahia está, onde folgou elle, e todos nós outros bem uma hora e meia, e volvemos-nos ás náos já bem de noite.

§ 12. Ao domingo de pascoela (52) pela manhan determinou o capitão de ir ouvir missa e pregação n'aquelle ilhéo, onde mandou armar um esperavel (53), e dentro d'elle levantar altar, e fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre Fr. Henrique em voz entoada, e oficiada pelos outros padres e sacerdotes, que ali todos erão.

§ 13. Ali era com o capitão a bandeira de Christo, com que sahio de Belem, a qual esteve sempre alta á parte do Evangelho; e acabada a missa, desvestio-se o padre e pozse (54) em uma cadeira alta, e pregou uma solene e proveitoza pregação da historia do Evangelho.

§ 14. Acabada a pregação, moveo o capitão e todos para os bateis com nossa bandeira alta, e embarcamos, e fomos assim todos contra terra para passarmos ao longo, por onde estavão os da terra, os quaes emquanto durou aquelle acto fizerão folias e dansas a seu modo.

§ 15. Tanto que comemos, vierão logo todos os capitães á náo por mandado do capitão, com os quaes se apartou, e eu na companhia, e se assentou em mandar a

el-rei a nova do achamento d'esta terra pelo navio dos mantimentos (55), e em leixar (56) aqui dois degradados, quando d'aqui partissemos. E acabado isto, disse o capitão, que fossemos nos bateis em terra, e ver si ia bem o rio quejando (57) era, e tambem para folgarmos fomos todos nos bateis em terra armados, e a bandeira comnosco.

§ 16. Mandou o capitão áquelle degradado Afonso Ribeiro, que se fôsse outra vez com elles; o qual se foi, andou lá um bom pedaço; e á tarde (58) tornou-se, que o fizerão elles vir, e não o quizeram lá consentir; e nós tornamos ás náos já quazi noite a dormir.

§ 17. Na segunda-feira (59) depois de comer sahimos todos em terra a tomar agua, ahi vierão muitos, e 20 ou 30 dos nossos se fôrão com elles, onde outros muitos d'elles estavão com moças e mulheres; e o capitão mandou áquelle degradado Afonso Ribeiro, e outros dois degradados, que fôssem a andar lá entre elles, e assim a Diogo Dias (60) por ser homem ledo, com que elles folgavão; e aos degradados mandou, que ficassem lá esta noite; fôrão-se lá todos e andárão entre elles, e bem uma legoa e meia a uma povoação (61); e como foi tarde, fizeram-nos logo todos tornar, e não quizerão, que lá ficasse nenhum (62), e querião-se vir com elles, e vierão-se; e nós tornamos-nos as náos.

§ 18. Á terça-feira (63), depois do comer, fômos em terra dar guarda de lenha, e lavar roupa; estavão na praia, quando chegamos, obra de 60 ou 70, e depois acudirão muitos, que serião bem 200, e nos ajudavam á acarretar lenha, e meter nos bateis, e luitavão com os nossos, e e tomavão muito prazer. Emquanto nós faziamos a lenha, fazião dois carpinteiros uma grande cruz de um pau, que se ontem para isso cortou, e muitos d'elles vinhão ali estar com os carpinteiros.

§ 19. O capitão mandou a dois degradados, e a Diogo Dias, que fôssem lá á aldeia, e a outras, si ouvessem d'ellas novas, e que em boa maneira não se viessem a dormir ás náos, ainda que os elles mandassem, e assim se fôrão; e ácerca (64) da noite nos volvemos para as náos com nossa lenha.

§ 20. Á quarta-feira (65) não fomos em terra, mas

acudirão á praia muitos, que serião, obra de 300 segundo disse Sancho de Toar, que lá foi, Diogo Dias e Afonso Ribeiro o degradado a que o capitão hontem mandou que em toda maneira lá dormissem, volverão-se já de noite, por elles não quererem, que lá dormissem, e quando se Sancho de Toar recolheo á náo, trouxe voluntariamente dous mancebos; e a bordo dormirão e folgárão aquella noite.

§ 21. Á quinta-feira (66), derradeiro de Abril, comemos logo quazi pela manhan, e fomos em terra para mais lenha e agua, e em querendo o capitão sahir da náo, chegou Sancho de Toar com seus dois ospedes, e por não ter ainda comido, elle e os ospedos comêrão. Acabado o comer, metemos-nos todos no batel, e elles comnosco. Andarião na praia, quando sahimos, 8 ou 10 d'elles, e dahi (67) a pouco começárão de vir, e n'este dia vierão á praia 400 ou 450; acarretavão d'essa lenha quanto podião com mui boas vontades, e levavão-na aos bateis.

§ 22. Quando sahimos do batel, por insinuação do capitão, fômos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore junto com o rio, para se pôr (68) de manhan, que é sexta-feira, e nos puzemos todos em giolhos (69) e a beijamos; e elles fôrão tambem logo todos beijal-a. Emquanto ali este dia andárão sempre ao son de um tambori nosso, dançárão, e bailárão com os nossos.

§ 23. E hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de Maio, pela manhan sahimos em terra com nossa bandeira; e acenando o capitão, onde fizessem a cova para xantar (70) a cruz, emquanto a ficarão fazendo, elle com todos nós outros fômos para ella, trouxemol-a (71) com os religiozos e sacerdotes diante, cantando maneira de procissão; erão já ahi (72) 70 ou 80 d'elles, e alguns se fôrão meter debaixo della ajudar-nos; fomol-a por onde devia de ser.

§ 24. Xantada a cruz com as armas e diviza d'le-rei, que lhe primeiro pregárão, armou-se altar ao pé d'ella, disse missa o padre Fr. Henrique, a qual foi cantada e oficiada; e acabada, pregou do Evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é. Á uma hora depois do meio dia, tendo nós ido perante elles beijar a cruz, espedimos-nos (73) e viemos comer.

§ 25. Na noite d'este dia fugirão de bordo dois grumetes, que com os dois degradados ficárão em terra, porque de manhan fazemos d'aqui nossa partida. (74).

CAPITULO III

Combinação e cotejo da expozição do piloto portuguez na navegação de Pedro Alvares Cabral com a carta de Pero Vaz Caminha.

§ 1. Concorda o piloto no anno, mez, dia e logar da partida da frota; assim como no dia da chegada s Canarias, sem todavia declarar as horas; e igualmente no dia em que vizitárão as ilhas de Cabo-verde, suposto tambem não diga as horas; e no dia em que se esgarrou um dos vazos da mesma frota, ainda que não refere, si de dia ou de noite, nem o nome do capitão (75) d'elle, e nem si foi por efeito de temporal.

§ 2. E sem tocar nas particularidades anteriores relatadas por Pero Vaz de Caminha, discorda d'ellle emquanto ao dia em que foi avistada terra (76), e tambem não menciona as outras particularidades expostas pelo mesmo Pero Vaz de Caminha.

§ 3. Combina porém com elle emquanto a ancorarem na boca de um rio, si bem que, pelo que diz o piloto, parece ter sido no mesmo dia, em que foi avistada a terra, quando pelo que diz Pero Vaz de Caminha esta ancoragem foi no seguinte.

§ 4. Concorda ter havido temporal, que os fez escorrer na manhan seguinte (77), para vêr si achavão algum porto, onde se pudessem abrigar, e surgir; o qual com efeito achárão, e ancorárão, mas não lhe dá o nome. (78)

§ 5. Concorda similhantemente em terem sido apanhados dous homens da terra, que forão trazidos ao capitão-mór e terem dormido a bordo, e sido postos em terra no dia seguinte, sem particularizar, como Pedro Vaz de Caminha. (79)

§ 6. Concorda tambem em ter sido a missa e pregação (80) no dia 26 de Abril, e declara que era o oitavario da pascoa, que pela sua declaração de ter sido o avistamento da terra quarta-feira do mesmo oitavario seria aquelle dia 26 de Abril sexta-feira, mas, como já mostrei (81), o dia 26 de Abril foi domingo de pascoela.

§ 7. Concorda igualmente nas mais particularidades do que se passou n'esse dia, e no seguinte (82), ainda que não tão minuciozamente, como Pedro Vaz de Caminha.

§ 8. Concorda finalmente em ter-se assentado o despaxo do navio dos mantimentos para levar a el-rei a nova d'este descobrimento, assim como em ter o capitão mandado fazer uma cruz de madeira, e têl-a plantado na praia, deixando ahi mesmo dois degradados (83), e isto no 1.º de Maio de 1500; porque, diz elle, no outro dia, que era 2 de Maio, fizemos-nos á véla, para ir demandar o cabo da Bôa-Esperança. (84)

CAPITULO IV

Concluzão

Da sinopse cronologica da carta de Pero Vaz de Caminha, e combinação e cotejo da expozição do piloto evidencia-se, que na substancia, e no essencial estão conformes; que aquella é um verdadeiro diario, e esta uma simples narração do acontecido; que a cronologia, que aquelle seguio é exacta, e a que este seguio foi errada, e que tendo errado o primeiro algarismo ou contagem dos dias do mez, os que se lhe seguirão não podião ser certos, nacendo d'ahi alguma confuzão e obscuridade na sua narração, e parecendo com isso divergir de Pero Vaz de Caminha, mas bem cotejado e combinado dá o mesmo rezultado, que se deduz do autor da carta.

Evidencia-se mais, que a observação cronologica do cap. 1 § 1 parece bem fundada, pelo que se alegou no mesmo

cap. § 13 comprovado com o testimunho d'estas duas testimunhas oculares, entre si concordes no essencial, e mesmo no dia, por declarar o piloto ser quarta-feira do oitavario de pascoa, errando no algarismo, como já mostrei no dito cap. § 15.

Evidencia-se finalmente, que não podendo hoje duvidar-se mais da certeza do dia do descobrimento do Brazil, o erro dos escritores, que lhe assinárão diferente, procedeo por ventura da falta de noticia dos documentos, que com seus ditos oferecem estas duas testimunhas, ou tambem e sobretudo de não terem feito o calculo retrogrado do tempo, como anteriormente disse.

Rio 19 de Fevereiro de 1849.

AGOSTINHO MARQUES PERDIGÃO MALHEIRO. (*)

(*) Faleceo sendo ministro do Supremo tribunal de justiça; foi pae do Dr. Perdigão Malheiro, que por seu falecimento legou este ms. bem como varios outros ao Instituto Historico.

N. DA R.

NOTAS

(1) *Reflexões geraes ácerca do infante D. Henrique, e dos descobrimentos, de que elle foi autor no secuto XV*, por D. Fr. Francisco de São-Luiz, Lisboa 1840: *Indice Cronologico das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos Portuguezes nos paizes ultranarinos desde o principio do secúlo XV*, pelo mesmo autor, Lisbôa 1841: *Cronica do descobrimento e conquista de Guiné*, por Gomes Eannes de Azurara, Paris 1841: *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa d'Africa ocidental*, pelo Visconde de Santarem, Paris 1841: *Vida do infante D. Henrique*, por Candido Luzitano (padre Francisco Jozé Freire), Lisboa 1758: *Azia*, por João da Barros, Lisboa 1628, *desde a dec. 1ª, liv. 1. e cap. 2*, o qual autor equivocadamente disse no fim do cap. 16 da mesma dec. e liv., que o infante falecêra em 1463; e para prova de seu engano basta, que se veja a doação feita por el-rei D. Afonso V ao infante D. Fernando em 8 de Dezembro de 1460 no tom. 1 das *Prov. da Hist. geneal. da caza real portugueza*, por D. Antonio Caetano de Souza á pag. 563.

(2) Cit. *Azia*, desde o cap. 1 liv. 2 dec. 1ª, e desde o cap. 4 liv. 3 da mesma dec., e cit. *Indice Cronologico*, e outros.

(3) 1.º cit. *Ind. Cron.*— 2.º *Hist. geneal da caza real portug.*, por D. Antonio Caetano de Souza, Lisboa 1812—3º cit. *Azia de* João de Barros 4º *Cron. d'el-rei D. Manoel*, por Damião de Góes, Lisboa 1749—5º Jeronimo Ozorio, bispo de Silves, *De rebus Emman. reg. Lusitaniæ., Olysipponæ 1571.*—6º *Emprezas milit. de Lusit.*, por Luiz Coelho de Barbuda, Lisboa 1624.—7º *Biograf. Univ.* art. *Gama*. Paris 1816.—8º *Hist, do descobr. e conq. da India pelos Portuguezes*, por Fernão Lopes de Castanheda, Lisboa 1833.—9º *Hist. geral de Port. e suas conq.*, por Damião Antonio de Lemos de Faria Castro, Lisboa 1788.—10º *Azia Portug.*, por Manoel de Faria Souza, Lisboa 1666.—11º *Dialog. de varia hist.*, por Pedro de Mariz, Lisboa 1749.—12º *Hist. de la Ind. Orient.*, por Fr. Antonio de San-Roman, Valladolid 1603.—13º. *Descobrimentos ant. e modern.*, por Antonio Galvão, Lisboa 1731.

Os autores de n. 1, 2º tom. 3 á pag. 167; 3 dec. 1ª á pag. 63; 4º prim. parte á pag. 36; 5º lib. 1 á pag. 25, 6º á pag. 111 v.; 7º 8º tom. 1 pag. 7; 9º tom. 9 á pag. 39; 10. tom. 1. á pag. 28; dão a sahida de Vasco da Gama para a India em 8 de Julho de 1497; porém o 12º á pag. 40 a dá em 9, e o 13º á pag. 34 em 28 do dito mez e anno.

Os de n. 1º; 3º dec. 1ª á pag. 74 v.; 7º 8º tom. 1 á pag. 41 e 10 tom. 1 á pag. 35 declarão, que surgio á vista de Calecut em 20 de Maio de 1498. O 2º só diz, que gastou 11 mezes; o 4º á pag. 45, que a 19; o 5º á pag. 42, que a 22; 6º á pág. 18 v., q a 18; o 9º tom. 9º á pag. 70, que a 17 de Maio ou 13 de Junho foi avistada uma terra alta, mas 2 dias depois na manhan de um domingo aparecêrão os altos montes de Calecut, com 11 mezes dos mais penozos trabalhos surgio; o 11º á pag. 364, que a 16 de Maio; o 12º á pag. 46, e o 13º á pag. 34, que n'este mez, mas sem declararem o dia.

Os de n. 3º dec. 1ª á pag. 81; 11º á pag. 364 dão a partida de volta para o reino em 29 de Agosto de 1498; o 4º á pag. 53 dá o mesmo mez, mas não dezigna o dia; o 8º, tom. 1 exp. 80, dá a entender, que foi em Setembro; e o 13º á pag. 34, que no 1º d'este mez.

Os de n. 1º, 2º, 5º, 6º, 7º, 9º, 10º e 12º nada dizem.

Os de n. 1º e 4º á pag. 56; 6º á pag. 115 v.; 8º á pag. 91; 9º á pag. 102; 1º á pag. 372 dizem, que Nicoláo Coelho chegou á Lisboa á 10 de Julho de 1499. O 2º, 3º, 5º, 7º, 10º e 12º dão a Nicoláo Coelho como entrado primeiro que Vasco da Gama, mas não dizem o mez e dia; o 13º nada diz.

Os de n. 3º á pag. 83 v.; 4º á pag. 56; 6º á pag. 115 v.; 9º á pag. 102; põem a entrada de Vasco Gama no Tejo a 29 de Agosto de 1499; o de n. 1º em 29 de Julho ou Agosto d'este anno. Os de n. 2º a 10 de Julho; 7º e 8º á pag. 94 e 13º á pag. 34 dizem, que no mez de Setembro, mas não o dia; o 11º á pag. 372, e o 14º á pag. 54, que a 20 de Agosto, o 5º e 10º nem o mez e nem o dia.

(4) Cit. *Ind. Cron.*—*Hist. geneal.* á pag. 168. *Azia de* João de Barros á pag. 87 v.— *Cron. d'el-rei D. Manoel* á pag. 67 v.—*Jeronimo Ozorio* á pag. 57—*Emprez. milit.* á pag. 116.—*Biogr. Univ.* t. 6. art. *Cabral*, si bem que não diz o dia do recebimento da bandeira, e nem o da sahida, concorda em tudo o mais.—*Hist.* de Fernão Lopes de Castanheda, t. 1 á pag. 95 v.—*Hist. ger. de Port.*, t. 9 a pag. 107, suposto convenha nas circunstancias, e dê o embarque em 8 de Março não declara o dia da partida.—*Azia de* Faria Souza, t. 1 á pag. 44 e seg., combina em tudo, mas não diz o dia da sahida.—*Dialog. de Var. hist.*, t. 1 á pag. 375 e 376.—*Hist, da Ind. or.* á pag. 56.—*Descobr. ant. e modern.*; seu autor sómente diz, que Pedro Alvares Cabral partio na entrada de Março.—*Cron. da Comp. de Jezus do estado do Brazil*, pelo padre Simão de Vasconcelos, Lisboa 1663, á pag. 7, diz sómente, que Pedro Alvares Cabral partio com uma frota de 13 náos em Março.—*America Portugueza*, por Sebastião da Rocha Pita, Lisboa 1730, á pag. 6.—*Memorias historicas do Rio de Janeiro*, por Jozé de Souza Azevedo Pizarro, Rio de Janeiro 1820, t. 1 á pag. 4.—*Corografia Brazilica*, por Manoel Aires do Cazal. Rio de Janeiro 1833, t. 1 á pags. 9 e 11.—*Coleção de noticias para a hist e geograf. das nações ultramarinas*. Lisboa 1826, t. 4 n. 3 á pag. 179; e t. 2 n. 3 á pag. 107.

(5) Cit. *Ind.*—*Azia* de João de Barros, á pag. 87 v.— *Cron. d'el-rei D. Manoel* á pag. 68.—*Jeronimo Ozorio* á pag. 64.—*Emprez. milit.* á pag. 116.—*Biograf. Univ.* no cit. t. 6 e art.—*Hist.* de Fernão L. de Castanheda no cit. . á pag. 97.—*Hist. ger. de Port.* no cit. t. á pag. 120 e seg.—*Dialog. de Var. hist.* á pag. 376.—*Hist. da Ind. or.* á pag. 56.—*Descobrimentos antigos e modernos.*—*Cron. da C. de J.* á pag. 7.—*Amer. Port.* á pag. 6.—*Mem. hist. do Rio de Janeiro* á pag. 4.—*Corog. Braz.* á pag. 11, 12 e 13.—*Colec. de notas* t. 2 n. 3 á pag. 108 e t. 4 n. 3, á pag 179. Quazi todos os escritores assinão como uma das cauzas de Pedro Alvares Cabral se empegar, e para oeste, uma tempestade que fez esgarrar um dos vazos da armada, que arribou a Lisboa; entretanto o piloto portuguez da armada, que escreveo a navegação de Pedro Alvares Cabral, e se vê no cit. t. 2 da *Colec.*, assim como Pedro Vaz de Caminha, escrivão da mesma armada, que escreveo á el-rei a carta, que se vê no t. 3 da dita *Colec.*, não falão em temporal, antes este diz expressamente «sem ahi haver tempo forte nem contrario para poder ser».—*Hist. dos descobr. e conq. dos Port. no novo mundo*, Lisboa 1786, tom. 1 á pag. 137.

(6) Sobre as diferentes circunstancias, a que é posta esta nota, vejão-se as citadas obras, e como são varios seus autores em suas opiniões emquanto á cronologia, sendo aliás concordes emquanto ao

nome de Porto-seguro, que foi dado á paragem, em que a armada ancorou, e cauza d'ella ir ahi ter; sendo certo que ácerca do nome —Pascoal, posto ao monte que divizou, sómente falão n'isso Aires do Cazal, Ferdinand Denis, « Brésil, Pariz 1837, D. Fr. Francisco de São-Luiz, no cit. Indice, fundados na carta de Pero Vaz de Caminha, escrita a el-rei D. Manoel de Porto seguro em 1 de Maio de 1500.

(7) Cit. *Ind. Cron.*—*Azia* de João de Barros á pag. 88v.—*Cron, d'el-D. Manoel*, á pag. 68 e 69.—*Jeron. Ozor.* pag. 65.—*Emprez. milit.* pag. 149. —*Hist. rei ger. de Port.* pag. 123 e 125.—*Hist. do descobr. e conq. da Ind. pelos Port.* á pag. 97 e 98.—*Azia* de Far. Seuz. á pag. 45.—*Hist. da Ind. or.* á pag. 57.—*Cron. da companhia de Jezus do est. do Braz.* á pag. 9 —*Amer. Port.* 6.—*Ferdin. Denis—Hist. dos desc. e conq. dos Portug. no novo mundo* á pag. 137.—*Mem. hist. do R. de Jan.* á pag. 5.— *Corog. Braz.* á pag. 17 e 27.—*Colec. de not.* t. 2. n. 3 á pag. 109 e 110, t. 4, n. 3° á pag. 180 e 180 p.—Notas ao *Diario* de Pero Lopes de Souza, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen, Lisboa 1839, á pag. 167.

(8) Todos os escritores, á excepção de Abraham du Bois, que afirma ter sido em 1501 *Mem. hist. do Rio de Jan.* cit. á pag 102, ao qual seguirão os autores da *Hist. de Port.* traduzida por Antonio de Moraes Silva, são concordes emquanto ao anno do descobrimento, são porém discordes emquanto ao dia.

(9) A' pag. 64.

(10) A' pag. 68.

(11) A' pag. 6.

(12) Castrioto Luzitano, Lisboa 1679, á pag. 6.

(13) *Mem. para a Hist. da capitania de São-Vicente,* Lisboa 1797, á pag. 4.

(14) *Hist. do Braz.* traduzida por Pedro Jozé de Figueiredo, Lisboa 1822, tom. 1 á pag. 42.

(15) Á pag. 375.

(16) Á pag. 116.

(17) Á pag. 472 do t. 6.

(18) A pag. 137.

(19) Á pag. 95.

(20) Á pag. 87 v.

(21) Á pag. 108. t. 2.

(22) Á pag. 5. do tom. 3 n. 1 da cit. *Colec. de not.* e vejão-se a respeito d'este autor as *Reflexões criticas* por Francisco Adolfo de Varnhagen no tom. 5° da mesma colecção.

(23) Á pag. 168.

(24) *Elogios dos reis de Portugal,* Lisboa 1603. ap. 83.

(25) Á pag. 120. O autor cita á pag. 155 do tom. 2 da cit. colec. de not. dá o dia 3 de Maio.

(26) Á pag. 35.

(27) *Anacephalœosis, Antuerpiœ* 1621, á pag. 265.

(28) *Annaes historicos do estado do Maranhão,* Lisboa 1740, á pag. 16.

(29) *Cron. da comp. de Jez. na provincia de Portugal*, Lisboa 1645, á pag. 430.

(30) Tom. 1 cap. 44 e seg.

(31) A' pag. 57.

(32) A' pag. 14.

(33) A' pag. 4.

(34) *Brésil.*

(35) *Ind. Cron.*

(36) *V.* nota (11).

(37) Transcrita em uma nota da *Corogr. Brazil.* á pag. 10; a qual vem mais correcta na Colcc. de not. á pag. 179 do tom. 4, segundo o testimunho de Francisco A. de Varnhagen á pag. 74 do tom. 5 observação A. de suas *Reflex. crit.*, cujo original elle assevera ter visto no R. archivo, onde se conserva. (Gaveta 8 maço 2 n. 8.)
(38) Isto é, na noite de 23 de Março.
(39) Portanto 22 de Abril.
(40) Jazerão, estiverão, conservarão-se.
(41) De 23 de Abril.
(42) 22 de Abril.
(43) Desse dia quinta-feira 23 de Abril.
(44) 24 de Abril,
(45) Estivessem.
(46) 25 de Abril.
(47) Deixassem.
(48) Em direitura, sem torcer ou desviar do caminho.
(49) Até.
(50) Domingo dia 25 de Abril.
(51) Junto.
(52) 26 de Abril.
(53) Pavilhão.
(54) Poz-se.
(55) De que era capitão Gaspar de Lemos.
(56) Deixar.
(57) Que tal.
(58) Do mesmo dia 26 de Abril.
(59) 27 de Abril.
(60) *V.* á fl. 93 a not.
(61) Povoação.
(62) Nenhum.
(63) 28 de Abril.
(64) Porto.
(65) 29 de Abril.
(66) 30 de Abril.
(67) Dahi.
(68) Por.
(69) Joelhos.
(70) Plantas.
(71) Trouxemol-a.
(72) Ahi.
(73) Despedimo-nos.
(74) Data Pero Vaz de Caminha a sua carta de Porto-seguro da ilha de Vera-cruz, porque então se duvidava, si a terra descoberta era continente ou ilha, em sexta-feira 1 de Maio.
(75) Pero Vaz de Caminha diz, que era Vasco de Athaide, mas o anotador do impresso á pag. 108, João de Barros, Damião de Goes, Faria Souza, Fernão L. de Castanheda e Faria Castro, nos logares citados, dizem, que era Luiz Pirez.
(76) *V.* cap. 1 § 15.
(77) *V.* § 5 do cap. 1 e cit. § 7.
(78) Portanto 25 de Abril, segundo o computo do piloto.
(79) 26 de Abril segundo o mesmo computo.
(80) Foi a primeira, de que faz menção Pero Vaz de Caminha.
(81) Cit. § 15 á p. 90 v.
(82) 27 de Abril.
(83) Não fala na missa e pregação havida depois da plantação da cruz, (porque houverão duas), assim como não dá informação da ficada

dos dois grumetes fugidos, e nem das outras miudezas mencionadas por Pero Vaz de Caminha.

(84) Com 11 vélas, porque uma arribou das ilhas de Cabo-verde a Lisboa e outra foi mandada da costa do Brazil com a nova a el-rei do seu descobrimente, sem que obste dizer o piloto no principio da sua expozição que a armada era de 12 náos e navios, porque no cap. 3 á fl. 110 confessa ir em sua conserva um navio carregado de mantimentos, e portanto erão 13 os de que se compunha a frota. A navegação de Pedro Alvares Cabral foi escrita pelo piloto depois de finda a expedição em o derradeiro de Julho de 1501, dia em que aportou e surgio no Tejo.

Fernão Lopes de Castanheda, tom. 1 á pag. 125; Jeronimo Ozorio, á pag. 80; Damião de Goes, á pag. 82; Dr. Antonio de San-Roman, á pag. 67; Faria Castro, tom. 9 á pag. 155 dão o dia da chegada em o ultimo de Julho de 1501; João de Barros, *dec.* 1ª, em vespera de S. João Baptista; os mais nada dizem.

NOTA OU ESCLARECIMENTO A NOTA (*) POSTA AO § 3 DO CAP. 2.

Para tirar qualquer duvida, que póde rezultar d'ella, vou pôr aqui um rezumo do *Diario*, que se colhe, da carta de Pedro Vaz de Caminha, á vista da qual facilmente se conhece a concordancia, ou discrepancia do piloto portuguez. Ei-lo:

Em 21 de Abril toparão sinaes de terra. (*)

Em 22 houverão vista d'ella ás horas de vespera, e surgirão a 6 legoas de distancia d'ella mesma, e ahi estiverão toda a noite.

Em 23 pela manhan levarão ancoras, e seguirão direitos á terra; e a meia legoa d'ella pelas 10 horas pouco mais ou menos ancorarão em direito de um rio.

Na noite d'este dia houve sueste e tormenta.

Em 24 pela manhan ás 8 horas pouco mais ou menos fizerão-se á véla, e um pouco ante sol posto ancorárão obra de uma legoa distante de um recife.

Em 25 pela manhan tornárão a fazer-se á vela, entrárão dentro do porto, e ancororão.

A' tarde sahio o capitão-mór em um ilhéo, que está na bahia, e voltou para as náos já bem de noite.

(*) Cazado Giraldes, no *Compendio de Geografia istorica* á pag. 21, dá este dia como o do descobrimento do Brazil; talvez porque aparecerão estes sinaes de terra.

Na 1ª part., cap. 41 da *Restauração de Portugal prodigioza*, oferecida ao serenissimo principe de Portugal D. Teodozio, pelo Dr. Gregorio de Almeida (padre João de Vasconcelos) se dá o descobrimento aos 14 dias de Abril de 1500. Veja-se.

Em 26 houve missa e pregação n'aquelle ilhéo.
Em 27 sahirão todos em terra a tomar agua.
Em 28 fôrão á terra dar guarda de lenha e lavar roupa.
Em 29 só foi a terra Sancho de Toar.
Em 30 forão á terra por mais lenha e agua.
Em 1 de Maio fôrão á terra, xantárão a cruz; houve missa e pregação.

Portanto as ancoragens fôrão: —1ª, a seis legoas de terra, depois que foi avistada em 22 de Abril;—2ª, á meia legoa d'ella. depois que para lá seguirão na manhan de 23;—3ª, a uma legoa do recife, depois que velejárão pela manhn de 24;—4ª, a em que entrárão dentro do porto na manhan de 25.

Assim fica cessando qualquer duvida, que poderia rezultar do que eu disse na nota ao § 3 do cap.2,si bem que n'ella me limitei ao que era tocante ou relativo á ancoragem á meia legoa na boca de um rio; (hoje rio do Frade.)

A' cerca do motivo que deo logar á denominação de rio do Frade veja-se a *Revista Trimensal do Instituto istorico e geografico brazileiro* no tom. 6 á pag. 415.

BIOGRAFIA

DE

FREI ANTONIO DO LADO DE CHRISTO

O convento de Santo Antonio, como um tumulo antigo, tem encerrado magnificencias; d'esse claustro sahirão os primeiros oradores sagrados do paiz, e os estreitos recintos de suas cellas derão abrigo a muitos religiozos, que se tornárão notaveis no ensino filosofico, nas doutrinas da igreja e no pulpito sagrado.

Rodovalho, Frias, São Carlos, Vellozo, Sampaio, Monte Alverne e Lado de Christo, fôrão filhos d'esse mosteiro, e todos elles tornarão-se distinctos pela sciencia, pelo talento e pela palavra eloquente.

Houve tempo, em que o convento de Santo Antonio pareceu ser a caza da eloquencia sagrada; d'ali tirava el-rei seus prégadores regios, de sorte que em todas as grandes festas da capela real notava-se, que o orador, que subia ao pulpito, era um frade franciscano.

Corrião então para esse recinto sagrado dias de gloria e triunfo, porque n'esssa época era ali o refugio e o depozito da sciencia e da fé; mas hoje vive ermo e abandonado; os poucos religiozos, que o ocupão nada podem fazer; vivem esquecidos no quadrado de suas cellas, lastimando não poderem prestar serviços á patria, á igreja, ás letras e á humanidade.

N'estes ultimos tempos houve um frade, que procurou lembrar a gloria d'este claustro, os nome illustres de seus finados irmãos, e despertar as lembranças, que se perdião sob as abobadas ennegrecidas e abaladas d'essa caza de religião.

Frei Antonio do Coração de Maria, que, como esse guerreiro das Termopilas, foi o unico que não pereceu, e que

pôde ir contar a todos o valor e heroismo de seus companheiros, era a chronica viva d'essa solidão religioza; a todos referia a historia glorioza do mosteiro, e foi elle quem nos forneceu noticias da vida de frei Antonio do Lado de Christo.

Antonio Francisco Martins, filho de Francisco Martins de Barros, portuguez, e de D. Joanna Maria de Oliveira, nascida e baptizada na freguezia de Santa Rita do Rio de Janeiro, nasceu na mesma cidade, e baptizou-se na mesma pia, que tornou sua mãi christan.

Dezejando pertencer á ordem de S. Francisco, foi o joven Antonio Martins acolhido com benevolencia pelo provincial frei Joaquim de Jezus e Maria Brados, e em 13 de Janeiro de 1796 recebeu o habito no convento d'esta cidade, tomando o nome de frei Antonio do Lado de Christo. Corrido o anno do noviciado, durante o qual patenteou as bellas qualidades de sua alma, professou no mesmo convento em 14 de Janeiro de 1798.

Dezejando aplicar-se aos estudos filozoficos, dirigio-se a São Paulo, onde teve por lente frei Francisco da Candelaria, e rapidos fôrão seus progressos nas doutrinas filosoficas, porque sua aplicação e intelligencia tornárão faceis as dificuldades da sciencia. N'essa cidade recebeu das mãos do bispo D. Matheus de Abreu Pereira as ordens sacras em Fevereiro de 1804.

A eloquencia com que explicava do pulpito as doutrinas da igreja e a rectidão de sua vida monastica, grangearão-lhe, em 7 de Abril do mesmo anno, a nomeação de prégador e confessor.

Na congregação celebrada em 11 de Abril do 1807 foi eleito passante para o collegio do convento d'esta côrte.

Conhecido por seus conhecimentos teologicos e filozoficos, e respeitado por seu saber, mereceu um testimunho de consideração e apreço de sua corporação, que o nomeou lente do collegio do convento em 1810.

Senhor das sciencias sagradas, dotado de imaginação e de eloquencia tornou-se frei Antonio do Lado de Christo um dos melhores prégadores de seu tempo. Sua voz cheia e forte, com gesto animado e imponente, e sua dição eloquente e bella entuziasmavão o povo, que o ouvia com

aplauzo, compenetrando-se das verdades enunciadas pelo illustre orador christão. Em muitas de nossas igrejas resoou a voz eloquente e persuasiva d'esse douto franciscano.

Consagrava-lhe particular estima o rei D. João VI, e, para manifestar o apreço, que tributava ao distinto padre, nomeou-o prégador regio por carta de 21 de Nrvembro de 1819.

Frei Antonio do Lado de Christo não só era dotado de nobres sentimentos e de todas as virtudes santas dos padres da igreja, como tambem amava com entuziasmo a terra do seu berço; candido e ingenuo como sacerdote, era exaltado e vehemente como patriota.

Por ocazião do nascimento da princeza D. Maria da Gloria em 1819 prégou uma oração notavel pelo estilo elevado e pelas imagens sublimes; e saudando nas suas palavras persuazivas e nobres ao Brazil pelo grandiozo futuro, que lhe estava destinado, consta, que se aposssou de tanto entuziasmo, de tanto amor patrio, que lhe embargárão a voz as lagrimas, e cortarão-lhe as palavras de soluços.

Quem sabe, si n'esse arroubo de imaginação não pensou elle na emancipação da patria, que teria de realizar-se poucos annos depois; si n'esse momento de exaltação e sentimento não vio ofuscar-lhe a vista a luz da liberdade, que cedo teria de raiar na terra de Santa-cruz?!

É destino dos homens; o pobre frade não logrou vêr a independencia de seu paiz; morreu um anno antes, quando já se ouvião as vozes, já se machinavão os planos e se reunião os votos para fazer do Brazil uma nação.

Retirando-se para o convento do Bom Jezus da Ilha, do qual era então guardião o distinto padre-mestre frei Sampaio, seu collega e particular amigo, adoeceu gravemente.

Consta, que se originára sua molestia por ter comido algumas folhas de cicuta, julgando ser agrião.

Conduzido para o convento d'esta côrte, foi tratado com todo carinho e cuidado, mas a medicina não pôde debelar o mal, e frei Antonio do Lado de Christo sucumbio em 6 de Abril de 1821, depois de hever recebido os sacramentos da igreja.

Seu cadaver foi repouzar em uma das sepulturas da

quadra, em que se enterrão os religiozos, que falecem no mosteiro.

Sentimos dizer, que se extraviárão quazi todos os sermões d'este distinto ministro da igreja.

E já que não puderão passar á posteridade os trabalhos literarios do abalizado filozofo, do bom levita e estimado prégador, procuremos tornar seu nome conhecido, destacal-o, colocando-o ao lado dos bons oradores sagrados, que tem tido o Brazil.

Dr. Moreira de Azevedo.

NARCIZA AMALIA

Noticia biografica escrita pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga

E LIDA NO

INSTITUTO HISTORICO

A PEDIDO DO AUTOR PELO

Dr. JOÃO FRANKLIN DA SILVEIRA TAVORA

EM SESSÃO DE 16 DE JUNHO DE 1882

A suprema trilogia humana, os tres luminozos zenits, que póde atingir a natureza miraculoza da humanidade, em seu perpassar pelo mundo, em sua misterioza e admiravel existencia, tem as trez seguintes egrégias denominações : *virtude, belleza* e *genio.*

Feliz o ente humano, que é concreção de um dos trez referidos zenits d'aquella prodigioza trilogia; mais feliz ainda o que em si encarna aquelles dous cubos das qualidades possiveis do homem, e incomparavel a ventura do que em si mesmo encerra a propria apoteose, consubstanciando a virtude, a belleza fizica, e o genio.

Diz o preclarissimo Ahrens, em sua *Filozofia do direito* :

« O fim do homem é o bem, e o bem do homem consiste no dezenvolvimento integral e harmonico de todas as suas qualidades fizicas, moraes e intelectuaes. »

O supremo bem pois, segundo o eminente professor belga, consistirá na posse simultanea da virtude, do genio e da belleza fizica.

A mitologia grega possuia em Venus belleza fizica e em Minerva a sabedoria ou o genio; a virtude porém não tinha n'ella reprezentante; era apenas uma qualidade tranzitoria e fragmentaria, um *adjectivo* peregrino, deficiente e instavel: jámais um *substantivo*.

A virtude foi, senão uma creação, uma revelação da moral christan, que determinou-lhe os verdadeiros caracteres e seu venerando *modus agendi*.

Si Maria, a Virgem sempre pura, foi nma personificação indefectivel e divina da virtude, a historia da humanidade aprezenta uma já numeroza série de encarnações celebres do genio e da belleza fizica, no sexo feminino, figurado entre as primeiras, Corina, Safo, Anna de Rohan, Dacier, Stäel, Stowe e George Sand, e entre as segundas, Laís, Frinéa, Aspazia, Popéa, Cleopatra, Diana de Poitiers, Ninon de Lenclos e Emma Harte.

Estas ligeiras considerações fôrão-nos sugeridas por uma muito distinta poetiza brazileira, distinta por sua formozura (por que não o diremos?), por suas virtudes, que sofrêrão a contra-prova do infortunio, e por seu notavel talento, a Sra. D. Narciza Amalia.

Apezar de Fluminense e illustre, não figurou Narciza Amalia, como outros, no *Panteon Fluminense*, publicado ultimamente pelo Sr. Lery Santos.

O livro-galeria do Sr. Lery Santos, com todos os merecimentos que possa ter, não passa, é certo, de um ensaio, de um tentamen.

Entretanto, posto não signifique elle o juizo definitivo da posteridade, que só cingirá de louros os verdadeiros benemeritos da humanidade, da patria, das sciencias, das letras, das artes e das industrias (e somos insuspeito, porque nosso obscuro nome lá está), não deixa por isso de ter sido um injusto esquecimento a omissão do nome d'aquella illustre fluminense, honra de seu sexo, por tantos predicados, em um livro destinado especialmente a honrar Fluminenses illustres.

Procurando reparar a geralmente notada falta, emprehendemos escrever um pequeno esboço biografico da talentoza e pixoza autora das *Nebulozas*.

Nossa pouca saude e os numerozos trabalhos, que sobre

nós pezão, não nos permitem porém senão uma narrativa breve e dezataviada; outros mais competentes ou menos onerados de deveres e obrigações suprirão nossas lacunas e completarão a homenagem devida à nossa referida patricia, que, ainda na flôr dos annos, revelou um espirito illuminado pelo estudo e amadurecido pelas longas introversões, e um estilo terso, elegante e firme, que não possuem muitos *barões ou varões assinalados*.

A 3 de Abril de 1852, na cidade de São-João da Barra, nasceu Narciza Amalia; sendo filha legitima do hoje fallecido e illustrado professor publico Joaquim Jacome de Oliveira Campos e de D. Narciza Ignacia de Campos.

Revelando precocemente grande vivacidade de espirito e uma curiozidade nunca saciada de saber tudo, seus pais, com o fim de aproveitar tão felizes dispozições, puzerão-lhe nas mãos a carta do A B C, quando apenas contava quatro annos de idade.

Aos seis annos, já sabendo lêr correntemente, entrou para o collegio de D. Maria da Costa Brito e Azevedo, afim de continuar o apenas encetado estudo da grammatica portugueza e tambem para estar preza a um regimen disciplinar, menos amorozo e indulgente do que o da caza paterna, visto ser excessivamente travessa.

Aos oito annos começou seus estudos de muzica (arte que tem sempre cultivado) retirando-se do collegio aos dez annos, obtendo distinção em todos os seus exames. Por essa ocazião, e em virtude de conselho do falecido conselheiro Dr. Thomaz Gomes dos Santos, então director da instrucção publica na provincia do Rio de Janeiro, pedio e obteve seu pai ser removido para a cidade de Rezende, cujo abençoado clima prometia grandes alivios aos padecimentos do zelozo professor. Esta mudança efectuou-se a 14 de Julho de 1863.

D'esta ultima data até 1866 dedicou-se Narciza Amalia aos estudos das linguas franceza e ingleza, da geografia, da historia, da botanica, da retorica, etc., tendo por unico professor seu pai, e já ajudando sua mãi na direção do collegio, que fundou na referida cidade, sob o titulo: *Collegio de Nossa Senhora da Conceição*, onde recebêrão

educação superior as filhas das principaes familias de Rezende e dos municipios vizinhos.

Em 1866 cazou-se Narciza Amalia com João Baptista da Silveira, filho de uma das mais distintas e opulentas familias rezendenses, e que seguia em São-Paulo os seus estudos.

D'esse sempre importante facto, o cazamento, datão todas as infelicidades, que tornárão tão amarga a existencia da infortunada moça.

Senhor de uma fortuna, que não sabia administrar, e dotado de uma alma compassiva e aberta a todas as desditas, seu marido, em pouco mais de tres annos, esbanjou prodigamente todos os bens herdadas, ficando reduzido com sua espoza, não sómente á pobreza, mas á mizeria, que seus habitos de ociozidade não podião, nem sabião combater.

Chegadas as couzas a este terrivel extremo, julgou o honrado professor dever chamar para sua caza a filha desventurada; mas o marido d'esta, a despeito da generozidade fidalga do sogro, recuzou acompanhar sua mulher, e, sahindo de Rezende, abandonou-a para sempre.

Desde então conservou-se Narciza Amalia no lar paterno.

O desgosto profundo, que invadio então a alma da illustre Fluminense, alma altiva, cruelmente humilhada por essa immerecida desventura, o horror do prezente, o desespero do futuro, a saudade do passado tão florido e cheio de promessas ridentes, a necessidade fatal de fugir ás suas proprias idéas, de sufocar os sentimentos explozivos de seu generozo coração—tudo isto reclamava uma diversão poderoza e mitigadora, um remanso consolador, um porto de salvação; o estudo e o cultivo pratico das letras fôrão essa diversão, esse remanso, esse porto de salvação. Tal a origem historica, a cauza ocazional de sua brilhante carreira literaria.

« A quelque chose malheur est bon. »

A cauza eficiente porém era um talento pujante, que necessitava irradiar-se. Foi então, que começou a escrever para o *Astro Rezendense*, para o *Pirilampo*, pequena folha literaria, que mais tarde redigio só, e para todos os jornaes

que solicitavão sua collaboração, sob o pseudonimo de *Narandiba.*

Em 1871 publicou um estudo sobre *os climas antigos*, assumindo pela primeira vez a responsabilidade de seus escritos: em 1872, uma precioza collecção de poezias, as *Nebulozas*, pelas quaes é geralmente conhecida, um primorozo livro,e em 1873 o pequeno mas interessante romance intitulado *Celeste.*

De 1872 a 1873 foi collaboradora activa e prezada da *Republica* (periodico de propaganda republicana distintamente redigido, que se publicou n'esta côrte) e de muitas outras folhas; escrevendo tambem para a bella revista *Artes e Letras*, de Portugal.

As poezias, que publicou nos jornaes de 1873 para cá, não tem sido por ora, infelizmente, colleccionadas; tem feito e publicado diversas esmeradas traduções, sobresahindo a do *Romance da mulher que amou*, de Arsene Hou saye, editada pela caza Garnier e recebida com aplauzo pela imprensa brazileira e portugueza.

Numerozas e honrozissimas têem sido as manifestações de apreço, simpatia e admiração, que tem recebido a eminente poetiza brazileira de seus patricios no cazo de poderem aprecial-a, notando-se entre as ditas manifestações quatro principalmente, de que daremos sucinta noticia, por ordem cronologica:

1.ª Uma esplendida festa a 2 de Março de 1873, na sala da camara municipal de Rezende, á qual assistirão muitas senhoras e 150 cavalheiros.

O fim principal da mesma festa foi a oferta de uma *Lira de ouro* pelos conterraneos da poetiza (São-João da Barra)e de uma penna, tambem de ouro, pela sociedade *Aurora.* Forão proferidos e lidas diversos discursos e poezias, figurando entre os encomiastas do genio da illustre Fluminense os seguintes Srs.: Dr. João Martins da Silva Coutinho, Dr. Joaquim de Azevedo Carneiro Maia, Dr. Joaquim Augusto Ribeiro da Luz, Dr. Antonio Jozé Vieira Ferraz, Dr. Candido Pereira Barreto e Jozé Pimentel Tavares.

Depois d'aquellas ofertas, seguio-se um baile, e a este uma ceia, que terminou ao amanhecer.

Por iniciativa ou lembrança da festejada, derão-se dous

factos mereccedores de honroza menção ; o primeiro uzo da pena de ouro foi uma subscripsão, que subio a 130$, em favor de um pobre chefe de familia, cujo agradecimento lêmes no *Astro Rezendense* do dia immediato, e ás 9 horas da manhan d'esse dia dous taboleiros com os sobresalentes da ceia erão enviados ás prizões dos homens e das mulheres.

Tão pias lembranças muito abonão por certo os sentimentos filantropicos, e o nobre caracter da nossa tão estimada patricia.

2.ª A 20 de Setembro de 1874 recebeu a simpatica e inspirada poetiza uma nova e brilhante manifestação da parte da distinta mocidade dos cursos superiores d'esta côrte, sendo seu orgão autorizado o incansavel patriota Sr. conselheiro Saldanha Marinho, que, indo a Rezende vizitar a loja maçonica *Lealdade e Brio*, incumbio-se graciozamente de entregar áquella nossa illustre patricia uma penna de ouro, com pontas de diamante, simbolo eloquente do estilo correcto e simultaneamente graciozo e viril da notavel escritora.

Esta demonstração, que realizou-se com o devido apparato, está consignada á pagina 755 do *Boletim de Agosto a Dezembro de* 1874 *do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brazil*

Aquella data significa pois um facto memoravel e muito honrozo da biografia de Narciza Amalia.

3.ª A 16 de Outubro do mesmo anno de 1874, vizitando o Imperador a cidade de Rezende, procurou conhecer a poetiza fluminense, conforme declarou a seu pai, o prestimozo e illustrado professor publico, Joaquim Jacome de Oliveira Campos.

Narciza Amalia encontrou-se com o Imperador, que manifestou-lhe o dezejo de possuir uma das suas poezias ineditas, notando-lhe entretanto o tom democratico da maioria d'ellas. Já na estação, e em retirada, foi satisfeito o dezejo de Sua Magestade, que detidamente conversou com aquelle professor ; o que tudo vem referido no *Rezendense* de 18 de Outubro do citado anno.

4ª. Finalmente a sociedade brazileira *Recreio Literario* a 11 de Novembro, ainda do anno de 1874, ofereceu á Narciza Amalia um rico album forrado de veludo azul,

com dedicatoria em letras de ouro, e em cuja primeira pagina lê-se a seguinte poezia:

A' NARCIZA AMALIA

As Nebulozas, cantos
De altiva adolescencia,
São vasta florescencia
De estrellas em botão.

Reverberando chammas de augusta fantazia,
Chovendo almas torrentes de ardente inspiração!
— Avante, meiga Esther e alma de Hipathia!
Quem teve as *Nebulozas* por lucido proscenio,
Nasceu a grandes feitos: mais luz, mais luz, oh! genio!
Aurora, mais fulgores! Belleza, mais poesia!

Vimos pedir-te, oh! genio!
Um obulo de luz;
O pó do carro ovante
Que aos évos te conduz.

— Uma penna das azas com que voaste á gloria.
— Um raio d'esse extremo clarão, que nos seduz!
Esculpem-se os teus cantos nas paginas da historia.
Sabemos pois, que os astros são ninhos de condores,
Mas dá-nos n'este livro um pouco dos fulgores,
Que teu nome gravárão do povo na memoria.

Em 1876, a 22 de Fevereiro, perdeu a illustre poetiza uma irman muito querida, o que cauzou-lhe profundo desgosto, agravado a 22 de Maio do mesmo anno pela morte de seu marido, que sempre respeitou e prezou, a despeito de todos os dissabores, de que foi cauza, talvez inconsciente.

Estes tristes acontecimentos tinhão-a arredado, por algum tempo, das lides literarias, quando, em Novembro de 1878, um novo e tremendo golpe veio ferir a tão desditoza moça, tornando-a orfan de seu prezidissimo pai, o guia, o mestre e o amparo de sua tribulada vida domestica e de seus labores incessantes no mundo das letras.

Aquella morte foi para a distinta Fluminense uma perda immensa! *nigro notanda lapillo.*

A 20 de Maio de 1880, satisfazendo a ultima vontade de seu querido pai e seus mais intimos dezejos, passou a segundas nupcias, cazando-se com um honrado negociante de Rezende, o Sr. Francisco Cleto da Rocha, que procura dar-lhe a antiga e perdida felicidade. Ainda bem.

Eis, em rezumo, a biografia de Narciza Amalia, biografia de uma moça, pois que tem apenas trinta annos de idade, e de quem as letras patrias ainda muito devem esperar.

De uma bella carta, que se dignou dirigir-nos, transcreveremos as seguintes palavras, que explicão sua fizionomia politica e certo tom democratico de seus distintos trabalhos, mesmo os estritctamente literarios:

« O amor á liberdade, revelado em quazi todos os meus escritos, foi um legado de meus antepassados, alguns dos quaes conspirárão com o *Tira-dentes*. A historia de minha patria foi-me revelada por meu avô, desde os meus mais tenros annos, sob a fórma de pequenos contos. O terreno era novo e bom; a semente vingou. Desde que comecei a raciocinar, manifestei as mesmas idéas e os mesmos sentimentos, que manifesto hoje, em ralação ao senhor e ao escravo, ao opressor e ao oprimido.»

Depois d'esta citação, apenas diremos: a carta referida tem a data de 1 de Julho de 1880.

Fique consignada esta simples noticia biografica nas paginas perduraveis da *Revista do Instituto Historico*, que d'este modo muito avizadamente anteciparà, cremos, o juizo definitivo da posteridade, que então, quem sabe? vâmente procuraria construir a biografia de uma brazileira tão merecedora do respeito, da simpatia e da admiração de seus compatriotas, lamentando o descuido e a ingratidão imperdoaveis da geração contemporanea! Luiz Penna e Dutra e Mello, que exhumámos laboriozamente inteiros e admiraveis, inspirarão-nos esta idéa.

Luiz Francisco da Veiga.

REZUMO BIOGRAFICO

O commendador Antonio Joaquim Alvares de Amaral nasceu n'esta capital da Bahia aos 25 de Julho de 1795.

Era filho legitimo de Jozé Felipe Alvares de Amaral e de D. Maria Francisca de Almeida Amaral.

Cazou com D. Anna Ladisláu do Amaral, filha do consul João Ladisláu de Figueiredo Mello e d'esse consorcio teve quatro filhos, restando apenas dous, Jozé Alvares do Amaral, oficial da secretaria do governo da provincia apozentado, e o dezembargador tambem a pozentado Manoel Maria do Amaral.

Não tendo podido o commendador Alvares do Amaral seguir carreira academica, para a qual mostrava muita propensão, cursára apenas as humanidades com muito aproveitamento.

Entrou para o funcionalismo publico em 3 de Setembro de 1810, como praticante da junta da real fazenda.

Depois de exercer diversos logares até 1822, emigrando para o reconcavo, em consequencia da guerra da Independencia, foi nomeado primeiro deputado commissario geral do exercito pacificador para organizar o commissariado, onde mostrou-se incansavel nos serviços, que prestou a bem da patria.

Depois de proclamada a Independencia, foi, em 1828, encarregado pelo governo da provincia de crear a repartição da meza dos direitos de exportação, depois consulado, e de facto a creou, sendo logo nomeado administrador d'essa repartição.

Por carta imperial de 12 de Junho de 1828 foi nomeado secretario da provincia, tendo sido, pela sua pratica,

experiencia e conhecimento do pessoal e material da provincia, um poderozo auxiliar a quatorze prezidentes, que a administrárão, tendo-o por secretario, e atravessando a provincia, durante todo esse espaço de tempo, crizes bem milindrozas, achou-se elle no seu posto de honra, sendo ás acertadas medidas e providencias energicas então tomadas pelos prezidentes, em grande parte aconselhados por elle com a prudencia e tino, que o distinguião, dando sempre em rezultado o restabelecimento da ordèm e da tranquilidade publica.

Tendo sido apozentado, a seu pedido, no logar de secretario da provincia em 1841, foi eleito escrivão da santa caza da mizericordia d'esta capital, onde prestou muitos serviços, pelo que a meza e junta mandárão colocar-lhe ali o retrato, quando elle se achasse fóra da provincia.

Em 1845 foi nomeado prezidente da provincia de Sergipe, onde por sua administração moderada, e sua experiencia dos negocios publicos, grangeou a estima geral.

No anno de 1848 foi nomeado prezidente da provincia do Maranhão, continuando a exercer esse cargo com toda a moderação e pericia, de que era dotado.

Voltando á Bahia foi nomeado bibliotecario da livraria publica, que se achava então em completa dezorganização, e ahi mostrou o commendador Alvares do Amaral seu zelo activo, energico, infatigavel e vigilante para tirar a biblioteca do cahos, em que se achava.

O commendador Alvares do Amaral foi conselheiro do provincia no anno de 1830.

Por seus relevantes serviços, honradez e amor da patria, foi sempre bemquisto de seus patricios e galardoado pelo governo imperial.

Era commendador da ordem de Christo, oficial da ordem da Roza e condecorado com a medalha da restauração da Bahia, na guerra da Independencia.

Foi sempre eleitor das freguezias, em que morou.

Foi eleito por esta provincia deputado á assembléa geral na legislatura de 1836 e reeleito na immediata, no anno de 1840.

Foi o primeiro votado na lista sextupla para senador do Imperio por esta provincia em Abril de 1837.

Foi honrado com o diploma de socio do Instituto Historico e Geografico do Brazil.

Era contribuinte do montepio de ecónomia dos servidores do estado.

O commendador Alvares do Amaral pertenceu sempre ao partido dos homens moderados, e era monarchista sincero; suas opiniões fôrão todavia puramente liberaes.

Faleceu n'esta capital aos 18 de Maio de 1853, com 58 annos de idade.

Bahia 20 de Abril de 1882.

Jozé Alvares do Amaral.

NOTAS BIOGRAFICAS

Viscónde de Araguaia

No nosso ultimo numero noticiamos a morte do Visconde de Araguaia, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Imperio do Brazil junto á Santa Sé.

Hoje podemos dizer algumas palavras sobre a existencia do homem illustre, que acaba de dezaparecer.

Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia, cuja morte é uma perda immensa para o nosso paiz, nasceu no Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1811. Fez seus estudos de humanidades no seminario de São-José, onde teve por professor de filozofia o sabio franciscano Francisco do Monte-Alverne, um dos maiores oradores da tribuna sagrada.

A 21 de Fevereiro de 1832 Magalhães formou-se em medicina, e n'este mesmo anno publicou seu primeiro volume de poezias.

No mez de Outubro de 1834, Magalhães partio para a Italia com o seu amigo Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo-Angelo, que morreu em Lisbôa, para onde tinha sido nomeado consul geral do Brazil. Foi na Italia, que Magalhães escreveu os *Suspiros Poeticos e Saudades.*

Foi nomeado adido á legação de Pariz a 9 de Janeiro de 1835, e na grande capital escreveu a tragedia *Antonio José, ou o Poeta e a Inquizição.*

Em 1836, Magalhães deixa a carreira diplomatica e volta ao seu paiz, onde entra na redação do *Jornal dos Debates*, com o seu excellente amigo Salles Torres Homem, que foi mais tarde Visconde de Inhomerim.

N'esse mesmo anno compôz a tragedia *Olgiato,* que foi reprezentada no Rio de Janeiro pelo nosso grande artista João Caetano dos Santos.

No mez de Dezembro de 1839, Magalhães partiu para a provincia do Maranhão como secretario do prezidente Luiz Alves de Lima, que foi mais tarde Marquez e Duque de Caxias. Durante sua estada n'essa provincia escreveu a historia da revolução do Maranhão, obra que mereceu grande apreço do Instituto Historico e Geografico do Brazil, de que elle era um dos membros mais illustres.

Em 1841, de volta ao Rio de Janeiro, foi nomeado professor da cadeira de filozofia do Liceu de Pedro II.

Em 1842, Magalhães partio para o Rio-grande do Sul como secretario do general, prezidente da provincia, que era o mesmo Marquez de Caxias. Estando em revolução essa provincia e achando-se em campanha o general prezidente, Magalhães exerceu n'ella as funções de prezidente.

Depois da pacificação do Rio-grande do Sul, Magalhães voltou ao Rio de Janeiro e tomou assento como deputado pela provincia, que acabava de deixar.

Em 1847, cazou-se e foi nomeado encarregado de negocios do Brazil em Napoles, onde poude acabar a *Confederação dos Tamoios,* epopéa nacional, que foi traduzida em italiano pelo coronel Ricardo Ceroni. Escreveu depois os *Factos do espirito humano,* obra que foi traduzida em francez por Mr. Chancelle, em 1859.

No mez de Maio de 1857, Magalhães foi nomeado ministro rezidente em Vienna, e, durante sua estada na capital d'Austria, publicou oito volumes de suas obras.

No mez de Março de 1867, partiu como enviado extraordinario para os Estados-Unidos. Em Abril de 1871 o governo acreditou-o no mesmo posto em Buenos-aires, e em 1873 foi enviado em missão especial ao Paraguai para celebrar com o general Bartolomeo Mitre o tratado de limites.

Em 1879, por ocazião da questão religioza, que deu lugar á prizão dos dous bispos de Olinda e do Pará, o Visconde de Araguaia foi nomeado enviado extraordi-

nario junto á Santa Sé, e com um grande talento, cheio de sabedoria, pôde rezolver todas as questões entre o Brazil e a côrte romana.

Em Roma, o Visconde de Araguaia publicou a *Alma e o cerebro*, verdadeiros estudos de psicologia e de fiziologia, e os *Commentarios e pensamentos*, que dedicou ao seu filho.

Para terminar esta curta noticia, damos a lista de todas as obras do homem illustre, que a morte acaba de nos arrebatar:

Poezias avulsas, *Suspiros Poeticos e Saudades*, *Algumas tragedias*, *Urania*, *Confederação dos Tamoios*, *Canticos funebres*, *Factos do espirito humano*, *Opusculos historicos e literarios*, *Alma e o cerebro*, *Commentarios e pensamentos*.

Existe alem d'isto um grande numero de manuscritos, que seu filho deverá publicar um dia.

A estas notas biograficas podemos acrescentar, que Magalhães, sendo ainda bem moço, redigia em Pariz a *Revista Brazileira*, e tinha por colaboradores — Sales Torres Homem, Porto-Alegre, Lima de Itaparica e Azeredo Coutinho.

N'esta *Revista* lemos um bello artigo de Magalhães sobre a *Filozofia da religião*.

M. B.

(Traduzido do *Brésil* de 5 de Agosto de 1882, periodico que se publica em Pariz)

DIPLOMA DE NOMEAÇÃO

DE

FAMILIAR DO SANTO OFICIO

Os do Conselho geral do Santo-oficio contra a heretica pravidade e apostazia n'estes reinos e senhorios de Portugal etc.

Fazemos saber a quantos a prezente virem, que pela bôa informação, que temos da geração, vida e costumes de Antonio Borges de Carvalho, homem de negocio, solteiro, filho de Antonio Lopes, natural da frequezia de Valbemfeito, termo da cidade de Bragança, e morador n'esta de Lisbôa, e confiando d'ele, que fará com toda a diligencia, consideração, verdade e segredo tudo o que por nós lhe fôr mandado e pelos Inquizidores cometido:

Havemos por bem de o crear e fazer Familiar do Santo oficio da Inquizição d'esta cidade de Lisbôa, para que d'aqui em diante sirva o tal cargo, assim como o servem os mais Familiares da dita Inquizição, e com elle goze de todos os previlegios, izenções e liberdades, que por direito, provizões e alvarás dos Srs. Reis d'estes reinos são concedidos aos Familiares do Santo-oficio.

Notificamol o assim aos Inquizidores para que o admitão ao dito cargo e lh'o deixem servir conforme seu regimento, dando-lhe primeiro juramento, de que se fará assento por elle assinado no livro da creação dos Familiares e oficiaes da mesma Inquizição na forma do estilo a ella. Et *auctoritate apostolica* mandamos a todas as justiças assim ecleziasticas como seculares d'estes reinos e senhorios e mais pessoas, a quem o conhecimento d'isso pertencer, hajão e tenhão ao dito Antonio Borges de Carvalho por Familiar do Santo-oficio, e lh'o guardem, cumprão e fação guardar e cumprir inteiramente esta nossa provizão

e todos os ditos privilegios como n'elles se contem, sob as penas e censuras em direito e nos mesmos privilegios declarados, e de se proceder contra os culpados como pessoas que ofendem aos ministros do Santo-oficio da Inquizição.

Dado em Lisbôa, sob nossos sinaes e sêlo do Conselho geral do Santo-oficio, aos 15 dias do mez de Dezembro de 1761 annos.

Antonio Baptista, secretario do mesmo Conselho geral, assim escreveo, e subscreveo.

Francisco Mendo Trigozo. Simão Jozé da Silveira Lobo. Paulo de Carvalho Mendonça. D. Paulo Alves Pereira de Mello.

Carta por que V. Ill^{mas}. são servidos crear Familiar do Santo-oficio da Inquizição d'esta cidade de Lisboa a Antonio Borges de Carvalho pela boa informação que d'elle têem.

(Copiado do original escrito em pergaminho, e existente no archivo do Instituto historico e geografico do Brazil)

ASSIGNATURA MONOGRAFICA E AUTOGRAFA DOS REIS

Lisboa 12 de Janeiro de 1849.

Tenho a honra de oferecer ao Instituto historico o incluzo exemplar do « fac simile » das assinaturas dos senhores reis e rainhas e infantas, que têem governado Portugal, obra que acaba de ser publicada n'esta côrte.

Principia ella pela assinatura do Sr. rei D. Diniz; porque o editor não achou na Torre do Tombo em documento algum as assinaturas dos Senhores reis D. Afonso I, D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, segundo a declaração que faz na advertencia, que precede a sua obra. E de não tér axado aquelas assinaturas conclue com admiração, que é obvio o motivo, dando assim a entender que aqueles principes não sabião escrever.

O editor commeteu nisso um erro, que é precizo relevar em honra da verdade. Antes do meado do 14º seculo os soberanos não assinavão manualmente, mas sim por monogrammas, e não era isso por não saberem ler, mas sim porque era esse o costume, e de ordinario o fazião com o punho da espada, onde o monogramma estava gravado, dizendo que defenderião com a ponta o que firmavão com o punho.

O primeiro rei de França, que assinou manualmente foi Carlos V, que reinou os 16 annos, que decorrem de 1364 a 1380, época em que reinárão em Portugal D. Pedro I e D. Fernando, neto e bisneto de D. Diniz. Ora D. Diniz subio ao trono em 1279; sendo pois elle o primeiro rei portuguez, que assinou manualmente, segue-se, que este

uzo principiou em Portugal 85 annos antes de principiar em França, ou que os progressos da civilização em Portugal são a este respeito anteriores aos da França.

Os autores francezes, que tratárão d'este assunto são concordes em dizer, que os predecessores de Carlos V não assinavão manualmente, porque não era esse o uzo d'aquele tempo.

Documentos historicos provão, que D. Afonso I e seus sucessores erão principes esclarecidos; como pois atribuir a elles o que os autores francezes não admitem a respeito dos principes predecessores de Carlos V? Isto basta para demonstrar o erro, em que o editor cahio impensadamente quando para explicar o facto servio-se de um a ipóteze desviada da razão, e do que nos ensina a historia.

Prevaleço-me d'esta ocazião para renovar a V. S. os protestos da minha distinta consideração.

Illm. Sr. Manoel Ferreira Lagos, Secretario perpetuo do Instituto Historico.

Antonio de Menezes Vasconcelos de Drumond.

PROCLAMAÇÃO

Por ocazião da nomeação de condestavel do Brazil

EM 1807

Fieis vassalos habitantes do Brazil! Desde o principio da minha regencia existiu inalteravel em meu coração o mais ardente dezejo de dar-vos reiteradas provas da minha estimação, e paternal afecto; tempos calamitozos porém me não permitirão manifestar-vos toda a sua extensão. Nas vicissitudes politicas da Europa, vós vos unistes sempre aos outros meus vassalos, mostrando em todo o sentido o zelo o mais puro, e a concurrencia a mais eficaz para a manutenção da monarchia portugueza. Achando-se esta prezentemente, apezar de todos os meus desvelos, exposta ao flagelo da guerra, espero, que a mão do Onipotente haja de amparar o meu trono.

Em tão critica conjuntura vos quero dar um claro testimunho de meus extremozo afecto, oferecendo á vossa tão antiga, como experimentada lealdade, a ocazião de novamente a exercerdes em pessoa, que me é summamente cara e amada, e para com quem, estou certo, me acompanharáõ os vossos animos em sentimentos da maior ternura.

Sendo do meu real dever não abandonar, sinão em ultimo extremo, vassalos descendentes, como vós, d'aqueles que pelo seu valor, e á custa do proprio sangue, restaurárão o trono aos meus augustos predecessores, vos confio o principe meu primogenito, em quem espero, que, pelo decurso do tempo, achareis a herança, que, já em seus tenros annos, principiei a transmitir-lhe, da minha particular afeição para comvosco.

Vós o deveis reconhecer tambem com o novo titulo de Condestavel do Brazil, que eu houve por bem crear, e conferir-lhe, afim de aliar melhor os interesses da corôa com os vossos proprios, contribuindo d'este modo para a prosperidade geral d'essa vasta e precioza região.

Fieis vassalos, habitantes do Brazil! Eu prevejo com intima satisfação quão dignamente sabeis avaliar tão querido e inestimavel penhor; guardai-o, defendei-o com aquela honra e valor, que vos são innatos na qualidade de Portuguezes.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 2 de Outubro de 1807. (*)

João P. R.

FIM DO TOMO XLV PARTE PRIMEIRA

(*) Esta proclamação axa-se por certidão autentica no archivo do *Instituto Historico*, passada na Biblioteca Nacional de Lisbôa.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLV

PARTE PRIMEIRA

REVISTA TRIMENSAL